

PERIGO PARA TRÊS MILHÕES DE PORTUGUESES

Submarinos nucleares "frequentam" o Tejo

Um submarino nuclear norte-americano deixou, há dias, discretamente, pela madrugada, o cais da Polnato, no estuário do Tejo (Trafaria), rumo ao Mediterrâneo e, por certo, à 6.ª esquadra dos EUA.

Trata-se, segundo pudemos apurar, de uma partida de rotina, pois não são raras as entradas e saídas nessa área do

Porto de Lisboa, de submarinos nucleares daquele país da NATO, desconhecendo a opinião pública portuguesa tais visitas e os perigos que elas oferecem para a população da área.

Registe-se, a propósito que a maioria dos países, incluindo os que possuem navios nucleares, criam grandes dificulda-

des e exigências para a entrada de tais barcos nos seus portos, pelos perigos que isso representa. Nem mesmo em Itália (membro da NATO), ou na própria base americana de «La Rota» em Espanha, lhes é facilitada, tanto quanto sabemos, a entrada.

Entre nós, a Junta de Energia Nuclear já pôs o problema

da revisão das leis, que regulamentam mais eficazmente a entrada de tais barcos em portos nacionais, ao Estado-Maior da Armada, órgão responsável pelas autorizações. Ainda não obteve resposta.

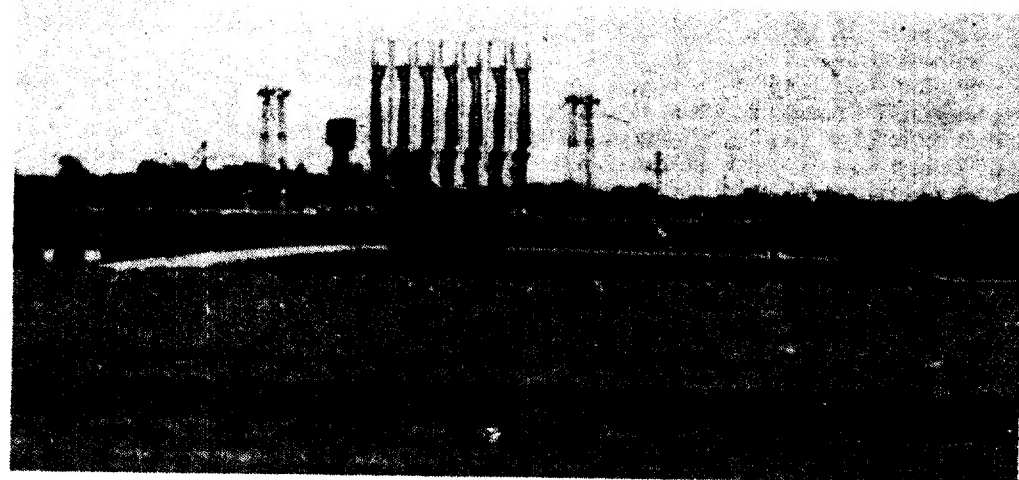
A questão assume ainda maior relevância quando se fala com insistência nos perigos das centrais nucleares e se esquece que, de vez em quando, temos às portas de Lisboa — cerca de dois milhões de habitantes — uma central nuclear «flutuante», sem obedecer aos requisitos normais de segurança.

«PLANO DE EMERGÊNCIA»

Na Cova do Vapor, povoação piscatória, vizinha da Polnato, a população sabe tratar-se de um submarino nuclear, o comprado barco, com sete compridas pontas, que aparece frequentemente naquele ancoradouro, mas desconhece os perigos potenciais enormes de tal presença.

Entretanto no caso português basta — segundo apuramos — uma declaração do go-

Continua na pág. 16



No dia 25 de Abril do corrente ano, este submarino nuclear dos EUA estacionou no Tejo, frente à capital portuguesa

CERIMÓNIAS JÁ SE INICIARAM

Centenário da morte de Alexandre Herculano

«Ler, meditar e divulgar a obra do grande historiador», foi esta manhã definido por Mário Soares como a melhor homenagem que se pode prestar a Alexandre Herculano, nas cerimónias comemorativas do primeiro centenário da morte do escritor, esta manhã iniciadas no Mosteiro dos Jerónimos com a colocação de uma palma de rosas amarelas e vermelhas no seu túmulo.

Referindo Herculano como uma das figuras tutelares da nossa cultura, o Primeiro-Ministro considerou fundamental a divulgação da obra do escritor sobretudo junto dos jovens, dado que «cada geração trará a sua visão peculiar ao estudo de Alexandre Herculano». O contributo deste estudo foi considerado fundamental à compreensão de nós próprios e do nosso destino colectivo.

No princípio da tarde, Mário Soares descerrou uma placa de pedra e bronze na casa onde viveu Herculano em Vale de Lobos. No Porto, às 18 e 30, o Primeiro-Ministro inaugurará uma exposição bibliográfica integrada nas cerimónias.

(Pág. 5)

AMANHÃ NO "DL"

Uma tarde com Vasco Gonçalves

(2.ª e última parte)



Torpedo ensaia na Luz espectáculo de 11 mil contos

(Em "Desporto": reportagens dos clubes envolvidos na "quarta-feira europeia")

HOJE HÁ "EXCLUSIVO"

EXCLUSIVO



Como em todas as terças-feiras, publicamos hoje o nosso suplemento «Exclusivo». Eis alguns dos temas da actualidade internacional que são tratados nas suas páginas: a candidatura da Espanha à CEE, a violência na RFA (tema dum artigo da autoria do grande escritor francês Jean Genet) o renascimento do culto de Hitler, a luta de classes na Etiópia, as vicissitudes do poder branco na Rodésia e na Namíbia, e a assinatura do tratado sobre o canal do Panamá.

CONTA GERAL DO ESTADO

Despesas atingem 84 milhões

Foi de 83 962 708 145\$50 o total da despesa do Estado entre Janeiro e Setembro do ano económico de 1976, verba a que se contrapõem 60 653 499 145\$60 de receitas. Entre uma e outra, uma diferença (de sinal negativo) no valor de 23 309 308 996\$90.

Analisando a conta provvisória naquele período de tempo hoje publicada em suplemento ao «Diário da República», depara-se com um total de 59.878.584.988 escudos provenientes de receitas ordinárias (impostos diversos como sobre o rendimento, aduaneiros, selo, consumo, etc.) e 732 809 836\$90 de receitas extraordinárias.

Neste último capítulo algo de insólito: 203.190.582 escudos foram cobrados através de impostos para a defesa e valorização do ultramar (I), isto três anos após a dissolução do império colonial português. Mas mais curioso ainda é que tal imposto (que o comum dos cidadãos pensará que de há muito deixou de pagar), não só pesa como verba principal no capítulo das receitas extraordinárias como apresenta mesmo um acréscimo de 45.405.791 escudos relativamente à cobrança efectuada no ano económico de 1975.

Passando ao capítulo das despesas, do total (soma das

despesas ordinária e extraordinária) de 83.962.708.145\$50 (66.126.982.515\$10 em autorizações de pagamentos efectuadas entre Janeiro e Setem-

bro do ano económico de 1976), 479.427.441 escudos foram consagrados a Encargos Gerais da Nação (Presidência

Continua na pág. 16

DIRIGENTE DO PS ANUNCIA

Remodelação ministerial tem "muitas hipóteses"

O dirigente do PS, Jaime Gama, inquirido por um matutino português acerca da próxima (desmentida por Soares) remodelação governamental, adiantou que «são muitas as hipóteses, mas nada está ainda definido», tendo acrescentado que o seu partido discutirá no próximo fim-de-semana, em reunião de Secretariado, a estratégia a seguir para o ano político que agora começa.

Relativamente ao reafirmar da proposta do PCP, na festa do «Avantel», (eleições gerais ou Governo de Plataforma) e às recentes declarações de Sá Carneiro e Amaro da Costa (não ao «contrato de legislatura» e não a Governo minoritário, respectivamente) aquele dirigente e deputado do PS referiu que será igualmente na

reunião do Secretariado que se tomará posição sobre tais propostas ou declarações.

Entretanto, e ainda acerca da remodelação governamental, o mesmo matutino considerou que dentro do PS há sectores que defendem o desenvolvimento de negociações com o CDS e o PSD-PPD enquanto «a maioria dos militantes e quadros parece defender a estratégia do Governo homogéneo, realizando-se contudo, negociações com os partidos da oposição», visando o chamado «contrato de legislatura».

Sobre isto Jaime Gama disse que não haveria declarações «porque estamos interessados em manter a discussão que desenvolvemos dentro de um certo segredo».



NO SILÊNCIO

Centenário de Aquilino Ribeiro

Se fosse vivo Aquilino Ribeiro faria hoje cem anos. Passa assim quase em silêncio o centenário do autor de «Terras de Demo», «O Jardim das Tormetas», «O Malhadinhas» e de outras obras que o colocam entre os maiores da língua portuguesa. A par da sua actividade literária, o grande escritor foi ainda um defensor intransigente da Liberdade e da Democracia sendo por isso alvo de perseguições quase até à sua morte, ocorrida em Maio de 1963, tendo mesmo conhecido o exílio e a prisão.

Política de A a Z

HERCULANO

O centenário da morte de Alexandre será oficialmente comemorado. O Primeiro-Ministro preside às comemorações oficiais. A Secretaria de Estado da Cultura promove-as. Entre a muita parra retórica algumas uvas vos será dado saborear. Mas, do muito que se tem dito e escrito, e dos muitos fantasmas que se agitam para rondar o centenário, é o próprio Herculano, o homem inteiro que Alexandre Herculano foi, que se avanta. Vivo, não estará. Esquecida grande parte da sua obra. O enigma dos materiais manuscritos do último volume da «História de Portugal» permanece. E quanto ao grande Herculano permanece o equívoco de uma certa cultura académica.

O centenário do nascimento de Herculano foi comemorado pelos republicanos, então envolvidos em áspere luta contra o rei e a monarquia, como um acontecimento político. Leiam-se as publicações da época. Estamos a pensar numa página de António José de Almeida, por exemplo. E, contudo, é menos o Herculano do que «um certo aproveitamento» de Herculano que a leitura dessa página nos oferece. O «republicanismo» serviu-se de Herculano. Interpretar Herculano, ler Herculano, seria a tarefa posterior de estudiosos de formação tão diferente como um António Sérgio, um António José Saraiva, um Joaquim Barradas de Carvalho.

O livro «As ideias políticas e sociais de Alexandre Herculano», de Joaquim Barradas de Carvalho, é, talvez, a mais profunda análise do pensamento político de Alexandre Herculano. Enquanto um António Sérgio sobre Herculano escreve, sempre que o invoca, sempre que o cita, ao longo da sua extensa e sugestiva obra ensaística, sente-se a admiração recolhida na leitura de Antero de Quental e de Oliveira Martins. E estes, nas suas preocupações «políticas», nas suas exaltações «sociais», nas suas reflexões «filosóficas», na obra que vão produzindo, vivem a obsessão: que pensará o Herculano?

Em Setembro de 1873, Antero escreve a Oliveira Martins a propósito da publicação de «Portugal e o Socialismo»: «Agora peço-lhe que miudamente me mande dizer que acolhimento tem tido o seu livro. Que tem dito, primeiro, a imprensa; segundo, a literatura; terceiro, os companheiros; quarto, o Herculano. Você achará muito miúda esta minha curiosidade, mas é que o seu livro meu caro sr. Joaquim Pedro Oliveira Martins, fique-o sabendo, é um acontecimento...» E como o livro era «um acontecimento», importava conhecer a opinião do Herculano.

E Antero, considerou a tal ponto o livro «O Portugal e o Socialismo» de Oliveira Martins, o qual como se sabe Sérgio também estimaria, que escrevia ao autor: «É impossível que V. não tenha convertido o Herculano.»

Esta preocupação de Antero deve ser recordada. O «retiro» de Herculano era uma grande presença na vida portuguesa. E era, também, a condenação de académicos, políticos e de outros amadores dos tráficos que a um Herculano repugnavam. A sua obra é um monumento cultural. A sua vida uma lição que importa meditar.

O CERCO POLÍTICO

Não encontramos melhor expressão para caracterizar a situação que vem sendo criada ao Partido Socialista que esta de cerco. A ofensiva do PSD prossegue sistemática, inexoravelmente. O CDS ameaça com uma possível e próxima «moção de censura». Também o PCP é formal na condenação da política do Partido Socialista e do Governo socialista. A atitude da UDP não é diferente. Não é diferente na veemência condenatória a «esquerda» extraparlamentar. A «direita» ataca, censura, critica. O Partido Socialista não poderá deixar de reflectir nas consequências políticas, eleitorais no plano da gestão pública, e administrativas, desta situação de isolamento, partido «intermediário», partido «chameira», é uma vocação respectável; mas a essa vocação deverá corresponder uma capacidade de manobra, de negociação, de iniciativa. Ora, muito pelo contrário, o que vemos é o crescer das dificuldades, do bloqueamento. Opera-se uma evolução na situação política e na situação económico-financeira que favorece a «direita».

Estaremos enganados? Receamos que esta seja não só a realidade presente, como a perspectiva próxima. Não se descortina a vontade política de vencer esta crise para salvar a Revolução, e a Liberdade, e a Democracia, e a Independência Nacional.

O centenário de Herculano, a evocação de homens como Manuel Mendes ou a recordação de um Aquilino Ribeiro, deveriam servir-nos de pretexto e dar-nos ocasião para uma reflexão séria em torno do tema crucial: Para onde vamos?

CINCO DE OUTUBRO

Querira Raúl Proença que se falasse menos do aspecto revolucionário do «Cinco de Outubro» e que se reflectisse mais profundamente no significado e nos problemas da «República». Vale a pena recordar esta experiência do grande panfletário e do pensador quando nos aproximamos da data da Revolução Republicana.

Estamos habituados a comemorar o «Cinco de Outubro». Essa é uma tradição democrática e resistente. Essa é uma tradição de afirmação antifascista. Mas a data não deverá ser comemorada como quem pratica um ritual piedoso e uma improvisação apressada.

Não valerá a pena ir dizendo ao Povo o que foi a batalha pela República?

Juiz Barata atrasa julgamento do caso Delgado

Enquanto divergências de opinião surgidas entre o juiz Hugo Barata e o presidente da Comissão de Extinção da ex-PI-DE-DGS, brigadeiro Orlando Costa, levam ao envio ao CEMGA, general Ramalho Eanes, do processo referente ao caso Humberto Delgado, o TCHD (Tribunal Cívico Humberto Delgado) divulgou um apelo a todos os democratas e antifascistas portugueses para que colaborem individualmente ou em grupo nas suas actividades.

Afirmando ter-se constituído como «uma pedra basilar para todos os democratas e antifascistas portugueses que não querem deixar cair no esqueci-

mento os crimes da PIDÉ e do fascismo e para manter bem erguida a bandeira dos que, apesar das perseguições, torturas e prisões de que foram vítimas ajudaram a tornar possível o 25 de Abril», o TCHD agere a recolha de depoimentos, relatos da luta do Povo contra a pressão da PI-DE e outros documentos sobre a actividade da extinta policia fascista.

Entanto a referida divergência de opiniões entre o conhecido (pela libertação de ex-«pides») juiz Barata e o brigadeiro Orlando Costa, vai atrasar, certamente, o início do julgamento do caso Humberto

Delgado, previsto para Outubro próximo.

O citado juiz propunha «libelo» apenas contra Silva Pais e Pereira de Carvalho (ainda presos) e esquecia Ernesto Lopes Ramos (libertado sem fiança em 1976 e já ausente do País), Agostinho Tienza, Carlos Veloso, Eduardo Miguel Silva, António Semedo, João Nobre e Jesus Rodrigues.

Agora, e só após apreciação por Eanes do volumoso processo de oito volumes com 900 folhas, o processo irá para tribunal após passagem, intermédia pela Comissão de Extinção, entidade que elabora a notade envio a tribunal.

REVELOU JORGE CAMPINOS

Internacional Socialista intensifica apoio aos movimentos de libertação

Jorge Campinos revelou, igualmente, que excedendo a igualdade imediata da sua deslocação aos países da «Linha da Frente», se encontrou em Angola e em Moçambique com dirigentes do MPLA e da Frelimo, os quais: reafirmaram a vontade dos seus países de promover um alargamento do contacto com o PS e com o Governo Português.

Por outro lado, — a viagem proporcionou também uma recolha de dados, «suficientes para levar os partidos que compõem a Internacional Socialista, a ter uma política mais activa na condenação, não só

verbal ou documental do «apartheid», mas uma actividade aberta contra tal política, contra o seu suporte financeiro exterior, contra os mercenários, que reinam, abertamente, na Rodésia».

A necessidade de se intensificar o apoio político e material aos movimentos de libertação da África Austral, por parte dos partidos representados na Internacional Socialista, foi apontada por Jorge Campinos como conclusão da viagem que uma delegação daquela organização, fez recentemente aos países da «Linha da Frente».

A delegação da Internacional Socialista, em que Jorge Campinos figurou como representante do PS, encontrou-se em Angola, Moçambique, Zâmbia, Tanzânia e Botswana, com os mais qualificados responsáveis dos respectivos partidos dirigentes.

«Devo reconhecer» — disse Jorge Campinos, em declarações à ANOP — «que a delegação da Internacional Socialista, chefiada por Olof Palme, foi recebida com imensa simpatia. Tenho a impressão de que nessa parte da África se considera que os partidos da nossa organização podem constituir uma espécie de contrapeso a influência de países cuja presença está ali fortemente implantada».

FRATERNIDADE OPERÁRIA

Comissão de Conflitos do PS pronuncia-se ainda este mês

A situação dos militantes do Partido Socialista inscritos da associação de cultura «Fraternidade Operária» deverá ser objecto de um parecer definitivo da Comissão de Conflitos do PS ainda este mês.

Uma reunião daquela Comissão, em que o assunto deveria ser discutido, chegou a estar prevista para a semana passada, não se tendo todavia realizado. Presentemente, não está marcada qualquer reunião pa-

ra os próximos dias o que não exclui no entanto que uma decisão definitiva deve sair ainda este mês.

Os militantes em questão, entre os quais se contam ex-dirigentes do partido e deputados, como Lopes Cardoso e Kalidás Barreto, estão ameaçados de expulsão dado que as cúpulas do PS se pronunciam já pela incompatibilidade da filiação simultânea no PS e na FO.

Mário Soares recebeu delegação parlamentar francesa

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, recebeu ontem, ao fim da tarde, a delegação da Assembleia Nacional Francesa que visita Lisboa em missão de estudo e informação a propósito do pedido de adesão de Portugal ao Mercado Comum.

No final do encontro, que decorreu na residência oficial do Primeiro-Ministro, em S. Bento, Jacques Fouchier, chefe daquela delegação parlamentar francesa, declarou aos jornalistas ser ainda prematura qualquer opinião sobre os problemas económicos de Portugal na perspectiva da entrada no Mercado Comum.

Concluída a série de contac-

tos com algumas entidades responsáveis, os membros da delegação, no regresso a Paris, vão elaborar um relatório que será apresentado à Assembleia Nacional Francesa.

Jacques Fouchier acrescentou que o relatório da delegação acabaria por reflectir a forma excelente como tem decorrido esta visita a Portugal.

George Marchais: «Não queremos uma política à Mário Soares»

A três dias da reunião da «cimeira da esquerda», George Marchais, secretário-geral do Partido Comunista Francês declarou no domingo que «se aceitasse as propostas do Partido Socialista, não se poderia aplicar a nova política que aguardam os trabalhadores».

George Marchais, discursando na festa do «L'Humanité», organizada todos os anos pelo seu partido nos arredores parisienses, acrescentou que o PCF pretende «defender os interesses dos trabalhadores», e actuar de modo «a que amanhã não se encontrem em frente de uma política à Callaghan, à Schmidt ou à Mário Soares».

Estevez Perez novo embaixador de Cuba

O Conselho de Estado da República Socialista de Cuba acabou nomear seu embaixador em Lisboa o diplomata Manuel Estevez Perez. O novo chefe da missão diplomática cubana em Portugal, que substitui no cargo Astray Rodrigues, era até agora conselheiro da embaixada do seu país na cidade do Vaticano.

Mota Pinto regressa hoje

O Ministro do Comércio e Turismo, prof. Mota Pinto regressa esta noite a Lisboa, vindo de Colónia, onde foi assistir à inauguração da Feira Internacional da Alimentação (ANUGA-77).

Ganhe mais... sabendo mais! APRENDA LÍNGUAS



Fazer um curso de línguas na Berlitz é um investimento duplamente rentável: **Promove-se profissionalmente** **Amplia os seus conhecimentos** Inglês, Francês, Alemão ou qualquer outra língua, com professores da nacionalidade e pelo eficiente método Berlitz.

BERLITZ®

Sistema de Ensino Directo

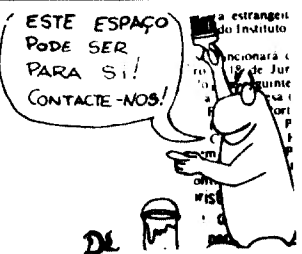
Largo de S. Domingos, 14-2.º - LISBOA
(Entrada pelas Escadinhas da Barroca, 2)
Telef.: 87 46 56

ARMÁRIOS ROUPEIROS ESTANTES

e quaisquer outros MÓVEIS executados por desenhos todos os modelos e medidas.

FÁBRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO

Rua Maria Andrade, 64
(Junto igreja dos Anjos)
Telef. 84 87 19



post-scriptum

Será que vamos passar de automóvel para burro?

Surpreendido fiquei, com o que disse o sr. Medina Carreira no Programa «Mosaico», realizado pela RTP em 26/8. Além de falar na «Visita da Cornélica», que me ofendeu, pois é, dos programas da RTP que mais aprecio, mais até de que alguns «Mosaicos», acrescentou o sr. Medina Carreira que, no tempo dos nossos avós se andava de burro. Como poderemos aceitar, num regime democrático, uma explicação desta natureza aos trabalhadores deste País? Será que vamos passar a andar de automóvel para burro?

Além disso, com o aumento do combustível, e não só, gostava que o sr. Medina Carreira me explicasse o seguinte: o sr. ministro e o Governo, já imaginou a percentagem, a nível nacional, da população que vive do ramo automóvel? O que acontecerá às milhares de oficinas ligadas ao sector existentes no nosso país? E os representantes de marcas, venda de acessórios, fábricas de montagem e toda a engrenagem ligada ao mesmo? Francamente, sr. ministro, tapa-se um turo e rebenta uma fenda?

É na realidade lamentável a crise que atravessa o sector automóvel e, com esta medida, vai ser agora a derrocada final. Sim, até porque, além do combustível, temos os aumentos dos automóveis, peças (devido aos portes alfandegários) etc., que vão afectar o sector.

Haverá um acréscimo de despedimentos bastante apreciável de trabalhadores, que a meu ver não se pode chamar propriamente socialismo.

Mário Barros
— PORTO

Hinoianque no Estádio da Luz: a que propósito?

Como amante do desporto, apresentávamo-nos, no passado dia 10 do corrente, na bancada de sócios do estádio da Luz, para assistir ao primeiro jogo oficial desta temporada futebolística ali disputado, entre o Benfica e o Belenenses, quando nos apacebemos de que alguém a nosso lado rasgava em quatro o seu cartão de associado.

Parante o olhar interrogativo dos circunstantes, num imperativo «ouçam!», aquele homem sintonizou-nos a todos à instalação sonora do estádio.

— tinha prometido a mim mesmo — disse — se voltasse a ser novamente bombardeado, neste estádio que ajudava erguer, com o hino nacional americano, a despropósito, como acontecia durante toda a época transacta esse seria o meu último dia de sócio do clube.

— Estamos realmente habituados a que, quanto num estádio se faz ouvir o hino nacional de qualquer país, das duas uma: Ou um dos intervenientes no jogo é representante desse país, ou o representante desse país, no jogo, alcança a vitória. Como nunca ouvimos nenhum hino nacional incluído em reportórios de música mais ou menos folclórica como aquela que balastava, ali, audição publicitária e como os contendores, na circunstância eram Benfica e Belenenses, equipas bem portuguesas ficámos também nós deveras intrigados, pensando que jogo invisível era aquele, ou que hipotéticas vitórias se cantavam.

Seria que o hino americano, à falta de vitórias desportivas, para continuar a fazer-se ouvir nos estádios, começasse já a recorrer à «Bela arte» do anúncio?

— Finaam, assim, os meus 28 anos de associado do Benfica — dizia ainda o homem vivamente emocionado — sou pedra de antes «partir» que furar por águas destas tão turvas que por aqui vão correndo.

— Foi angustiante vê-lo sair, assim, da «sua própria casa» aos seus últimos acordos do hino ianque.

Ele saiu; ficou limpo. Nós ficámos; somos responsáveis. O Benfica é a sua massa associativa — vamos lutar aqui dentro, jurámos.

Um dos maiores orgulhos de todos os benfiquistas consiste na sua fama de bem saber receber as comitivas desportivas estrangeiras que os visitam.

Vêm aí os campeões russos do Torpedo de Moscovo deifrontar o Benfica, no seu estádio, para a Taça dos Clubes Campeões Europeus, no próximo dia 14 do corrente mês. Teremos aos microfones do estádio da Luz uma troca de hinos nacionais ou atingir-se-á o cúmulo do ridículo, brindando a comitiva soviética com o hino nacional americano?

Cá por nós ficaríamos mais contentes com outra troca: Que as pessoas responsáveis por estas desvergonhadas fossem banidas dos campos desportivos e substituídas por outras mais honestas. E ainda, às vezes, se pergunta quem tem interesse em misturar a política no desporto!

A responsabilidade das audições será da empresa de publicidade que explora o estádio da Luz, mas compete à Direcção do Sport Lisboa e Benfica não permitir que organizações estranhas ao clube tentem manipular a sua massa associativa, ou comprometer o seu prestígio.

Júlio de Matos Filipe
— AGUALVA - CACÉM

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 36 87 40

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso Serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

O CASO FLÁVIO TAVARES

O CRIME DE SER JORNALISTA

Os últimos desdobramentos do «caso Flávio Tavares»: o Governo português intervém, a pressão internacional sobre o regime uruguaio aumenta e a campanha no Brasil obtém uma vitória política. As razões verdadeiras do sequestro do jornalista brasileiro e a «história secreta» do caso: uma crise no interior das Forças Armadas uruguiaias sobre a qual Tavares recebera informações. O crime de ser jornalista no país do mundo com o maior número proporcional de presos políticos.

O Governo português, ao oferecer a sua hospitalidade e interessar-se pela sorte do jornalista Flávio Tavares, encarcerado no Uruguai, expressou os sentimentos de todo o povo português solidário com o povo brasileiro e seus filhos presos.

Esta tomada de posição, recebida com gratidão por toda a Oposição Democrática brasileira, insere-se no espírito das três moções de condenação à ditadura e pelo restabelecimento das liberdades democráticas no Brasil, aprovadas, por votação unânime de todos os partidos, na Assembleia da República.

A gestão contribui para reforçar a pressão internacional pela libertação do jornalista. As autoridades de Montevideo já haviam sido interpeladas neste sentido pelo secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim; pela OEA (Organização dos Estados Americanos), pelo parlamento europeu e pelo subsecretário de Estado norte-americano Terence Todman.

No Brasil, desde o primeiro momento, gerou-se uma grande mobilização em variadas instâncias da Oposição Democrática. Jornalistas, escritores, artistas, estudantes e parlamentares do MDB, movimentaram-se em defesa do ex-presos político «banido» do país em 69 e conseguiram uma grande vitória. Depois da sua atitude inicial de hostil desinteresse pela sorte de Flávio Tavares (e colaboração com seus captores, via serviços secretos), o regime brasileiro foi obrigado a reconhecer, pela primeira vez, a condição de cidadão brasileiro a um «banido» e prestar-lhe assistência consular e médica no Uruguai. Assim, no último dia 27, Tavares recebeu na prisão a inédita visita do vice-consul brasileiro e do médico da embaixada.

Apesar de todas as pressões o correspondente dos jornais «Excelsior» e «O Estado de São Paulo» continua preso. Seu estado de saúde inspira preocupação. Flávio Tavares sofre de uma doença parasitária intestinal (amebias) e de distúrbios circulatorios. As consequências destas moléstias foram bastante agravadas pelos maus tratos sofridos durante os primeiros 19 dias quando esteve sequestrado depois preso incomunicável pela polícia política uruguaia, a OCOA (Organización de Comandos Anti-subversivos).

Ao receber pela primeira vez a visita seu advogado, Ber-

nardo del Campo, Flávio Tavares, que mede 1,74 m, pesava apenas 42 quilos. Actualmente encontra-se um pouco melhor, está a pesar 48 mas seu estado continua a exigir um tratamento adequado, impossível nas condições de prisão.

AS RAZÕES DE UM SEQUESTRO

Entretanto surgiram novas informações relativas às circunstâncias e motivos que levaram a OCOA a sequestrá-lo, no dia 14 de Julho, no aeroporto de Carrasco. São dados que deixam transparecer, entre outras coisas, a existência de fortes tensões no interior das Forças Armadas uruguiaias que governam por pessoa interposta do septuagenário presidente decorativo Aparicio Mendez.

Flávio Tavares, correspondente do «Excelsior» sediado em Buenos Aires encontrava-se em Montevideo gerenciando a libertação do enviado local do diário mexicano, Graciano Pascale. Durante uma visita de rotina à embaixada mexicana, foi informado pelo adido cultural desta, Arroyo Parra, de que um conhecido seu, representante de sectores descontentes da oficialidade uruguaia, queria contactar a imprensa estrangeira para passar-lhe informações.

No cumprimento do seu dever profissional Flávio contactou a referida fonte de informação, um desconhecido que apresentou-se como «Oscar», credenciado como intermediário de um general do exército uruguaio, em serviço activo, que está a assumir uma posição crítica com relação ao regime mas que queria manter secreta por razões óbvias a sua dissidência. No passado outros oficiais de menor graduação adoptaram posturas individuais análogas. Inclusive, as célebres fotos de tortura «ao vivo» em prisões uruguiaias, recebidas há uns dois anos pela Amnesty Internacional e difundidas por toda a imprensa europeia, foram feitas e enviadas por um capitão que posteriormente exilou-se.

«QUEM É OSCAR?»

Desde o início do ano sucedem crises e depurações, nas Forças Armadas uruguiaias. Em Maio três generais, dois contra-almirantes e 41 capitães de mar-e-guerra foram passados à reserva, compulsoriamente, a maioria em consequência de ri-

validades de clã, mas alguns por suspeita de oposição ao regime.

Na semana passada, a crise mais recente (até então de bastidores e apenas insinuada pelo «caso Tavares») mostrou-se à superfície: 20 coronéis do exército foram passados à reserva por suspeitas de «constitucionalismo» e, segundo a justificação oficial, por «comprometerem a acção eficaz das Forças Armadas».

Esta crise militar tem ligações com o «caso Flávio Tavares». O jornalista foi sequestrado no aeroporto por estar de posse de anotações relativas às informações passadas por «Oscar» e uma fita gravada sobre o mesmo assunto, enviada pelo consul Arroyo Parra ao embaixador mexicano em Buenos Aires. Estas informações deviam servir de subsídio para uma série de artigos no «Excelsior». A OCOA, no entanto, estava disposta a impedir a divulgação destes dados na imprensa mexicana e queria saber «quem é Oscar».

RECORDISTA DE PRESOS «PER CAPITA»

Descobrir quem era Oscar significava para a OCOA aproximar-se do seu objectivo máximo na prisão de Tavares, detectar entre os 14 generais, em serviço activo o oficial dissidente. Julgavam que o desaparecimento de Tavares, um brasileiro privado de todos os direitos de cidadão no seu país em virtude do banimento, não provocaria grande escândalo e que poderia empregar os seus métodos tradicionais para obter informação desejada.

Torturar um jornalista para fazê-lo revelar a sua fonte de informação à polícia política não é evidentemente um procedimento que repugne ao regime do país do mundo com o maior número proporcional de presos políticos: cinco mil numa população de três milhões, ou seja, um por cada seiscentos habitantes...

Depois da Argentina, o Uruguai é, neste momento, o país latino-americano onde existe a mais feroz repressão. Os Ministérios da Defesa e do Interior têm juntos, 62 mil dependentes, o que perfaz a proporção de um funcionamento da «segurança» para cada 48 habitantes!

A gigantesca máquina repressiva, aperfeiçoada entre os anos 72 e 74, com o apoio técnico e assistência directa da polícia política militar brasileira DOI-CODI e do SNI conseguiu obter vitórias contra o movimento de resistência uruguaio. A organização «Tupamaros» foi virtualmente aniquilada e o Partido Comunista e o Partido Socialista uruguiaios sofreram brutais investidas,

MARCELO DIAS

bem como a CNT, central sindical única do país, ilegalizada pelo regime.

A situação dos cinco mil presos políticos é muito dura. O vespertino parisiense «Le Monde» publicou, no último sábado uma denúncia da situação do dirigente Tupamaro Raul Sendic, preso a 5 anos e submetido a um tratamento carcerário particularmente desumano.

INCIDENTE DIPLOMÁTICO

Outro aspecto importante do caso Tavares é a crise diplomática existente entre o regime uruguaio e o governo do México. Ao tentar justificar a prisão do jornalista, a OCOA alegou que este fazia «espionagem» para o mesmo. Esta acusação de «espionagem» merecedora de boas gargalhadas em outras circunstâncias, não revela somente a noção totalitária que tem a ditadura uruguaia do direito à informação, consagrado na Declaração Universal dos Direitos do Homem, traduz igualmente o clima de hostilidade existente com relação a um país que tem acolhido numerosos refugiados uruguiaios e condenado a violação dos direitos humanos no chamado cone sul do continente, o sinistro polígono das mais ferozes ditaduras militares (Chile, Uruguai e Argentina).

O papel exacto do adido cultural mexicano Arroyo Parra no caso ainda está por ser melhor esclarecido. Certos círculos acusam-no de ter deliberadamente provocado a prisão de Tavares, ao integrar-lhe a tal fita destinada a outro diploma mexicano em Buenos Aires, que continha parte das mencionadas informações. Outras fontes, inclusive a chancelaria mexicana, desmentem categoricamente esta versão e existem dados que referenciam Arroyo Parra como um diplomata progressista. Este aspecto ainda obscuro só poderá ser devidamente esclarecido com a libertação de Tavares quando este possa falar livremente e sem coacções.

Em todo o caso, o México não é o único país latino-americano, exterior ao polígono das ditaduras gorilas, a ter graves problemas com o regime de Montevideo. A pouco mais de um ano a Venezuela suspendeu as suas relações diplomáticas com o Uruguai na sequência da invasão da sua embaixada por elementos da OCOA. Os polícias, desrespeitando as leis internacionais mais elementares, penetraram na representação de Caracas e retiraram do seu interior uma mulher que acabara de solicitar o asilo político!

O DESEMPREGO NOS ESTADOS UNIDOS

A GRANDE AMARGURA DOS NEGROS

WASHINGTON — Terá Carter esquecido as necessidades dos Negros perguntava recentemente Vernon Jordan, director da National Urban League e um dos principais dirigentes da comunidade negra. Os números do desemprego que acabam de ser publicados pelo ministro do Trabalho deram uma resposta tão cruel que o presidente se mostrou muito preocupado, declarou o porta-voz de Carter, Powell.

A verdade é que as estatísticas

cas do emprego para o mês de Agosto, se são relativamente encorajadoras no seu conjunto, mostram com maior evidência aquilo a que o próprio Powell chamou um extraordinário passo em frente do desemprego entre as minorias, em especial os Negros.

A percentagem da população activa à procura de trabalho, aumentou levemente em Agosto, passando de 6,9 por cento para 7,1 por cento. O desem-

prego volta assim ao seu nível de Junho que se mantém desde a entrada em funções da nova administração. É um progresso em relação do triste recorde que foi atingido em Novembro passado 8 por cento. O número de desempregados aumentou em Agosto (210 000) atingindo assim 57,1 por cento da população, ao passo que o dos desempregados só aumentou 180.000. Mas nesta categoria entram essencialmente os Negros.

TERÍAMOS UMA GUERRA CIVIL SE...

O número dos trabalhadores sem emprego em função da raça e do sexo é eloquente. Os menos atingidos são os trabalhadores homens e brancos. Estes só estão desempregados na proporção de 4,6 por cento. Vêm depois as mulheres brancas, com 6,2 por cento. Para os homens negros a percenta-

Continua na pág. 4

NOTA OFICIOSA

Importação de cevada e aveia para fazer as sementeiras

A propósito da importação de cevada e aveia para sementeira o Ministério da Agricultura e Pescas emitiu uma nota oficiosa do seguinte teor:

«1. Não é tradicional o fornecimento aos produtores pelo Instituto dos Cereais de cevada e aveia para sementeira, nem está definida legalmente tal obrigatoriedade.

«2. Habitualmente as sementeiras de cevada e aveia são efectuadas a partir de cereal reservado para o efeito pelos próprios produtores, ou com-

ercializados para tal fim por intermédio dos circuitos privados de comercialização.

«3. A reduzida produção cerealífera da presente campanha, por um lado, bem como os altos preços verificados na comercialização de cevadas e aveias, levam a prever que, dada a falta de afluência daqueles cereais ao Instituto dos Cereais um número considerável de produtores não terá tomado as convenientes precauções de habitual reserva daqueles cereais para sementeira e que deverá ser escassa a oferta dos mesmos através dos circuitos privados existentes.

«4. Deste modo, como medidas preventivas e supletivas, decidiu o Governo importar, através do Instituto dos Cereais, cevadas e aveias para fornecimento aos produtores para sementeira com o fim de suprir possíveis carencias.

«5. Assim poderá o Instituto dos Cereais dispor nas suas secções regionais, para distribuição aos produtores, e a partir das datas adiante indicadas, das seguintes quantidades:

«5.1 Aveias: A partir de 5/10 — 7000 ton.

A partir de 20/10 — 8000 ton.

«5.2 Cevadas: A partir de 5/10 — 3250 ton.

A partir de 15/10 — 9000 ton.

«6. Devem, pois, os produtores que estejam interessados na utilização destes cereais, efectuar as suas requisições nas respectivas secções regionais do Instituto dos Cereais até ao próximo dia 25.

«7. Em consequência dos preços da importação e, principalmente, para evitar desvios das cevadas e aveias distribuídas para sementeira, face aos actuais preços do mercado, são fixados os preços de 8570 e 8530, respectivamente, para a cevada com ou sem pureza varietal, e de 8500 para a aveia».

Jornada agrária em Setúbal

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e a CARRA do distrito de Setúbal promovem no dia 18, uma jornada de trabalho destinada a ajudar as cooperativas e os pequenos agricultores da zona, na apanha do tomate.

Segundo cálculos feitos pelas quatro Unões de Cooperativas do distrito estão por colher cerca de mil toneladas de tomate o que corresponde a uma área de 200 hectares. Este excesso de trabalho implica um aumento de mão de obra de que as cooperativas não dispõem. Recordando que muitas cooperativas se encontram com o crédito cortado e que «é preciso atender às necessidades da economia nacional e à manutenção dos postos de trabalho das fábricas de concentrado, «as duas organizações promotoras da iniciativa apelam aos trabalhadores para transformarem a jornada do dia 18 numa «grande festa pela defesa da Reforma Agrária».

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 17, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-CEAL), a que se refere o processo 8/59 874, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Milfontes e S. Salvador, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 15 kV com 1424 metros, do poste n.º 4 da linha para o posto de transformação da ZAGOPE ao posto de transformação das Herdades de Vila Formosa e Montalvo. Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, 1 de Setembro de 1977.

Engenheiro Chefe

Eng. Gonçalo de Santos

Presos três implicados no caso dos dólares canadianos

PORTO, 13 — Encontram-se já detidos nas prisões privadas da Polícia Judiciária, os três implicados no caso dos dólares canadianos falsos que se serviram de um jovem para concretizar o seu plano.

O «golpe», arquitectado com mestria pelos três burlões, consistia no levantamento de quantias cujo montante poderia ascender a 4 mil contos, resultantes da transferência de 150 mil dólares depositados no Canadá. Antes que as autoridades canadianas chegassem à conclusão de que esses dólares eram falsos, os três burlões foram levantando cheques em diversos bancos desta cidade, cujo montante já ia nos 2 mil contos.

Para não caírem na «boca do lobo» os burlões serviram-se de um jovem que recrutado através de um anúncio num matutino português onde se pedia um «rapaz aprendiz de electricista de construção civil». Com efeito, o jovem encontrava-se todos os dias com um dos «patrões», num café da Rua Formosa, que lhe entregava os cheques para ir ao banco. Sem se aperceber da manobra o rapaz foi recebendo

avultadas quantias.

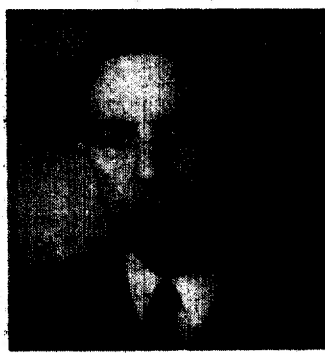
Entretanto, alertada pelas autoridades canadianas, a PJ já andava a efectuar diligências para detectar, os burlões. E, de facto, isso veio a acontecer no café onde os três tinham montado «escritório». Todos eles eram possuidores de documentos falsos e num automóvel que a polícia também detectou próximo da Trindade, alagado há cerca de um mês em Lisboa, foram encontrados muitos outros documentos, entre os quais dezenas de cheques de um banco do Canadá e impressos para bilhetes de identidade alguns dos quais já preenchidos.

Embora as investigações prossigam, sabe-se já que o «patrão» principal se identificava como «Aires» mas o seu nome é Eduardo de Oliveira e reside no Canadá. Os dois «sócios», José Magro e Vítor Silva, ambos usando identidades falsas, residem em Lisboa.

Quanto ao dinheiro levantado, desconhece-se ainda o seu paradeiro já que os detidos se têm recusado a revelar onde o meteram.

Júlio Semedo faleceu no Porto

Vitimado por doença súbita faleceu na madrugada de ontem, com 70 anos de idade, o dr. Júlio Grevy Coelho Semedo, democrata e combatente antifascista que exercia actualmente e desde 1952 as funções de director do Asilo de S. João, situado no Porto, na rua da Alegria o dr. Júlio Semedo era formado pela Escola Veterinária de Lisboa e nunca lhe foi possível obter lugares públicos a fim de exercer a sua profissão.



Natural de Évora, serviu como sargento-cadete da aeronáutica, tendo participado na revolta de 26 de Agosto de 1931, estando na altura cedido a Alvarca. A participação na revolta levou-o a ser deportado para Timor, sem outros antefactos, entre os quais Carlos Cal Brandão. Em Timor passou para a parte holandesa e foi depois aprisionado. Regressou a Portugal em 1936, e continuou os seus estudos para concluir o curso dois anos depois.

Pertenceu à União Socialista (1946) e foi organizador do Congresso das União Socialistas. Pertenceu também ao MUNAF e ao MUD, vindo a fazer igualmente parte das comissões de apoio às candidaturas

do general Norton de Matos, do almirante Quintão Melles e do general Humberto Delgado. Foi candidato a deputado pelo círculo do Porto em 1952. Faz parte da ASP embora não tenha depois entrado para o Partido Socialista.

Participou também na guerra civil de Espanha, como voluntário, ao lado das forças republicanas e levou a efeito, em território português, acções de apoio aos revolucionários espanhóis. Durante a guerra civil esteve para ser fuzilado em Espanha.

Foi também, no período situado entre a União Socialista e a ASP, o dinamizador de reuniões de socialistas em Lisboa.

EM VISEU

Trabalhadores agrícolas elegeram a direcção do seu sindicato

Com o lema «Pela democracia, pela unidade e pela legislação de trabalho» foi eleita a lista A, concorrente única aos corpos gerentes dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Viseu. Apesar das distâncias que separam as povoações, onde vivem os assalariados agrícolas dos centros de voto, e das dificuldades de transporte, registou-se uma afluência significativa, tendo participado no acto eleitoral cerca de 40 por cento dos sindicalizados.

A lista eleita que foi apresentada pelo executivo da Comissão Directiva cessante, tinha desenvolvido um importante trabalho de esclarecimento junto dos assalariados agrícolas do distrito. As dezenas de

sessões de esclarecimento promovidas pelo executivo da Comissão Directiva permitiram que cerca de mil sócios se inscrevessem no Sindicato, no decorrer do último ano.

Entretanto recebemos, na nossa Redacção, um comunicado de um grupo que se auto-intitula «o verdadeiro e único órgão dirigente do Sindicato» e que diz ter sido reconhecido pelo sr. Gonelha, ministro do Trabalho. No referido documento aconselham-se os trabalhadores «a não votar nas falsas eleições». Não percebemos, no entanto, porque é que o grupo (do sr. Gonelha) não constitui uma lista para se apresentar às eleições. Ou será que não representa mesmo nada?

Desemprego nos EUA

Continuação da pag. 3

gem de desemprego passou de 10,1 por cento (Julho para 11,7 por cento (Agosto). As mulheres negras ainda são mais atingidas com 12,2 por cento (em Julho o número era de 10,9 por cento).

Os negros jovens são, porém, os mais desfavorecidos de todos. Mais de 40 por cento entre os 16 e os 19 anos estão no desemprego.

Outra estatística publicada há alguns dias fornecia um número levemente inferior (um

pouco mais de 34 por cento). Seja como for ela mostrava, tal como as outras estatísticas, a enorme desigualdade em que os Negros estão em relação aos Brancos. A percentagem de desemprego dos jovens (entre os 16 e os 21 anos), juntando todas as raças, era em Julho o número era de 10,9 por cento mais de 34 por cento). de desemprego dos jovens (entre todas as raças, era em Julho de 15,9 por cento. No total o desemprego dos Negros passou de 13,2 por cen-

to em Julho, para 14,5 por cento em Agosto. Comentando aquilo a que chamou um «escândalo nacional», o congressista negro do Ohio Stokes, declarou recentemente: Se a situação fosse inversa, e os jovens e os homens brancos da América tivessem duas vezes menos empregos que os Negros, teríamos uma guerra civil. A ameaça é tanto maior entre os responsáveis da comunidade negra, quanto esta votou em massa no presidente arder e sente aquilo a que um dos seus representantes chamou uma negligência deliberada, da parte do novo governo.

Consciente do facto, Jimmy Carter convocou para o dia 7 de Setembro os membros do «Caucus» negro (os membros do Congresso que pertencem a essa comunidade) a fim de examinar a situação. Um programa de um bilhão de dólares prevê a criação de duzentos mil postos de trabalho para os jovens, nos serviços públicos. Mas será decerto necessária uma acção muito mais ampla.



"CAMPOS E NORA, LIMITADA"

Terceiro cartório notarial de Lisboa — Notário — Lic. António Manuel Rodrigues Hespanh.

CERTIFICADO para efeitos de publicação que, por escritura lavrada em 29 de Julho findo de folhas 14 v.º a 15 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 2-64 deste Cartório foi dissolvida a partir da mesma data a sociedade supra com sede em Lisboa, na Rua António Pedro Carrilho, n.º 32-B e partilhados entre os sócios a activo social, ficando o ex-sócio Alvaro Camilo Moreira Nobre depositário do prazo legal de todos os livros e documentos da sociedade.

ESTÁ CONFORME.

Lisboa, 9 de Agosto de 1977

O NOTÁRIO, António Manuel Rodrigues

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais do sector de ARMAZENISTAS IMPORTADORES DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, AÇOS, TUBOS E METAIS, FERRAGENS, FERRAMENTAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS reunidos na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio a fim de analisarem a situação de impasse em que se encontra o seu CCTV. e

— Considerando o silêncio do Ministério do Trabalho, altamente lesivo dos interesses dos trabalhadores, que quase há um ano aguardam a saída do seu CCT.

— Deliberam:

1. Condenar firmemente a atitude de silêncio do Ministério do Trabalho que serve objectivamente os interesses do patronato.

— 2 Exigir que o Ministério do Trabalho dê rapidamente o parecer que lhe foi solicitado e desbloqueie este CCT.

Lisboa, 8 de Setembro de 1977

A DIRECÇÃO

Desta moção deu-se conhecimento ao Ministério do Trabalho, Ministério do Comércio, Sindicatos patronais e trabalhadores do sector

PUB.

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CURSOS DE SETEMBRO COMUNICADO

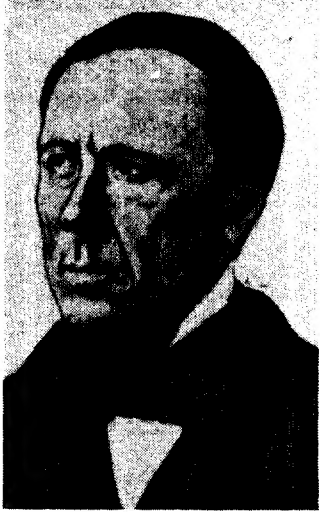
Aos Delegados Sindicais. Aos professores inscritos nos cursos.

O Departamento de Serviço aos Sócios informa que foi enviado para casa dos professores que se inscreveram nos cursos de Setembro (ou para as escolas no caso destes não terem indicado morada), ver circular contendo o horário definitivo dos cursos e o pedido de confirmação da inscrição até 15 de Setembro.

No caso de não terem recebido a referida circular, os professores inscritos deverão dirigir-se à sede do Sindicato até à referida data para confirmar a sua inscrição, o que se torna necessário devido ao grande número de sócios inscritos.

O DEPARTAMENTO DE SERVIÇO AOS SÓCIOS

A licença mata a Liberdade



De um texto de Herculano intitulado «A licença mata a Liberdade»: «Povo! os que hoje saúdas como nunes, amanhã fá-los-ás em pedaços, e arrastarás pelas ruas os seus cadáveres cobertos de feridas e psaduras. Porque, bem que tardas a conhecerás que eles te hão enganado. Prometeram-te abundância, e achar-te-ás faminto; prometeram-te liberdade e acharte-ás servo.

«A licença mata a liberdade: porque se livremente oprimos livremente podemos ser oprimidos; se o assassínio é teu direito será para os outros assassinar-te. Se a força, e não a moral, é a lei popular, quando os tiranos tiverem mais força, legitimamente podem pôr no colo do povo um jugo de ferro.

Ministros da tirania são os que suscitaram a luta das facções, os que deram o primeiro grito da revolta, os que acenderam a guerra civil. Porque a nação se dilacerará, e enfraquecida passará das mãos da plebe para as mãos de algum déspota que a devore. Lembrai-vos da Serpente, que engorou nossos primeiros pais: bi com palavras sonoras, com promessas de glória e de ventura que ela perdeu a ambos. Dado que para nós não houvesse liberdade e eles não fossem à custa de perpétuo dano, devíeis tê-los por vossos destruidores. Porque a liberdade não é tanto um fim como um meio: quer-se a liberdade não tanto para as nações serem livres como para serem livres.

«Que importa o respeito de propriedade ao que nada possui? Que vale a liberdade da palavra para o que só tem de proferir maldições e queques? Que monta que os vossos pais vos julguem, se o ódio das facções vos fez inimigos uns dos outros?

«Sem concórdia, inevitável é que o edifício social desabe: e porventura nascerá a concórdia do meio das sedições?»

PJ investiga o "golpe" do Casino

Prosseguem as investigações policiais com vista à captura de todos os implicados no assalto ao casino Estoril, cerca das cinco da madrugada de ontem, e que viria a ser frustrado por agentes da PSP quando os assaltantes já iniciavam a fuga.

Entretanto, a Polícia de Segurança Pública de Cascais apresentou o único detido — José Luís Esteves — à Polícia Judiciária a fim de ser interrogado pelo Juiz de Instrução. Sobre se o homem era assaltante confesso, o comandante da PSP de Cascais adiantou que os elementos reunidos permitiam concluir pela implicação do detido no assalto.

A importância roubada, pouco mais de seis mil contos, foi totalmente recuperada, já que, ao serem-se descobertos, os assaltantes abandonaram o saco das notas e ainda uma pasta que haviam roubado ao tesoureiro do casino, deixando igualmente no terreno um fato-macaco azul, um par de luvas pretas, um capuz e um revólver municiado. Foi aliás, com este «equipamento» que eles surpreenderam o tesoureiro José Manuel Negreira, no momento em que fazia o «apuro» da noite.

Conselho das Armas e Serviços do Exército

Saiu hoje no «Diário da República» um decreto-lei do Conselho da Revolução definindo a competência dos conselhos e serviços do Exército: dar parecer sobre matérias específicas, promoção de militares, aproveitamento de pessoal.

Os conselhos e serviços do

Amarrado e amordaçado o tesoureiro e «ensacada a massa», os assaltantes tiveram um precalço na retirada: fizeram barulho, e um agente da PSP «foi ver o que era». Na circunstância um dos assaltantes foi visto em fuga, tendo a «sorte» de apanhar um «táxi ocupado» que ocasionalmente parara ao sinal vermelho do semáforo. Sob a ameaça de uma pistola-metralhadora, o motorista foi obrigado a transportar o intruso que, próximo de Alcábaldeche, «convidou» o taista e o passageiro a abandonarem o carro.

Uma busca feita prontamente nas imediações do Casino levaria à captura do outro presumível implicado e único detido, José Esteves. A Polícia, ele disse que adormecera no recinto pois tinha perdido o comboio. As autoridades não aceitaram a explicação, acabando por localizar ainda, no sítio dois automóveis «Peugeot» roubados e que terão sido usados para a operação dos seis mil contos.

Por último, a forma como o «golpe» se processou deixa entender que os assaltantes conheciam muito bem «os cantos à casa».

Exército integram oficiais e sargentos e articulam-se em comissão de apreciação de oficiais e comissão de apreciação de sargentos.

O presente diploma para valer a partir do próximo dia 1 de Janeiro revoga o anterior de Maio de 76.

RELAÇÕES PORTUGAL-ISRAEL

Medeiros Ferreira vai encontrar-se com diplomatas árabes na ONU

Dentro de cerca de duas semanas, mais concretamente próximo dia 23, em Nova Iorque e nas Nações Unidas o ministro português dos Estrangeiros, Medeiros Ferreira, terá um encontro com os diplomatas árabes Saud El Faical e Ma-

mud Riad, respectivamente chefe da diplomacia saudita e secretário-geral da Liga Árabe.

O tema deste encontro, será a política externa portuguesa no que particularmente respeita ao Médio Oriente e às relações entre Portugal e Israel,

de par com as relações entre Portugal e os países árabes.

Lembra-se que os países árabes estiveram recentemente reunidos no Cairo, para tomar, entre outras, resoluções quanto a Portugal por causa da recente decisão de Lisboa elevar a nível de Embaixadas as suas relações diplomáticas com Telavive.

Então, os países árabes, abstiveram-se de tomar resoluções concretas, e imediatas sobre Portugal, deixando a questão em suspenso, até «consultas directas» a haver oportunamente, e isso mercê de que prevaleceu a posição árabe moderada e liderada por Marrocos, entre outros, sobre as posições mais duras defendidas por, entre outros países, a Síria, o Egipto e a Arábia Saudita. Pesou ainda na decisão o facto de Portugal nos últimos três anos, ter tomado regularmente em questões internacionais centradas no Médio Oriente, posições favoráveis às teses árabes.

Os países árabes pretendem que Israel seja suspenso da ONU e que os países membros das Nações Unidas, deixem de fornecer qualquer auxílio militar ou económico a Telavive.

O comunicado final do Cairo falava da «preocupação» árabe por causa da política externa portuguesa quanto ao Médio Oriente. Na oportunidade, um porta-voz do MNE disse que o MNE não via razões para tal preocupação e anunciou que Medeiros Ferreira teria o encontro que vai ter no próximo dia 23, em Nova Iorque, para esclarecimento sobre a questão.

O encontro do dia 23, está a ser combinado entre o MNE e a Liga Árabe.

ENTRE OUTUBRO E DEZEMBRO

PS vai fazer congressos locais

Dirigentes do PS responsáveis pela organização a nível regional e local vão reunir-se em congressos entre fins de Outubro e meados de Dezembro. A decisão de realizar estes congressos neste período foi tomada este fim-de-semana durante o V Encontro Nacional da Organização, que reuniu em Lisboa socialistas dos executivos distritais, das comissões organizadoras dos congressos das respectivas federações e funcionários políticos e administrativos do partido. No objectivo desta reunião e dos congressos a começarem nos fins do mês que vem, o planeamento e o lançamento da actividade partidária.

O encontro foi convocado pelo Secretariado Nacional e, durante os trabalhos, foi analisada a situação política actual e as suas incidências da vida e na actividade do partido a nível nacional e local. Numa das sessões, o secretário de Estado da Administração local, o socialista Ferreira de Lima

fez uma exposição sobre problemas referentes a esta articulação entre os níveis nacional e local, e sobre o diploma respeitante à competência das autarquias, que foi aprovado recentemente na Assembleia da República.

Os trabalhos foram orientados por Jaime Gama. No final da reunião, este responsável revelou aos jornalistas uma das novidades emergentes dos congressos a fazer: deles resultará a eleição dos futuros dirigentes do PS a nível distrital e regional, de acordo com a intenção descentralizadora que norteia a iniciativa.

Aponta-se ainda para a realização de encontros de quadros socialistas a nível local, com o intuito de dinamizar a vida e as actividades do partido.

Durante o V Encontro Nacional de Organização foi aprovada que cooperativistas do PS se desloquem brevemente à RFA, aonde vão estagiar sobre sectores como o consumo e a agricultura.

ESCREVE MÁRIO SOARES

"Portugal é dos países mais estáveis da Europa Ocidental"

Segundo Mário Soares, em artigo publicado no número de Setembro do mensário do seu partido, «Portugal Socialista», Portugal é dos países mais estáveis da Europa Ocidental.

No texto do Primeiro-Ministro, intitulado «Apelo à Responsabilidade», podemos ler que «não há salvação para este País fora da democracia e da Europa» e que «o PS, como partido carneira da democracia e como partido intermediário entre os portugueses, tem sido — será — garante das liberdades e da democracia».

Entretanto, depois de enunciar o significado do último «pacote» de medidas: «redução do défice, desincentivando o consumo; aumento da

produção e incremento da poupança», o secretário-geral do PS espera «das forças sociais responsáveis, associações sindicais e patronais, bem como de todos os portugueses de boa vontade — e em especial dos trabalhadores — que sejam capazes de sobrepor aos seus interesses sectoriais ou partidários o interesse nacional».

No artigo que temos vindo a citar, Mário Soares escreve que «há que desenvolver as vias de diálogo e que desbloquear as situações de impasse», sublinhando que «entre as forças da produção interessa promover um pacto de progresso capaz de nos arrancar ao subdesenvolvimento».

Cursos de aperfeiçoamento para professores

Conforme já anteriormente anunciado pela direcção do Sindicato de Professores, vão realizar-se a partir do dia 19 deste mês, em várias escolas, 21 cursos para aperfeiçoamento profissional.

Estes cursos destinam-se à actualização científica dos professores do ensino primário, preparatório e secundário e fazem parte dum plano mais vasto de apoio pedagógico que o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa pensa levar a cabo através do seu Departamento de Serviço aos sócios,

e que deverá, na fase seguinte ser constituído por seminários e encontros de índole mais propriamente pedagógica e didáctica.

O número total de inscritos nos cursos é bastante superior a 1000, chegando alguns cursos a ultrapassar os 200 (casos de Matemática para professores do ensino primário; noções de linguística; iniciação à sintaxe generativa; e análise do texto literário) — o que obrigou o Sindicato a desdobrar alguns dos cursos.

ÁCORES

Socialistas condenam terrorismo

A Federação das Ilhas Graciosas, S. Jorge e Terceira (Açores) do Partido Socialista (PS) manifestou «o seu frontal repúdio» pelo atentado bombista contra a residência do Ministro da República, general Galvão de Figueiredo, registado anteontem de madrugada, em Angra do Heroísmo.

A Federação do PS, que classifica o atentado como «um acto bombista contra a autonomia dos Açores», sustenta, num comunicado divulgado ao fim da tarde de ontem, que o referido acto visa «não só o Ministro mas todos os órgãos autónomos da Região, nomeadamente a Assembleia e Governo regionais».

Segundo a Federação do PS o atentado, «faz parte de uma estratégia mais ampla conduzida por pseudo-forças extremistas minoritárias» que pretendem «a criação de um clima artificial de condições que podem permitir que se faça letra morta do tradicional e histórico liberalismo» do povo açoreano.

Dia Nacional do Preso

O Dia Nacional do Preso, cuja comemoração estava prevista para o próximo dia 18, somente virá a ser assinalado num dos domingos de Outubro, conforme foi ontem à tarde revelado durante uma conferência de imprensa pelo director da Cadeia Regional de Leiria.

De 13 a 23 do corrente
Provenientes de devoluções

LIVROS **SALDOS** LIVROS

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

Rua Luciano Cordeiro, 119
L I S B O A

KOL CONVITE
PARA HOJE

Temos o prazer de convidar V. Ex.ª a visitar a maior exposição de mapas do País. Encerra às 23 h.

Av. Col. Bordalo Pinheiro, 87-89 — Lisboa
(à Praça de Espanha)

ANO LECTIVO 1977/78
INSCRIÇÕES ABERTAS

EXTERNATOS

Marquês de Pombal

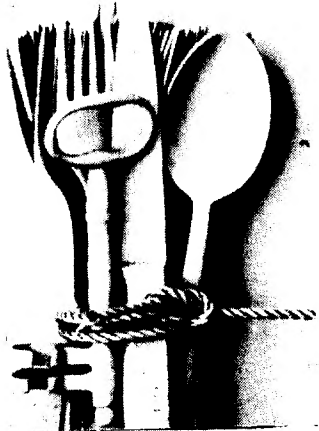
Rua Moraes Soares, 93
Tel. 820221/834658

Álvares Cabral

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — T. 708974/5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)



EM LUTA PELO CUMPRIMENTO DO ACTV/PRT A TODOS OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA HOTELEIRA — GREVE GERAL NO SECTOR —

NAS EMPRESAS QUE NÃO CUMPREM O ACTV/PRT

— Dia 15 (quinta-feira) das 11 horas às 15 horas
— Dia 16 (sexta-feira) das 18.30 às 22.30 horas

NAS EMPRESAS QUE JÁ CUMPREM O ACTV/PRT

— Greve de solidariedade de um quarto de hora, dia 15, das 11 horas às 11.15 horas.

Na Unidade Venceremos

OS SINDICATOS CONSIDERAM COMO NÃO ESTANDO A CUMPRIR O ACTV/PRT AS EMPRESAS QUE SE ENCONTREM NUMA OU MAIS DAS SEGUINTES SITUAÇÕES:

1. Não pagamento das Tabelas Salariais;
2. O pagamento de apenas parte do aumento salarial devido; o pagamento das tabelas salariais a apenas alguns trabalhadores, da Empresa;
3. O não pagamento do subsídio de alimentação (600\$00) aos trabalhadores dos Cafés, Pastelarias e Similares;
4. O não pagamento dos retroactivos desde Abril de 1977.

REGRAS A OBSERVAR DURANTE A GREVE:

1. Após a declaração de greve, e até ao seu termo os trabalhadores devem manter-se atentos à orientação dos seus Sindicatos que será através da comunicação Social e comunicados, exclusivamente pelos membros das Direcções;
2. Qualquer tentativa de desmobilização feita pelos órgãos da Comunicação Social, mesmo que vindo do Governo, através de ameaças ou calúnias, deve ser puramente menosprezada pelos trabalhadores;
3. Os trabalhadores devem, durante o período de greve manter-se nos seus locais de trabalho e organizar piquetes para desenvolver actividades tendentes a persuadir os trabalhadores a aderirem à greve, por meios pacíficos;
4. Lembremos que os patrões não podem, conforme a Lei da Greve, substituir os grevistas por pessoas que a data do seu anúncio não trabalhavam no respectivo estabelecimento ou serviço, nem podem, desde aquela data admitir novos trabalhadores;
5. Nos hotéis deve ser garantida a assistência às crianças e a casos de urgência; caberá exclusivamente aos delegados sindicais considerar quais os casos a atender;
6. Em todos os estabelecimentos os trabalhadores devem esclarecer os clientes das razões justas da nossa luta.

EM LUTA PELO CUMPRIMENTO DO ACTV/PRT

EM LUTA CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

EM LUTA CONTRA OS DESPESDIMENTOS

Comissão Coordenadora de Luta pelo Cumprimento do ACTV/PRT

ANÚNCIO DE GREVE

A TODAS AS ENTIDADES INTERESSADAS

A TODOS OS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

A OPINIÃO PÚBLICA

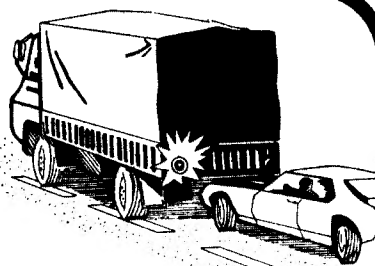
No cumprimento do que dispõe o art.º 5.º da Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, as associações sindicais do sector, abaixo mencionadas, tornam do conhecimento de todos os interessados que, no exercício indeclinável do seu dever de defesa e representação dos direitos e garantias dos seus associados, e, em particular, neste momento, como meio ir substituível de lutar pelo cumprimento do ACTV/PRT em vigor desde Abril p.p. decidiram:

1. Uma greve geral de dois períodos de 4 horas, sendo o primeiro entre as 11 e as 15 horas do dia 15 do corrente mês de Setembro e o segundo entre as 18 horas e 30 minutos e as 22.30 horas do dia 16 seguinte, em todas as empresas situadas no território nacional (continental) que não cumpram o ACTV/PRT;
2. Uma paralisação simbólica de solidariedade de todo o sector, durante um quarto de hora, entre as 11 e as 11.15 horas e 15 minutos do dia 15 de Setembro, em todas as empresas situadas no território continental que já cumpram o ACTV/PRT.

Federação dos Sindicatos de Hotelaria do Sul
Sindicato de Hotelaria de Faro
Sindicato de Hotelaria do Sul
Sindicato de Hotelaria de Coimbra
Sindicato de Hotelaria de Aveiro
Federação dos Sindicatos Rodoviários
Federação dos Sindicatos do Comércio
Sindicato dos Electricistas do Sul
Sindicato dos Químicos do Sul
Sindicato dos Gráficos do Sul e Ilhas
Sindicato dos Técnicos de Desenho
Sindicato da Portaria e Vigilância
Sindicato Químicos do Centro Sul e Ilhas e Moagens do Centro e Sul
Sindicato da Construção Civil de Setúbal

Federação dos Sindicatos de Hotelaria Norte
Sindicato de Hotelaria de Viseu
Sindicato de Hotelaria do Porto
Sindicato de Hotelaria de Braga
Sindicato de Hotelaria de Viana do Castelo
Federação dos Sindicatos Metalúrgicos
Federação dos Sindicatos Emp. Escritórios Sul
Sindicato dos Electricistas do Norte
Sindicato dos Telefonistas do Sul
Sindicato dos Cobreadores e Prof. Similares
Sindicato da Indústria de Madeiras de Lisboa
Sindicato dos Barbeiros e Cabeleleiros

Quando conduzir um veículo pesado e ao aperceber-se de que pretendem ultrapassá-lo, faça sinal com o pisca-pisca da esquerda se considerar essa manobra perigosa.



A sua ajuda pode evitar um acidente.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

Comissão Constitucional examina "Lei Barreto"

Está reunida desde as 15 horas no edifício da Estado-Maior general das Forças Armadas, ao Restelo, a Comissão Constitucional que muito provavelmente se pronunciará hoje ainda sobre a constitucionalidade da «Lei Barreto» (bases gerais da Reforma Agrária).

Esta reunião antecede de alguns dias a próxima sessão do Conselho da Revolução, marcada para a próxima sexta-feira.

ra, e que deverá ser decisiva quanto ao futuro daquele controverso diploma, aprovado no termo da primeira legislatura.

Na posição da Comissão Constitucional pesa, como documento base de trabalho um parecer elaborado por Jorge de Miranda, membro daquele órgão. Quanto ao resultado final da votação que deverá ter lugar na Comissão Constitucional, as opiniões dividem-se ha-

vendo pelo menos consenso num factor: o precário equilíbrio entre posições divergentes, isto é, entre os que se pronunciam contra e pela constitucionalidade da lei.

Registe-se que, ainda que a Comissão Constitucional eventualmente venha a pronunciar-se desfavoravelmente, a decisão final competirá ao Conselho da Revolução.

Ministro da Agricultura visita Trás-os-Montes de helicóptero

No primeiro dia da sua visita de trabalho à região transmontana, o ministro da Agricultura e Pescas, António Barreto, teve, logo pela manhã, uma reunião no Governo Civil de Bragança com técnicos dos serviços florestais.

Após aquela sessão, o ministro sobrevoou, de helicóptero, uma zona de pastagens da serra de Montezinho, acompanhada por técnicos dos serviços florestais.

Já depois do meio-dia, António Barreto visitou a aldeia de Montezinho, onde contactou uma cooperativa agrícola local, com capacidade para meio milhar de cabeças de gado ovino e cujos resultados são apontados como um exemplo nesta actividade. O ministro prometeu todo o apoio do seu departamento para desenvolver iniciativas deste género, tendo-se dirigido, em seguida, para o viveiro de trutas do pra-

do novo.

Neste local, aquele membro do Governo e a sua comitiva, de que faziam parte o eng. Castro, director da estação aquícola de Vila do Conde, e o eng. Madeira, administrador da zona florestal de Bragança, tiveram um almoço de campo à transmontana.

Após ter sobrevoado alguns dos perímetros da Zona Florestal de Bragança, António Barreto deslocou-se, ao fim da tarde de ontem, a Macedo de Cavaleiros, vila em cujos arredores se inteirou dos projectos para o aproveitamento hidroagrícola do concelho, bem como para a prática hidroagrícola do Vale de Vila-riça.

O ministro António Barreto, que se fazia acompanhar por vários técnicos do seu departamento, ouviu explicações sobre o plano de rega da futura barragem do rio Azibo, cuja

construção se iniciará na próxima Primavera e irá beneficiar parte dos concelhos de Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor. Esta barragem, que se calcula esteja concluída em 1980, permitirá a irrigação por aspersão de cerca de 5 mil hectares de terras de cultivo.

A respectiva obra, com as infra-estruturas que a acompanham, deverá orçar na sua totalidade em cerca de mil milhões de escudos.

Governo belga oferece casas a cooperativas

O Governo da Bélgica ofereceu 25 casas pré-fabricadas a duas cooperativas agrícolas algarvias constituídas por desalojados.

A Cooperativa Agro-Pecuária «Chitaca», do Concelho de Loulé recebeu 11 casas, enquanto que a «Arimbo» localizada em S. Brás de Alportel recebeu 14 casas. Outras casas, também oferta do governo belga, deverão chegar durante os meses de Setembro e Outubro, todas destinadas a cooperativas agro-pecuárias.

Tabaco açoriano aumenta de preço

Entraram ontem em vigor os novos preços do tabaco açoriano, medida que respeita uma portaria de 20 de Agosto transacto do Governo Regional dos Açores.

Num comunicado emitido por aquela entidade lê-se: «Embora já se tivesse verificado a revisão das taxas de imposto de consumo sobre o tabaco, no Continente ao longo dos últimos três anos e na Madeira o mesmo se tivesse feito no ano transacto, só agora foi considerado oportuno proceder à revisão das referidas taxas, que revestem para os cofres da Região, que até agora se viu privada daquela receita».

Colégio religioso vendido por 35 mil contos

Importou em 35 milhões e 350 mil escudos a aquisição do Colégio Sagrado Coração Maria para o Instituto Politécnico da Covilhã — revela o semanário «Notícias da Covilhã».

Segundo o mesmo semanário, aquele edifício, que foi adquirido ao Instituto das Religiões Sagradas do Coração de Maria destinase a residência dos professores e estudantes do Instituto Politécnico da Covilhã.

Policlínicos de Beja já receberam salários

Receberam já os vencimentos que tinham em atraso os policlínicos do Serviço Médico à Periferia do Distrito de Beja — revelou à ANOP um elemento da comissão instaladora do Hospital de Beja.

Segundo o referido membro da Comissão, desde Janeiro que a Caixa de Previdência não liquidava ao Hospital os salários devidos aqueles médicos cujo montante se elevava já a 3.500 contos e que foi agora liquidado.

Desta forma, está afastada a hipótese de paralisação que os policlínicos haviam encarádo como forma de luta para forçar a liquidação dos seus vencimentos atrasados.

Contactado o grupo de policlínicos de Beja que se encontravam na mesma situação, também estes confirmam estar, por agora, o problema resolvido e as consultas a funcionar normalmente, embora nada lhes tenha sido garantido em relação aos próximos salários.

Muçulmanos terminam jejum com festa na Casa do Alentejo

A comunidade Islâmica em Portugal comemora depois de amanhã o fim do Ramadão, durante o qual mais de 700 milhões de pessoas, em todo o mundo, fizeram jejum obrigatório, cumprindo o quarto mandamento da religião islâmica.

Em Lisboa, a data será assinalada com uma cerimónia que se realizará, com início às 9 horas e 30 minutos, na residência Embaixador do Egipto em Lisboa, na Avenida das Descobertas, n.º 15, onde funcionará uma provisória. Tomarão parte desta ceri-

mónia, além de muçulmanos de várias nacionalidades, todos os membros do corpo diplomático dos países islâmicos acreditados na capital portuguesa. O presidente da comunidade em Portugal, Suleiman Vally Mamede, fará uma alocução subordinada ao tema «Brançã e a universidade do Islão».

Anos e ainda dentro do programa comemorativo daquela data, haverá uma festa-conívio, na Casa do Alentejo, nesta cidade, durante a qual, será servido um jantar volante.

Chega pescada a Aveiro

Com um carregamento de 400 toneladas de pescada, proveniente das costas do Sul da África, chegou ao Porto de Aveiro o arrastão polivalente «Murtosa».

Também o navio «capitão João Vilarinho» entrou ontem

a barra de Aveiro mas sem grandes motivos para foguetes: trata-se de um arrastão baçalheiro e da sua carga possível apenas cerca de metade é composta de bacalhau. A saia continua mal para o exterior.

INDUSTRIAS DE AUTOMÓVEIS AFIRMAM:

É intolerável tal reserva de mercado

Embora «como ponto prévio» afirmem congratular-se pela dimensão do investimento directo estrangeiro anunciado (2,5 milhões de contos) e pelas alíneas do projecto que consignam a implantação em Portugal de indústrias de componentes de automóveis «em escala que se afigura bastante para garantir a sua competitividade e viabilidade económica», a Associação do Comércio Automóvel e a Associação das Indústrias de Montagem, em documento dirigido ao Primeiro-Ministro, afirmam, no entanto, que outros pontos lhes suscitam «as mais profundas reservas» ao ponto de de estarem seguros que «a não serem prontamente revistos comprometerão irremediavelmente o projecto na sua globalidade e os seus efeitos acabarão por destruir os benefícios que de outro modo poderiam colher-se dos primeiros que apontamos».

Justificando os seus pontos de vista, as duas Associações fazem notar ao objectivo anunciado no ponto 4, do comunicado do Conselho de Ministros, de outorga de uma reserva de 40/50 por cento do mercado à marca escolhida «é pura e simplesmente intolerável» para elas. E acrescentam: «Compreendemos o desejo governamental de proporcionar à marca escolhida a rentabilidade compensadora da sua iniciativa. Não compreendemos, nem aceitamos o instrumento adoptado que frontalmente contraria as mais elementares normas de concorrência e que no mínimo constituiria uma repugnante forma de colonialismo económico. Acresce que não se descortina qual o fundamento que o Governo tenciona invocar para obter da EFTA/CEE a concessão de tal reserva, administrativa; de «indústria nova» não poderia tratar-se, visto estarmos perante a mesma montagem final que desde há 15 anos todas as outras empresas também vêm fazendo — e a protecção descrita refere-se claramente ao produto da montagem e não às indústrias de componentes».

A ACAP e a AIMA dizem que também a participação maioritária do Estado Português na sociedade destinada à montagem final lhes suscita a maior apreensão porque «tudo indica que tal dispositivo não passa de mera precaução destinada a garantir preços concorrenciais aos produtos dessa montagem, cujos previsíveis défices de exploração caberá à comunidade suprir». Desenvolvendo esse ponto de vista afirmam: «Teríamos assim contribuído para

entre os quais as empresas nossas associadas, concorrentes da marca escolhida — a subordinação a uma operação ruinosa para esta poder escoar o seu produto contra, uma vez mais, todas as mais elementares regras de justa concorrência. Entretanto a marca escolhida iria recolhendo os frutos dos seus empreendimentos através da venda, a preços reais esses sim, dos componentes produzidos. A não ser assim, cabe ao Governo garantir que não estamos perante uma «joint venture» em que um parceiro tirará proveito e outro (nós todos) cobrirá os prejuízos».

Consideram também aquelas Associações «inaceitável» que o Governo viesse a conceder, já a partir de 1978, e caso se mantenha o contingente das importações de automóveis, uma quota preferencial à marca escolhida e sublinham que o sistema de contingente em montantes adequados às possibilidades do País, apenas será compatível como o actualmente em vigor pela Portaria n.º 446/77 de 20 de Junho. Na sua perspectiva este irá permitir que, muito em breve, o saldo negativo da balança de pagamentos de Portugal se veja progressivamente libertado da parcela derivada dos CKD (automóveis importados em peças para montagem) para veículos automóveis de passageiros. Preconizam «um esqueleto progressivo de cobertura das importações por exportações» com o qual «será possível ao Governo obter resultados mais rápidos e mais sólidos, quer no aspecto da balança de pagamentos, quer no de desenvolvimento industrial em bases saudáveis e verdadeiramente concorrenciais. Acrescentam que «ao entrarmos na Europa não iremos assim debilitados pelo peso morto de indústrias protegidas, mas sim robustecidos por empreendimentos válidos, capazes de caminhar por si entre os competidores europeus».

O documento dos industriais e comerciantes do ramo automóvel termina apontando a necessidade de o Governo «assumir as suas responsabilidades» e tomar as necessárias providências no plano comercial dos contratos a estabelecer com a marca escolhida a fim de que não venham a ser atiradas para as empresas associadas «as culpas de uma situação que elas não controlam, evitando-se a repetição do precedente criado pela Lei da Montagem, que não foi por elas inventada mas cujos erros vão elas agora, pelos vistos ter que explicar».

Central Sindical Francesa repudia acontecimentos de Évora

Numa mensagem enviada à Intersindical a CFDT, central sindical francesa de tendência socialista manifesta-se contra «as brutalidades policiais de que foram vítimas os assalariados agrícolas de Évora».

A CFDT transmite à sua solidariedade aos assalariados agrícolas portugueses na luta que desenvolvem pela manutenção das suas conquistas, acrescenta «que fará conhecer o seu protesto a diversas organizações sindicais e políticas, de forma a apoiar a acção colectiva dos trabalhadores

agrícolas portugueses».

Entretanto continuam a acontecer de repúdio pelos acontecimentos registados na «22 de Julho», vindas de Comissões de Trabalhadores e Sindicatos. Assim numa reunião, em Aveiro, foi aprovada uma moção contra a actuação do MAP, que traz a assinatura dos Sindicatos dos Hoteleiros, Chapeleiros, Sapateiros, Corteiros, Domésticas, Bancários, Papeleiros, Armazéns, Panificação, Gráficos e Transportadores de Papel, Mecânicos de Madeiras e Metalúrgicos. Tam-

bém a Comissão Sindical do Laboratório Nacional de Engenharia Civil se pronuncia contra a «onda de violência de que neste momento estão a ser vítimas em Évora os obreiros da Reforma Agrária». Igualmente a Junta de Freguesia de Palhais, no Barreiro, numa moção aprovada na 16.ª reunião extraordinária da sua Assembleia, diz não aos «métodos de antigamente de que ainda guardamos fresca memória».

Por outro lado, em face da repressão abatida sobre os trabalhadores do distrito de Évora, os delegados sindicais da MOMPOR de Setúbal, decidiram enviar aos órgãos do Poder uma moção na qual repudiam «a utilização repressiva das forças militarizadas contra os trabalhadores» e alertam o Presidente da República e o Conselho da Revolução para «o tipo de actuação do MAP». A mesma posição tomaram os trabalhadores da firma Luís Pedro Mendonça onde recentemente se registaram prisões entre os elementos da Comissão de Trabalhadores. Também eles vítimas da repressão «repudiam que a GNR imponha pela força as decisões injustas e lesivas à economia nacional».

O Sindicato dos trabalhadores da Indústria Vidreira, (secção regional do Sul), lembra, numa moção aprovada, a propósito dos acontecimentos de Évora que «a aplicação da violência contra os trabalhadores é própria dos regimes fascistas e não de um regime democrático como consta na Constituição».

Os trabalhadores da Tipografia Jorge Jerónimo Lda, o Sindicato dos Bancários Sul e Ilhas, o secretariado da União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira (secção regional do sul), o Sindicato dos Pescadores do Distrito de Setúbal e a Cooperativa «25 de Abril», de Casa Branca (Sourel), no distrito de Portalegre repudiam as acções violentas praticadas contra os trabalhadores em Évora.

Deputados

portugueses

na Câmara da RDA

Uma delegação da Assembleia da República de Portugal, incluindo representantes de todos os partidos e chefiada pelo seu presidente, Vasco da Gama Fernandes, foi ontem recebida pelo presidente da Câmara do Povo da República Democrática Alemã, Horst Sindermann.

Durante o encontro, a delegação parlamentar portuguesa, que desde anteontem se encontra em visita oficial à RDA, foi informada sobre as funções e o trabalho do Parlamento e dos deputados da República Democrática Alemã. Horst Sindermann informou, ainda, sobre as realizações práticas da política económica e social da RDA.

HOSPITAL DE S. JOÃO

Urgência atende um doente de três em três minutos

Durante o último ano recorram ao serviço de urgência do hospital de S. João do Porto 171.930 pessoas, número que significa o triplo em relação a 1971. O ritmo de entradas da «urgência» foi assim de uma pessoa em cada três minutos. Por outro lado, os internamentos foram à média de dois por hora. A capacidade do hospital foi bastante ultrapassada, registando-se um excedente de 111 doentes por dia em relação às possibilidades. O hospital de S. João tem o efectivo de 2858 trabalhadores, número onde os médicos ocupam o primeiro lugar: 889. Existem, ainda, 718 enfermeiros, 124 paramédicos, 312 administrativos, 26 farmacêuticos e 808 de serviço geral e de outras tarefas. Nos últimos dez anos o número de médicos quadruplicou.

cou os seus efectivos no hospital de S. João e hoje representa 31,1 por cento do total do pessoal. Ainda em 1976, o mesmo hospital gastou 517.259 contos, soma em que o pagamento do pessoal e o consumo de material ocupou a parte mais significativa: 328.616 e 125.572 contos, respectivamente. A comparticipação do tesouro cobriu mais de metade da despesa total, tendo os serviços dado um rendimento

que se aproximou dos 274 mil contos. Os médicos absorveram 34,6 por cento do total (124.135 contos) e a enfermagem 28,2 por cento (101.286 contos).

VIAJE COM A EQUIPA TORPEDO (Moscou) BENFICA

Partidas:
25 a 29 de Setembro
e 26 e 29 de Setembro

Aproveite visitar

BRUXELAS.

16 950\$00

Tudo incluído

Informações e inscrições:

Agência de Viagens
CATUR

MADEIRA

Desde 3100\$00
8 dias

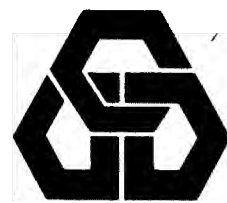
Partidas todos os domingos. De 12/Junho a 09/Outubro
Descontos especiais para grupos.

Inclui:
Passagem aérea Lisboa/Funchal/Lisboa. Excursão 1/2 dia. Transporte do Aeroporto ao Hotel e vice-versa. Estadia no Hotel, quartos c/banho. Taxas e impostos incluídos. Assistência permanente.

Informações e inscrições:

Agência de Viagens
CATUR

NOVAS TAXAS DE DEPÓSITO



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

À ORDEM

(Pessoas individuais)

ATÉ 70 CONTOS
NO EXCEDENTE

4% AO ANO
2% AO ANO

A PRAZO

(Novos e renovações)

6 MESES, RENOVÁVEL
SUPERIOR A 1 ANO,
RENOVÁVEL

15% AO ANO*
16% AO ANO*

*imposto a cargo do depositante

Já não passa um dia sem que socialistas e comunistas franceses se confrontem politicamente acerca da actualização do programa comum. A polémica de circunstantes e os argumentos de fundo, aparecem entrelaçados. Quinta-feira, 1 de Setembro, Jacques Denis, membro do comité central retomou em «L'Humanité» o debate sobre a dissuasão nuclear. Os negociadores dos três partidos, que deveriam encontrar-se para concluir a redacção dos capítulos em relação aos quais foi possível um acordo de princípio, não se reuniram.

As discussões só serão retomadas, em princípio, nas «cúpulas», provavelmente em 14 de Setembro. Mas desde já Jean-Pierre Chevènement, dirigente da minoria do PS, prevê, numa entrevista que concedeu ao «Quotidien de Paris» de 1 de Setembro, que se chegará a um acordo. «Nem o PS nem

o PC, são candidatos ao suicídio», salienta, antes de acrescentar que quer a ideia dum programa comum que deixasse subsistir divergências importantes, quer a ideia de regressar à versão de 1972 do programa comum, lhe parecem igualmente irrealistas.

O LUGAR DO PC NO PODER E NAS EMPRESAS NACIONAIS

A virulência das discussões entre socialistas e comunistas e sobretudo do facto de a menor afirmação suscitar uma resposta, surpreende todos os que regressam de férias. Sobretudo se não acompanharam os ecos da disputa e se ficaram na discussão da primeira fase da actualização. O grupo dos quinze negociadores encarregados de actualizar o programa comum tinha conseguido, em 28 de Julho, na décima-quinza sessão de trabalho, obter um compromisso acerca de numerosos assuntos e delimitar os vários pontos — importantes é certo — que nas «cúpulas» dos dirigentes da União da Esquerda.

Contudo, nesse mesmo dia, Georges Marchais assinalava o seu regresso das férias iniciando, contra os seus aliados socialistas, um debate muito vivo sobre os problemas da dissuasão nuclear.

O secretário-geral do PCF atacou em particular a ideia de realização dum «referendum» sobre as questões nucleares que fora avançada por Mitterrand. A surpresa dos negociadores socialistas foi total, porque, entre os «quinze» tinha-se tido a sensação que o PCF não recusava o princípio de uma

consulta ao país sobre este assunto.

A intervenção de Georges Marchais espantou tanto mais Mitterrand e os seus amigos quanto o projecto de «referendum» se destinava menos ao PCF do que aos ecologistas. A sua primeira reacção foi pois a de, pela voz de Gilles Martinet, membro do seu secretariado nacional, de recusar o «temperamento de Georges Marchais». François Loncle, membro do secretariado do Movimento dos radicais de esquerda, foi mesmo de opinião que Marchais tinha cedido à tentação do espectáculo.

Diversos factores conjunturais explicaram a decisão do secretário-geral em desencadear uma nova controvérsia com os seus aliados. Secundariamente Marchais teve a preocupação de fazer esquecer a intervenção de 21 de Julho, nas instalações da TF1, dos militantes comunistas da Aeroespacial. Uma intervenção infeliz que forneceu à maioria a possibilidade de atacar, mais uma vez, a esquerda em geral, e o PCF em particular, sobre o tema do respeito pelas liberdades. Uma intervenção decidida na ausência de Marchais e que este não caucionou, a não ser contra vontade, tendo declarado:

A PREPARAÇÃO DAS LEGISLATIVAS FRANCESAS

A controvérsia na esquerda ultrapassa o Programa Comum



socialistas estão decididos a aplicar uma política de austeridade do tipo da que tem vindo a ser desenvolvida por Raymond Barre. Lança abertamente sobre os seus aliados a suspeita de que estes se preparam para trair o programa comum, recuando perante as nacionalizações já previstas. A acreditar em Georges Marchais e nos seus amigos, a única garantia de que o programa comum será realizado é a existência de um poderoso PCP e portanto de um grupo comunista numeroso na Assembleia Nacional.

AS POSIÇÕES DO PODER

Este tipo de discurso dos dirigentes comunistas é sincero. E nisso que reside o problema. Possuem apenas uma confiança limitada nos seus aliados e pensam que o PS tentará, mais tarde ou mais cedo, desmbarçar-se dos constrangimentos da aliança estabelecida em torno do programa comum. É conveniente lembrar que na sua versão actual, este documento precisa que os partidos de esquerda estejam ligados por um contrato de legislação e «comprometem-se a opor-se pelo voto negativo dos seus eleitos à constituição dum Governo que se apoie numa maioria que não seja a maioria de esquerda saída do sufrágio universal».

Mas não deixa de ser certo que o estado de espírito do PCF está na origem do segundo factor que explica, mais profundamente a sua controvérsia com o PS.

Os dirigentes do partido comunista querem ter a certeza de que têm asseguradas «posições no poder» imediatamente após um eventual sucesso da esquerda. As negociações sobre a actualização do programa comum mostraram que subsistem profundos desacordos sobre a própria natureza da acção que a esquerda deverá levar a cabo — e isso desde o primeiro ano da sua chegada à condução dos assuntos públicos. Certamente que podemos pensar que nas próximas semanas será elaborado um novo texto, dado que nenhum dos parceiros pode, sem prejuízos graves, assumir a responsabilidade de uma ruptura. Mas subsistirão dúvidas sobre a capacidade dos dois parceiros governarem em conjunto se as formulações aprovadas dissimularão duas leituras. A política que será realmente seguida pelo governo de esquerda dependerá essencialmente da relação de forças existentes entre comunistas e socialistas.

É por isso que o PCF procura obter garantias a dois níveis: procurando iniciar desde já negociações sobre as estruturas governamentais e preconizando um certo tipo de nacionalizações. No que diz respeito ao governo, o PCF, já definiu indirectamente as suas reivindicações. Preconiza a formação de um grande Ministério do Plano (obtido nomeadamente através do desmantelamento dos Ministérios da Economia e das Finanças) e pretende dirigi-lo. A Indústria e o Trabalho seriam igualmente do seu agrado o mesmo sucedendo com um Ministério das Colectividades Locais, formado pela divisão em dois do Ministério do Interior. Em troca já não afirma ter pretensões ao Ministério da Justiça, evocado contudo por Gilles Masson, nos Cahiers du Communisme de Julho de Agosto, ao longo dum artigo em que analisava as consequências institucionais da aplicação do programa comum.

Preocupado em assegurar posições nas cúpulas do aparelho económico, o PCF está seguro de que pode beneficiar da sua implantação de base nas empresas. Se aquele parti-

do insiste tanto em que as nacionalizações sejam «francas» e «totais», é porque pensa poder assim ocupar numerosos lugares nos órgãos de direcção do sector público. Não é por acaso que propõe que só os sindicalistas se possam apresentar às eleições internas. Sabe que pode contar, a esse nível, com a CGT.

Os comunistas reclamam também que os P.-D.G. das empresas nacionalizadas sejam directamente eleitos pelos conselhos de administração no seio dos quais teriam assento um terço de assalariados e um outro terço de personalidades nomeadas pelos ministros da tutela. Por seu lado os socialistas defendem que os candidatos a estas funções sejam previamente inscritos numa lista de aptidão que será elaborada em Conselho de Ministros. O PS poderia assim proceder a uma primeira selecção dos candidatos, dado que um sistema de eleição directa lhe parece favorecer uma implantação dos quadros comunistas.

O PCF apoia-se designadamente neste projecto de intervenção do Governo para denunciar as propostas socialistas como sendo de natureza a reforçar o estatismo. A acreditar nas suas afirmações a tentativa de limitar as nacionalizações aos «holdings», tal como o pretende o PS, tende igualmente a aumentar o peso do Estado enquanto a apropriação colectiva das filiais ofereceria aos trabalhadores mais ocasiões de participar na gestão.

Se conseguirem assumir a direcção de sectores importantes da vida económica francesa os comunistas pensam ficar numa situação que lhes permita enfrentar qualquer alteração de alianças por parte dos seus parceiros. É nesse sentido que procuram fazer aprovar através de novas negociações uma espécie de cláusula de segurança que não poderiam impor a Mitterrand em 1972 ao nível institucional. Todos estamos lembrados que, durante as negociações da primeira versão do programa comum, o PCF tinha pedido sem êxito que fosse automática a dissolução da Assembleia Nacional no caso de alterar a maioria parlamentar. Os socialistas justificaram a sua recusa salientando que tal sistema permitiria aos comunistas, abandonando o Governo, por exemplo, provocar novas eleições no momento e sobre os temas por eles desejados.

A recusa de François Mitterrand é igualmente justificada, ontem como hoje, pela sua vontade de não assumir nenhum compromisso irreversível. O PS pretende com efeito manter a possibilidade de adoptar como alternativa, por exemplo, um Governo socialista homogéneo. Em contrapartida Mitterrand lembrou de novo em 27 de Agosto, na Antena 2, que não encara a hipótese de iniciar quaisquer contactos com as formações da maioria.

THIERRY PFISTER

LE MONDE

«Estou sempre solidário com os trabalhadores, sobretudo quando não estou presente».

Pelo menos a este respeito Marchais atingiu os seus objectivos.

Em segundo lugar o secretário-geral do PCF, recusou caucionar o compromisso a que os negociadores do seu partido tinham chegado acerca do problema da dissuasão nuclear. Um compromisso oficial, que não podia ser considerado como significando um acordo irreversível e obrigatório. Marchais não ficou, sem dúvida, descontente em poder mostrar assim que é o verdadeiro «patrão» do partido. A decisão tomada pelo comité central do partido em comprometer-se

com a «manutenção» da dissuasão nuclear tinha, com efeito, provocado redemoinhos na base. Se, no quadro da actualização do programa comum, esta opção não fosse retomada pelo conjunto da esquerda, a direcção do PCF correria o risco de ficar suspensa no vácuo. É por isso muito importante para Marchais conseguir a aprovação deste ponto.

Tanto mais que durante a crise interna que sacudiu o PCF, em Setembro de 74, o secretário-geral foi criticado por ter cedido com demasiada facilidade aos socialistas. A ocasião era excelente para conseguir aparecer como o mais firme defensor das posições e dos interesses do partido comunista.

NUMA CENTENA DE CÍRCULOS ELEITORAIS

A controvérsia não se prolongaria nem se agravaria tanto como está a suceder, se estivessem apenas em causa questões conjunturais. Existem de facto razões mais profundas.

A primeira diz respeito à natureza concreta do escrutínio de Março de 1978. As eleições legislativas colocam em concorrência, na primeira volta, os dois grandes partidos da esquerda. Em 1973 o PCF conseguiu ultrapassar em número de votos os aliados socialistas. Em 1978 corre o risco de ser ultrapassado. Mesmo que o reforço dos socialistas possa não ser muito importante, o PCF corre o risco, mesmo no âmbito dum forte ascenso do conjunto da esquerda, de ver fugir-lhe numerosos lugares. De facto, em cerca dum centena de círculos eleitorais os comunistas e os socialistas estão muito próximos, em termos eleitorais, uns dos outros. Se o PS conseguisse vencer só ele estaria presente na segunda volta e vários deputados comunistas poderiam não ser reeleitos. Poderia considerar-se importante aquilo que está em causa.

Para resistir à concorrência socialista os dirigentes do PCF estão convencidos que têm de afirmar, o mais claramente que lhes for possível, a identidade do seu partido. As campanhas presidenciais de 1965 e de 1974 e a campanha legislativa de 1973, revelaram-lhes os perigos de uma propaganda demasiado unitária. Esta beneficia, antes do mais, a formação que aparece como a dirigente da coligação, ou seja, neste caso, o PS. É por isso que o PCF sublinha tudo aquilo que constitui a sua originalidade, sobretudo aquilo que o diferencia do PS. As discussões sobre a actualização do programa comum oferecem uma excelente ocasião, que os comunistas não deixaram passar. Mitterrand não o ignorava e procurou ultrapassar o obstáculo aumentando a velocidade.

Mas parece que o primeiro secretário do PS apreciou mal a situação. Acreditava poder ficar por uma primeira actuali-

zação e terminá-la em finais de Junho, e depois em fins de Julho. Actualmente não está seguro de poder concluir a actualização em meados de Setembro. Apesar de respeitarem os princípios de uma «actualização» os comunistas impuseram aquilo a que poderiam chamar uma renegociação. E, nesse sentido beneficiaram da cumplicidade dos radicais de esquerda, felizes por poderem alterar em profundidade um texto que não tinham redigido em 1972, já que só o assinaram após publicação, juntando-lhe um «anexo».

O PCF e nomeadamente Georges Marchais manobram habilmente a diversos níveis. Por um lado aplicaram-se, durante o congresso socialista de Nantes, a propósito da questão nuclear, a pôr pessoalmente em causa François Mitterrand. Os dirigentes comunistas procuram divulgar a ideia de que o primeiro secretário já não é o dirigente da União da Esquerda. Já há, de resto, razões para supor que se apresentarão de modo autónomo, nas futuras eleições presidenciais e que contarão os seus votos na primeira volta do escrutínio (como em 1969).

Por outro lado os comunistas dedicaram-se a aparecer como os melhores defensores das categorias sociais que a esquerda espera mobilizar em seu favor. Pretendem aparecer, particularmente, como o partido da «França pobre», a dos desertados. Quer se trate do SMIC e das prestações sociais, quer da nacionalização de um sector como o da siderurgia (o que muitas vezes é percebido pelos trabalhadores deste sector como uma garantia de emprego), propõem mais vantagens sociais do que os seus aliados. De acordo com a opinião de certos dirigentes do PS, esta atitude não deixa de produzir efeitos nos sectores do mundo operário que se tinham aproximado do partido socialista nos últimos tempos. Por outro lado, o PCF desenvolve todos os seus esforços no sentido de fazer crer que os

EPAL EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE CONTADORES DE ÁGUA

Faz-se público que se recebam propostas para fornecimento de contadores de água de 80 - 100 - 150 - 200 e 300 mm, até às 17 horas do dia 18 de Outubro de 1977, na Divisão de Aprovisionamento (Secção de Compras).

As propostas recebidas serão abertas no dia 19 de Outubro pelas 15 horas, na Sede da EPAL, na Avenida da Liberdade, 22 - 1.º.

O Programa do Concurso e o Caderno de Encargos encontram-se patentes na Divisão de Aprovisionamento (Secção de Compras), Avenida de Berlim n.º 15, aos Olivais, onde se prestam quaisquer informações.

Lisboa, 9 de Setembro de 1977

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
Pelo Presidente da Comissão de Fiscalização

José Beja Neves

astrologo sidio

Resolve qualquer que seja o seu problema
Especialista em casos espirituais, amor ou negócios. Tel. 774343



Elementos da CT da Luís Pedro Mendonça, e da CGTP-IN, presentes esta manhã na conferência de imprensa

A PROPÓSITO DA LP MENDONÇA

Mais de 500 despedidos nas empresas desintervencionadas

— anunciado esta manhã na CGTP

Os trabalhadores despedidos de Março até agora, nas empresas desintervencionadas e devolvidas ao ex-patrão, ultrapassam o número de 500, segundo denunciou Carlos Carvalho, do Secretariado da CGTP-IN, na Conferência de Imprensa que esta manhã decorreu nas instalações da central sindical, sobre o caso da «Luís Pedro Mendonça».

Aquele sindicalista revelou ainda que das 70 empresas que o Governo de Mário Soares desintervencionou, 62 foram devolvidas ao patronato que as sabotara no regime fascista, e as restantes 8 tiveram soluções como declaração de falência, transformação em cooperativa (por os patrões não aceitarem a devolução), empresas mistas Estado-patronato ou aguardam ainda solução. Outro elemento presente na Conferência de Imprensa salientou também o facto de o Governo estar a devolver ao patronato empresas com grande importância na economia nacional por terem monopólios de produção, recusando-se o Governo a dialogar com os trabalhadores e mantendo situações que parecem visar o encerramento das empresas. Encerrando-as, dado o seu carácter de monopólios, o Governo terá que recorrer à importação, o que redundará em pesados prejuízos para a economia nacional.

TAP

Conselho de Gerência não se demitiu e apresentou propostas

O presidente do Conselho de Gerência da TAP, que na sexta-feira tinha anunciado o seu pedido de demissão daquele cargo, em contactos que manteve com a Comissão de Trabalhadores, reconsiderou essa tomada de posição, após uma reunião efectuada durante o último fim-de-semana, com a presença do Conselho de Gerência em bloco.

Estas informações que obtivemos esta manhã, dão-nos conta de que o Conselho de Gerência após a citada reunião, terá decidido apresentar ao ministro dos Transportes e Comunicações, um relatório contendo propostas que visam a resolução da situação naquela empresa, a agravar-se em cada dia que passa.

Uma dessas propostas, que poderia inclusivamente vir a ser considerada no próximo

Conselho de Ministros, seria tendente a uma requisição civil dos pilotos da TAP, tendo por objectivo imediato o preenchimento coercivo de algumas vagas em aberto em cargos de chefia.

De facto, segundo nos foi possível apurar, a situação da TAP, após a greve dos pilotos efectuada no último domingo, não poderá normalizar-se enquanto não forem resolvidos problemas como o dos verificadores que, não entrarem em funções darão origem à inoperacionalidade progressiva dos pilotos da companhia aérea nacional.

Entretanto, para além destes cargos, continuam na situação de «disponibilidade» os de director de voo e de piloto-chefe, estes preenchidos com carácter interino — além dos chefes de secção para cada tipo de avião da TAP.

tendo este adiantado que estava na disposição de despedir 70 dos 100 trabalhadores e reconverter a empresa para fabrico de isqueiros e secadores de cabelo. Canalizadas estas informações para o Ministério dos Transportes, um parecer deste Ministério indicava que «Luís Pedro Mendonça» devia abandonar a empresa, esta devia ser de novo intervencionada por um prazo de 120 dias, para se efectuar um estudo com vista a uma de três soluções: integração nos CTT/TLP cooperativa ou regime de autogestão e nacionalização. Acrescentava o parecer que Luís Pedro Mendonça devia ser preso por boicote à economia nacional.

O parecer foi transmitido ao MIT, que, de novo deu prazo apesar de todas estas indicações Luís Pedro Mendonça para assumir a gestão da empresa. O ex-patrão respondeu que não estava em condições físicas de o fazer, para o que nomeou dois gestores. Em 23 de Maio, o patrão e os seus dois apaniguados apresentaram-se na empresa, entraram à força, Luís Pedro Mendonça chegou a agredir uma componente da CT, retirando-se em seguida. Em Junho, um dos seus representantes voltou à LPM, fez provocações e retirou-se também. Entretanto, Nandim de Carvalho, adjunto do ministro da Indústria, propôs à Comissão de Trabalhadores entregar a gestão da empresa a um gestor que tivesse o consenso do patrão, do Governo e dos trabalhadores. Estes consideraram impossível de realizar tal solução e recusaram-na. Nandim de Carvalho avançou a proposta de autogestão para desbloquear a situação, mas dois dias depois o seu Ministério alegava não ter sido aprovada pela AR a legislação relativa ao regime de autogestão, sugerindo a passagem da empresa a cooperativa. Nesta altura, o ex-patrão anunciou ter recorrido ao Ministério da Administração Interna, que no mês de Agosto lá mandou várias vezes forças da GNR. No dia 7 de Setembro a Comissão de Trabalhadores foi presa e conduzida ao posto da GNR de Loures, e posteriormente ao tribunal de Loures para julgamento imediato. A intervenção do advogado dos trabalhadores impediu que tal acontecesse, ficando o julgamento marcado para o dia 10 de Outubro. Os trabalhadores interpuuseram em Agosto um processo de providência cautelar contra o patrão, por abandono da empresa.

JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS

Plenário pronunciou-se contra regresso do patrão

Os trabalhadores da Sociedade de Construções Joaquim Francisco dos Santos recusaram, ontem, em votação secreta, a proposta de plenário para discussão, o regresso da entidade patronal àquela empresa, propondo, como solução, a transformação em empresa de economia mista. O referendo foi imposto pelo ministro da Habitação e Urbanismo.

O plenário, dirigido por representantes dos trabalhadores membros do CA, foi marcado pela decisão ministerial, transmitida pelo delegado do Governo na firma, de proibir os trabalhadores cabo-verdianos de exercerem o seu direito de voto. Justificação: trata-se de uma questão política e não de uma questão laboral.

Os trabalhadores presentes discutiram imediatamente esta decisão governamental, que rejeitaram. No entanto, decidiram acatar o «recado» do ministro, aprovando entretanto uma moção de protesto. Curiosamente, foram informados de que a Embaixada de Cabo Ver-

de, em Lisboa, já tinha sido oficiada pelo MHUC desta decisão.

A exigência governamental de ser efectuada um referendo parece encerrar algo de mais profundo, uma vez que dos 455 trabalhadores da empresa, se encontram 63 de férias e existem 94 trabalhadores de nacionalidade cabo-verdiana.

Contudo, dos 288 presentes com direito a voto, 232 votaram contra o regresso do patrão, enquanto se registavam 47 votos favoráveis e 9 nulos e abstenções.

O plenário aprovou ainda duas moções: uma de repúdio pela demissão do capitão Valente Leitão, exigindo o seu regresso e outra de solidariedade e apoio aos trabalhadores da Luís Pedro Mendonça e da COPAM. A decisão de não ser aceite a participação dos trabalhadores cabo-verdianos foi obtida a insistência do delegado do Governo na empresa, com a argumentação de que se eles participassem na votação as decisões do plenário

não seriam aceites pelo Ministério de tutela.

Em comunicado distribuído recentemente pela Comissão de Trabalhadores lia-se: «Todos nós sabemos bem, até pelos exemplos que conhecemos, que o regresso da entidade patronal a esta empresa representará a sua destruição e a sua ruína, os trabalhadores serão perseguidos e explorados desumanamente, a economia do País ficará dentro de pouco tempo sem uma unidade útil e necessária».

E prosseguia texto: «Os trabalhadores da empresa conhecerão o desemprego e a fome, mas sentirão sobretudo que perderam a liberdade preciosa de trabalharem sem as ameaças do patrão e de todos os seus serventuários».

Despedidas da Algot continuam nos seus postos

Na fábrica portuguesa da «Algot», em Balazar (Póvoa de Varzim) que ontem reabriu, conforme noticiámos, prosseguiu a laboração mantendo-se sem trabalho as 300 operárias das zonas 1 e 2 que, no entanto, continuam presentes, sem registo de qualquer incidente, nos seus locais de trabalho.

A administração afirma ter pedido às entidades superiores há meses, uma autorização para suspender estas 300 operárias por necessidade de redução do tempo de trabalho. Isto significaria a suspensão do contrato de trabalho e a concessão de subsídios pelo Governo para pagamento dos respectivos salários.

Os trabalhadores e os sindicatos reafirmam que a administração não tem qualquer fundamento legal para efectuar estes despedimentos.

EFACEC/INEL

Despedimento da CDDT na origem de paralisação

Os trabalhadores da EFACEC/INEL, reunidos em plenário na passada sexta-feira reafirmaram a sua decisão de não aceitarem o despedimento dos membros da Comissão de Defesa dos Direitos dos Trabalhadores (CDDT) e aprovaram uma proposta de paralisação geral na próxima sexta-feira, dia 16.

Os diversos intervenientes durante a reunião de sexta-feira passada denunciaram o carácter político dos despedimentos de membros da CDDT através dos quais a direcção da empresa pretende intimidar e desorganizar os trabalhadores para lhes poder retirar todas as conquistas alcançadas

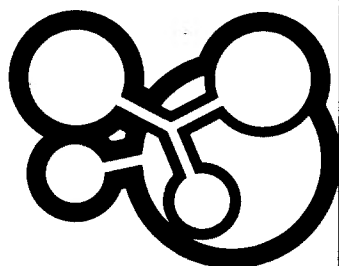
na luta depois de 25 de Abril.

O dia de paralisação será aproveitado para reunião de novo plenário de trabalhadores, no Instituto Superior de Economia, às 14 e 30. Entretanto, de acordo com outra decisão do plenário, os delegados sindicais irão, durante a semana, aos locais de trabalho para discutirem a situação.

Segundo o comunicado distribuído a propósito, a Comissão de Trabalhadores da EFACEC/INEL dispõe-se a adoptar formas de luta mais avançadas, no caso de a administração não revogar os despatches de despedimento da CDDT. Entre as formas de luta previstas, salienta-se a greve total.

SENHOR INDUSTRIAL
SENHOR COMERCIANTE
ATÉ 10 DE OUTUBRO
INSCREVA-SE NO

siem



1º SALÃO INTERNACIONAL
DAS INDUSTRIAS ELECTRO
METALO-MECANICAS
E ELECTRONICAS

25 Novembro 77
4 Dezembro 77

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

NORUEGA

Trabalhistas mantêm o poder

Embora não estejam contados os votos por correspondência, o Governo do Partido Trabalhista liderado por Odvar Nordli assegurou a vitória nas eleições gerais disputadas ontem e domingo na Noruega, ganhando o direito a governar o país durante mais quatro anos.

Em eleição às eleições de 1973, os trabalhistas ganharam mais 15 lugares, o que lhes dá um total de 77 no Parlamento de 155 deputados. Os socialistas aliados parlamentares dos trabalhistas, perderam por outro lado 15 dos 16 lugares

que tinham, mas o único lugar que têm é suficiente para dar ao bloco socialista uma maioria parlamentar de um voto.

Três partidos não socialistas, que anunciaram antes das eleições estar preparados para formar uma coligação, estiveram a um passo de derrubar o Governo.

Os conservadores mostraram-se a maior força não-socialista do país, conseguindo mais treze lugares que há quatro anos. Mas a coligação perdeu devido à fragilidade patenteada pelo Partido do Centro

que sacudido por uma onda de agitação interna, perdeu nove dos 21 lugares que possuía. O Partido Cristão Popular ganhou um lugar, cifrando-se agora o subtotal em 21.

«Nunca esquecerei esta noite de eleições», afirmou esta manhã Odvar Nordli. «Se os votos por correspondência mudarem a situação a favor dos partidos não-socialistas apresentaremos o nosso programa e pediremos ao Parlamento que coopere», sublinha, acrescentando: «Habitamo-nos a governar com uma maioria so-

cialista de um voto no «Storting» (Parlamento) nos últimos quatro anos e podemos fazê-lo de novo.

A questão fulcral da campanha eleitoral foi o desemprego. A taxa de desemprego na Noruega é actualmente de 0,7 por cento, e o eleitorado optou claramente por aqueles em quem depositava confiança quanto a, pelo menos, a manutenção do seu emprego.

O Partido do Centro prometeu durante a campanha abrandar a exploração de petróleo devido a possíveis ameaças às reservas de petróleo, mas os eleitores que têm vivido de pequenos empréstimos externos apoiados no petróleo, manifestaram o seu apoio a um programa intensivo de exploração.

Dos pequenos partidos, apenas os liberais sobreviveram com os seus dois lugares, que podem ser contados para o lado não-socialista. O Partido do Progresso, de direita, perdeu os seus quatro lugares e o Novo Partido do Povo viu acontecer o mesmo ao seu único mandato.

O Partido Comunista conseguiu 0,4 por cento dos votos (cerca de 7900).

Preocupação crescente de Carter devido ao caso Bert Lance

O presidente Carter revelou ontem a sua crescente preocupação acerca de um possível escândalo na Casa Branca ao adiar uma conferência de imprensa que estava marcada até o director do Orçamento, Bert Lance, depôr perante um grupo do Senado.

A comunicação da Casa Branca acerca do adiamento foi feita quando um alto funcionário governamental afirmou que recomendara Lance para o cargo como director do orçamento da Presidência, devido a recear quanto ao seu próprio emprego no governo de Carter.

As exigências no Congresso e em toda a parte para que o presidente demita o seu amigo íntimo e conselheiro do cargo governamental que ocupa, Robert Bloom, um dos dirigentes da Casa da Moeda do país, afirmou que investigadores grosseiramente acerca da carreira de Lance como banqueiro privado.

Entretanto, Jody Powell, o informador para a imprensa da Casa Branca, afirmou ontem numa conferência de imprensa que três dos principais colaboradores do presidente Carter leram um relatório detalhado sobre os problemas financeiros de Lance, em Janeiro último, mas não informaram o chefe do Estado.

Disse que ele, Hamilton Jordan, um colaborador da Casa Branca, e o dr. Robert Lipschultz, advogado da Presidência, tinham visto o relatório do FBI, mas decidiram não o revelar ao chefe do Estado.

Finalmente, a polícia de Massachusetts pôs à disposição do público o processo do caso Sacco-Vanzetti, datando de há meio século e envolvendo o julgamento, condenação e execução dos dois imigrantes anarquistas italianos que provocaram grandes protestos em todo o mundo, nos anos 20.

Então isto, os Estados Unidos e o Japão ratificaram na segunda-feira em Washington um acordo que permitirá ao Japão pôr em funcionamento uma fábrica de enriquecimento de urânio à qual se tinha oposto, até agora o governo de Jimmy Carter.

O acordo, concluído em Tóquio no princípio do mês, depois de três séries de negociações, permite ao Japão utilizar a sua fábrica de reprocessamento de Tokai Mura em regime experimental durante dois anos, aguardando o aperfeiçoamento de um novo método de reciclagem dos desperdícios nucleares.

Por outro lado, o Senado aprovou ontem um projecto de lei visando proibir nos Estados

Unidos a fabricação de veículos de grande consumo de gasolina.

O projecto votado pelos senadores fixa um limite de 14,6 litros aos 100 quilómetros para os carros modelo 1980, que saíam em Setembro de 1979. Este limite será reduzido progressivamente até 11,2 litros aos 100 para os modelos de 1985.

Entretanto, a Marinha de Guerra americana acaba de receber o seu terceiro porta-aviões atómico, o «Dwight D. Eisenhower».

Este navio gigante da classe «Nimitz» tem 332 metros de comprimento, uma ponte de voo de 76 metros de largura e desloca cerca de 95.000 toneladas de peso. As suas pilhas nucleares dão-lhe uma autonomia de 13 anos.

Por outro lado quatro pessoas ficaram feridas e 11 foram presas durante a noite ao registar-se violência num comício efectuado por brancos protestando contra a integração racial das escolas de Chicago, anunciou a Polícia.

Ultimato dos raptadores rejeitado em Bona

O Governo alemão federal ignorou novamente a data limite apresentada pelos guerrilheiros urbanos e permaneceu firme face ao novo pedido para a libertação de 11 anarquistas presos em troca da vida de Hans-Martin Schleyer, um destacado industrial alemão federal, raptado em Colónia no passado dia 5.

O prazo limite — 23h00 TMG de ontem — passou com os 11 guerrilheiros urbanos detidos

dos nas diferentes prisões.

O chanceler alemão federal, Helmut Schmidt, realizou sessões de trabalho por todo o dia de ontem sobre as novas mensagens dos sequestradores, as quais foram enviadas a uma agência noticiosa com sede em Bona e para Genbra ao advogado suíço, Denis Papyot, que está a servir de intermediário entre o Governo e os raptadores.

Foguetões no Zaire: a maior plataforma

A agência noticiosa soviética (TASS) afirma que a Alemanha Federal está a construir a maior plataforma de lançamento de foguetões do mundo no Zaire, especulando que ela será usada para outros fins que não bélicos.

«Sob o pretexto de explorar o espaço exterior, os especialistas alemães federais pode-

rão usar a plataforma para desenvolver mísseis balísticos de combate de várias classes incluindo os que são capazes de transportar armas nucleares», acusa Senchenkov.

«Essas armas, com base no Zaire, poderiam ser lançadas contra alvos tanto no continente africano como noutros continentes».

Ali Bhutto em liberdade

O antigo primeiro-ministro paquistanês, Zulfikar Ali Bhutto, preso há dias sob acusação de envolvimento num caso de homicídio, foi libertado hoje sob fiança e jurou que participaria nas eleições gerais marcadas para 18 de Outubro. Ali Bhutto declarou-se inocente. Recorde-se que Ali Bhutto, deposto por um golpe de estado militar, na sequência duma campanha movida pela oposição de direita ao seu Governo, tem acusado os EUA de terem contribuído para a sua queda

Sessão especial da AG da ONU

A Assembleia Geral das Nações Unidas inicia hoje uma sessão de quatro dias para estudar os esforços internacionais de auxílio aos problemas económicos do Terceiro Mundo e eventualmente criar uma nova ordem económica mundial.

Esta sessão, reatamento da do ano passado, passa em revista os resultados da conferência de Paris sobre cooperação económica internacional, também conhecida por conversações Norte-Sul.

SEGUNDO O GATT

Proteccionismo ameaça a economia mundial

No seu relatório anual, hoje divulgado, o «GATT» (Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio) lança um grito de alarme contra o progresso das medidas de proteccionismo, que comprometem a actividade económica por travarem a reestruturação do aparelho industrial.

«A propagação das pressões no sentido do proteccionismo — afirmam os autores do relatório — poderá vir a revelar-se o mais importante elemento da evolução actual das políticas internacionais, visto estar a atingir um ponto a partir do qual se põe em questão a própria defesa e continuidade de uma ordem internacional baseada em regras negociadas e respeitadas».

Não é difícil identificar as origens destas pressões, prossegue o relatório: a produção industrial das regiões desenvolvidas estagnou entre 1973 e 1976, enquanto as exportações dos produtos industriais de países em vias de desenvolvimento

continuavam a crescer.

O relatório afirma, seguidamente, que o «deslocamento contínuo, quando não acelerado, da mão-de-obra dos ramos pouco produtivos do sector das manufacturas para os ramos de forte produtividade» figura entre os ajustamentos mais importantes a que os países desenvolvidos deveriam proceder, para enfrentarem as novas circunstâncias económicas.

O proteccionismo, conclui o relatório, influi directamente na produção, canalizando os recursos para utilizações relativamente menos produtivas e limitando desse modo a expansão dos ramos mais produtivos e dinâmicos. Ao mesmo tempo, o aumento das práticas proteccionistas leva à incerteza económica e trava, por isso mesmo, o crescimento. Assim, a menos que se regressem às práticas comerciais liberais, «o caminho parece aberto à acumulação de novas dificuldades económicas».

RODÉSIA

Conversações Vorster-Smith e "moderados" no Malawi

O primeiro-ministro rodésiano Ian Smith chegou ontem à noite a Salisbury, não tendo feito qualquer declaração a propósito das conversações que teve em Pretória com o seu homólogo sul-africano, John Vorster. Na opinião de diversos observadores, parece que Ian Smith, que era acompanhado pelo seu ministro das Finanças, teria discutido com Vorster as consequências mili-

tares, diplomáticas e económicas da rejeição do plano de paz anglo-americano para a Rodésia.

Sabe-se, com efeito, que dirigentes políticos, económicos e militares da África do Sul efectuaram, durante três horas, conversações com o primeiro-ministro rodésiano, «na mais recente tentativa tendente à transferência pacífica para o Governo de maioria negra no território governado minoritariamente por Smith. Não houve comunicação conjunta.

Aos jornalistas, disse Smith: «Efectuámos um debate geral. Penso que não se deve dizer mais. Estamos a tratar de assuntos muito delicados».

Por sua vez, Pik Botha, ministro sul-africano dos Ne-

gócios Estrangeiros, declarou: «Passámos em revista a situação na África Austral. Nada mais temos a acrescentar».

Smith ainda não rejeitou formalmente as propostas, algumas das quais classificou de «loucas», mas sabe-se que advo-ga uma solução interna com dirigentes negros considerados como «moderados» pelo Governo rodésiano. Esses moderados são, entre outros, Abel Muzorewa e Ndabaningi Sithole, que hoje se encontram no Malawi para conversações com Banda, presidente daquele país, o qual é o único Estado africano que tem Embaixada em Pretória. Banda tem-se mantido em segundo plano na crise da África Austral.



MADRID

Diálogo PCUS-PCE

Santiago Carrillo, o secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, e outros dirigentes comunistas encontraram-se ontem em Madrid, na sede do PCE, com Vladimir Persov, representante do Comité Central do PC da União Soviética, para conversações sobre a situação política em ambos os países.

O PCE não forneceu pormenores das conversações, mas Carrillo tem sido alvo de críticas de Moscovo, nos últimos meses, devido às suas posições auto-apelidadas de «eurocomunistas».

Enquanto isto, a polícia espanhola anunciou a detenção de 16 jovens anarquistas, membros de um grupo denominado «Juventude Libertária».

A este grupo a polícia atribui a responsabilidade de numero-

sas desordens ocorridas nas últimas semanas no centro de Barcelona.

Por último, a Guatemala e a Espanha assinaram um acordo de cooperação técnica no terceiro dia de uma visita à cidade da Guatemala do rei Juan Carlos e da rainha Sofia.

Juan Carlos chegou no sábado passado, e, num banquete exprimiou o seu apoio à reivindicação da Guatemala, há muito pendente, sobre a colónia britânica de Belize, na costa das Caraíbas.

A Guatemala foi a segunda etapa da viagem do Casal Real às antigas colónias espanholas no Novo Mundo, após visitar a Venezuela.

Hoje parte em visitas de um dia às Honduras, Salvador, Costa Rica e Panamá.

Greve geral amanhã na Colômbia

O presidente Alfonso Lopez Michelsen da Colômbia afirmou que empregaria tropas para garantir serviços públicos normais durante uma greve geral marcada para amanhã pelas quatro principais centrais

sindicais do país.

Os sindicatos, que contam com cinco milhões de filiados, organizam a greve de 24 horas em apoio às reivindicações salariais.

Canal da Crítica

NÃO. NÃO É POR ACASO

A manipulação manifesta-se em todos os sectores da actividade. Não se pense que ela só existe ao nível do **Telejornal**. Aqui, no **Telejornal**, assistimos a uma intensiva manipulação política e partidária, com tudo quanto isto significa de ramificações internas e externas. Seria curioso verificar a pressão do bombardeamento com notícias vindas dos Estados Unidos, da Alemanha Federal, da Rodésia, da África do Sul. Preparo uma nota especial sobre o assunto unicamente para ajudar alguns dos meus leitores a compreender quanto a minha «resposta política» ao trabalho da Televisão está longe, longe, imensamente longe do ataque acintoso. Os telespectadores mais assíduos sabem quanto, a propósito de tudo e de nada (mais de nada que de tudo, certo) se mete a imagem de Carter. Não é por acaso. Ninguém (ou pouquíssimos) percebe o que ele diz. Ninguém dos portugueses estará interessado no assunto que ele trata. A transmissão da imagem visa tornar familiar a pessoa de Carter, dar naturalidade às relações do nosso país

com o imperialismo. A Televisão substituiu o cinema como forma de penetração ideológica americana.

Além disso, as figuras de Vorster, da África do Sul, de Ian Smith, da Rodésia ou dos governantes de Israel convivem diariamente com o povo português. A Televisão portuguesa ignora totalmente o que se passa nos países irmãos da Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

Não é por acaso. Tudo faz parte de uma estratégia global da recuperação capitalista.

CONVIVÊNCIA OU SOLIDÃO?

Alinhar com os Estados Unidos, estar com os Estados Unidos, não se consegue apenas através dos noticiários tendenciosos. Muitas vezes, o processo da devoração imperialista consegue efeitos surpreendentes com uma actividade... não política.

É o que se verifica, por exemplo, com a série recentemente estreada: **Os Hardys**. Trata-se de um conjunto musical que se vê envolvido nas aventuras mais diabólicas: drogas, sabotagens, o diabo a sete. Para além da violência pueril, violência de atrasadismo mental dos mais chaparros, manifesta-se a violência da imagem animada, a vertigem

da movimentação (incluindo a dos próprios separadores) tudo concorre para não deixar à inteligência do telespectador a mínima oportunidade de recuperação: somos arrastados na sucessão incrivelmente veloz das imagens.

Depois, tudo é motivo para uma manifestação musical. Lá está o conjunto com as guitarras e violas eléctricas, o movimento corporal característico, a algararra, a criação de novos ídolos sem nenhuma relação com a sociedade, com os problemas reais.

Aqueles são os modelos propostos à juventude. Recordem-se ainda de novo: não é por acaso. A proliferação deste género de «convivência» que leva ao histerismo e à solidão, não se compreenderia nunca sem a cobertura dos grandes meios de informação.

Os Hardys é uma nova droga que está a ser veiculada pela RTP, cada vez mais ligada ao carro do imperialismo.

DESPORTO E OUTRAS COISAS

Râguebi. Tarde de sábado. Assisti a transmissão directa do desafio entre os **Lions** e os **Barbarians**. Imensa multidão, verdadeiro mar de gente à vol-

ta do campo.

A proverbial exiguidade de meios humanos da RTP não a impede de mandar a Londres um enviado especial. Essa exiguidade manifesta-se principalmente quando se trata de fazer a cobertura de reuniões, actividades, conferências de imprensa de sindicatos ou de comissões de trabalhadores.

Pois é, o imenso mar de gente em redor do campo inglês. Isto deve pôr problemas colossais de segurança. Porque a **violência no desporto** dizem que é uma coisa tramada. Simplesmente, na minha modesta opinião, falta acrescentar uma palavra, uma única palavra. Deve dizer-se: **violência no desporto ocidental** (ou capitalista, se quiserem).

A verdade é que o espectáculo de ostentação policial, os campos desportivos aramados, transformados em campos de concentração, são perfeitamente desconhecidos nos países socialistas.

Dir-se-á que estou a fazer política. Mas não estará a fazer política quem, abusivamente, generaliza um conceito?

Ah, mas nisto de violência haverá ainda muito que contar. Claro que, numa sociedade as-

Continua na pág. 14

Hoje



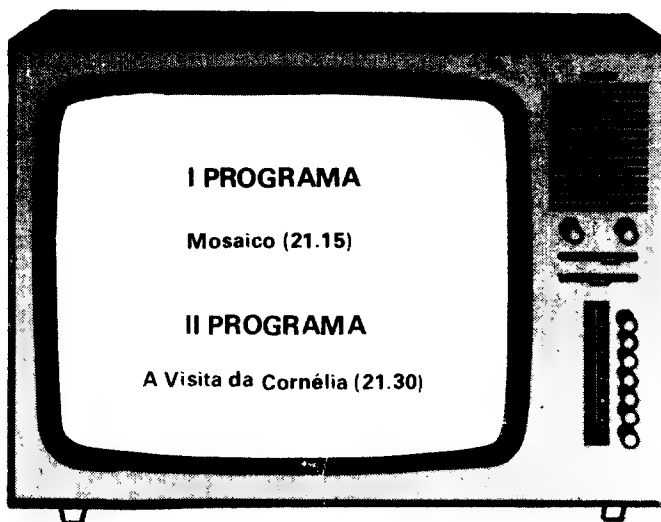
Mosaico

I PROGRAMA

- 18.30 Abertura. Telejornal... 1.ª edição
- 18.35 Menina gotinha de água. 1 mais 1 igual a 1. O pequeno pirata... «Um Tesouro Enterrado»
- 18.55 1, 2, 3... é a tua vez
- 19.25 Telecinema... Actualidades cinematográficas
- 20.00 Telejornal... 2.ª edição
- 20.30 Gabriela... Mais um episódio da telenovela baseada na obra de Jorge Amado
- 21.05 Boletim Meteorológico
- 21.15 Mosaico... Temas de actualidade e interesse geral
- 22.50 Telejornal... 3.ª edição. Últimas notícias do dia
- 23.10 Fecho.

II PROGRAMA

- 21.02 Telejornal... 2.ª edição
- 21.30 A Visita da ornélia. (Repetição do dia anterior)
- 23.35 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

- 18.30: Abertura e Telejornal... 1.ª edição; 18.35: O Pequeno Pirata; 18.55: Abre-te Sésamo; 19.30: Cientificamente; 20.00: Telejornal... 2.ª edição; 20.30: Gabriela; 21.05: Boletim Meteorológico; 21.10: Subitamente solteiro... Filn de grande metragem realizado por Jud Taylor; 22.30: Telejornal... 3.ª edição; 22.45: Fecho

II PROGRAMA

- 21.00: Abertura e Telejornal; 21.35: Gabriela (repetição); 22.00: Pin Manique; 22.30: Camila... 1.ª episódio; 23.10: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE, PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS - SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

TEATRO DA COMUNA
Pç. Espanha (Metro Palhavã)

A BARRACA

Com: Fernanda Lapa, Jorge Gonçalves, José M. Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, Maria Céu Guerra, Mário Viagas, Paula Guedes, Júlio Pereira, Sheila Charlesworth

BARRACA CONTA TIRADENTES

encenador: A. Boal

3.ª A SÁBADO: 21h15
(marcações pelo tele 762624)

GIH

GRUPO TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA

Tr. S. Vicente, 11 - 875626

a comédia

A ESTALAJADEIRA

de Goldoni

Diariamente às 21.30 h.
TARDES... Sábados às 16h.
Domingos, só às 18h. Fol-
ga às 2.ªs Feiras

TEATRO ABC
TELEFONE 36 67 45

DENTRO DE DIAS!

O ORIGINAL DE CÉSAR DE OLIVEIRA, R. BRACINHA E ARY DOS SANTOS, montagem de MÁRIO ALBERTO, música de THILO KRASMAN, PAULO DE CARVALHO E JOSÉ LUÍS SIMÕES, maquetas de HERNANI LOPES, cenografia de JOSÉ MANUEL E REBOCHO

DIRECÇÃO DE VARELA SILVA

A "RIA" ALMENTE GRANDE E POPULAR REVISTA

Quêda GUARDA!

IVONE SILVA OCTÁVIO MATOS HERMAN JOSÉ NATÁLIA SOUSA

NINA FLORES LIA SARA VICTOR NORTE JOÃO LUÍS E VILAVERDE ISA MOTA

FERNANDA BORSATTI JÚLIO CÉSAR

VASCO RAFAEL

participações especia

Anova voz da canção atracção nacional

Ballet Star Dancer's

200 TRABALHADORES NA REALIZAÇÃO DESTE MAGNÍFICO ESPECTÁCULO

UMA PRODUÇÃO DE SÉRGIO AZEVEDO

BILHETES À VENDA

GRANDE PRÉMIO DO CINEMA FRANCÊS

QUE MULHER ESPERARA A VIDA INTEIRA POR UM HOMEM?

QUE HOMEM PODERÁ RENEGAR O SEU AMOR?

ISABELLE ADJANI

MILHAR ACTRIZ ESTRANGEIRA

Associação de Críticos de Nova Iorque

UM FILME DE FRANÇOIS TRUFFAUT

COM ISABELLE ADJANI

"A História de Adele H."

(O Filme de Adele H.)

SÃO JORGE

HOJE ESTREIA

As 21.30 — 21.15 no

Screenplay by FRANÇOIS TRUFFAUT, JEAN GRUAULT, SUZANNE SCHIFFMAN
com BRUCE ROBINSON - SYLVIA MARRIOTT - JOSEPH BLATCHLEY - IVRY GITLIS
director de fotografia NESTOR ALMENDROS - música de MAURICE JAUBERT - EASTMANCOLOR

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

United Artists

LOTAÇÕES ESGOTADAS
teatro 11.ª SEMANA
quarteto
AO VIVO
ANA ZANATTI ZITA DUARTE
A VERDADEIRA HISTÓRIA DE JACK O ESTRIPADOR
 de ISABELLE HUPPERT com MIGUEL LIMA
 música de FERNANDO GUERRA encenação de CARLOS AVILEZ

"TAÇA DOS CAMPEÕES": 72 MIL BILHETES, 11 MIL CONTOS

Torpedo em Lisboa para a gala na Luz

Chegou ontem a Lisboa a equipa de futebol do Torpedo de Moscovo, que defrontará o Benfica amanhã à noite, em jogo da 1.ª «mão» da eliminatória nº 1 da Taça dos Clubes Campeões Europeus. O segundo encontro terá lugar na capital soviética, no próximo dia 28.

A caravana soviética, constituída por 23 elementos (dos quais 16 jogadores) era aguardada no aeroporto por dirigentes benfiquistas, entre os quais o presidente da Direcção (Ferreira Queimado) e o director do Departamento de Futebol (Romão Martins), além de Fernando Queiroz, Fernando Caseiro, dr. Osvaldo Branco e João Salgado.

A equipa moscovita fez, à noite, um treino no estádio benfiquista, para adaptação ao relvado e iluminação, treinando-se hoje no Estádio Nacional e, amanhã de manhã no Estádio de Pina Manique.



De gravata: Valentin Ivanov, técnico-chefe do Torpedo

Ambos os clubes jogaram no passado sábado os desafios correspondentes aos campeonatos dos respectivos países, tendo o Torpedo sido derrotado pelo Dinamo de Kiev (actual guia da prova), por 1-3, enquanto os benfiquistas venceram o Beirenenses, (por 2-0).

A comitiva soviética é inte-

grada pelos seguintes elementos: Pavel Chigrin, (presidente da empresa de camiões Zikatchev a que pertence o Torpedo); Valentin Ivanov, (técnico principal do clube), Iuri Zolotov (técnico adjunto), Anatoli Proiaiev (médico), Alexandre Petrov (massagista), Alexandre Koslov (intérprete) e os jogado-

res Zarapin, Babenko, Prigoda, Mironov, Iupikov, Kudiev, Buturlakin, Dektiyazev, Petrenko, Iurin, Filatov, Sakharov, Grichin, Nikonov, Krabrostin e Klopotnov.

O Torpedo foi fundado em 1924 e joga na divisão principal desde 1939, tendo sido campeão da União Soviética em 1960, 1965 e 1976. Ganhou a Taça em 1949, 1952, 1960, 1968 e 1972.

O Benfica mantém em estágio para o encontro de amanhã, (que fará esgotar a lotação da Luz, obrigando à maior receita de sempre do futebol em campos portugueses: 11 mil contos de 72 mil bilhetes) os seguintes elementos: Bento, Fidalgo, Pietra, Humberto Coelho, Eurico, Alberto, Bastos Lopes, Barros, Toni, Mário Wilson, Shéu, José António, José Luis, Nenê, Chalana, Celso, Cavungi e Vitor Baptista.

Arbitrará o encontro o francês Robert Wurtz.

TAÇA DAS TAÇAS

Que FC do Porto para amanhã à noite, perante o Koln igualmente incerto?

Que F. C. do Porto teremos amanhã à noite (20 horas) de Colónia, Alemanha Federal) na primeira eliminatória da «Taça das Taças»? O grupo que percorreu o mês de Agosto em jogos-treinos, robustecendo a esperança dos seus adeptos em reconquistarem, finalmente este ano, o título nacional, ou o grupo descrente, apático, vencido que, no sábado passado baqueou às mãos (e pés) de José Torres e seus pupilos?

A resposta liga-se com outra pergunta: que F. C. Köln teremos contra o grupo português? O que em várias jornadas de Bundesliga elevou ao rubro da excitação a jovem plêiade de seguidores e entusiasmos a crítica e o público mais exigentes? Ou o que, também no sábado passado, tomba sem apelo, no seu próprio terreno, perante umas 60 mil pessoas, perdendo por 2-4 com o Schalke 04, guia do campeonato alemão federal?

Como se vê, as perspectivas não são lá muito animadoras para qualquer dos grupos, se olharmos ao passado mais recente. Mas, não é novidade nenhuma que, pelo menos para esta primeira parte da eliminatória, as coisas se apresentam mais negras para os portistas. O futebol alemão pertence a um escalão superior ao nosso — não é em vão que ostenta o título de campeão do mundo — e o F. C. do Porto é uma incógnita muito grande neste seu primeiro confronto internacional da época. Além disso, o ataque do Colónia é o mais

realizador do campeonato alemão, com a média de três golos por jogo.

Pedroto já começou a desvendar um pouco do que se julga estar a preparar para o jogo de amanhã. Em Lisboa ficou Gonzalez, um avançado que jogara de início no Estoril — por sinal bastante mal — e não nos admira nada que prepare um «team» à base de segurança na defesa, com elevado número de médios para gastar jogo (isto é: reter o esférico, gastar o tempo e procurar o contra-ataque, quando em situação propícia) e apenas um ou dois dos seus mais velozes homens na linha dianteira.

Serão Gomes e Seninho os únicos a actuar para lá da linha intermédia? É bem possível, dada a velocidade e técnica de um e outro.

CHUVA MIUDINHA NO CAMINHO DOS PORTISTAS

A comitiva portista está albergada no Hotel Beethoven, na cidade do imortal músico alemão e hoje capital da RFA, tendo ficado em Lisboa, dos 18 elementos que se haviam reunido no Estoril, o defesa Teixeira (muito novo para estas andanças) e Gonzalez, este sob desculpa de não se encontrar, ainda, completa-

Daniel Reis em Colónia enviado especial do "DL"

mente «recuperado».

Significa isto que se encontram em Bona, Fonseca e Torres (guarda-redes); Gabriel, Teixeira, Simões, Freitas e Murça (defesas); Octávio, Rodolfo, Celso, Oliveira (médios) e Seninho, Gomes, Duda, Vital e Toninho Metralha (avançados).

Estes elementos, acompanhados de Pedroto (treinador), Américo Sá (presidente do clube), Jorge Pinto da Costa (director do Departamento de Futebol), Domingos Gomes (médico), Vitor Hugo (massagista) e Agostinho Guedes (roupeiro) chegaram à capital alemã às 19 e 15 (a viagem Lisboa-Frankfurt fiz e ra-se calmamente sem atrasos), trazidos desde o aeroporto de Frankfurt num autocarro que já os aguardava.

Pelo caminho — sensivelmente a meia distância entre

Frankfurt e Bona — os primeiros sinais de preocupação reflectiram-se nos rostos da comitiva perante a inesperada chuva (miudinha, miudinha) que principava a cair. Mas foi por pouco tempo.

Para hoje está marcado um treino no recinto onde o jogo se deve efectuar, com o horário 16/17 horas. A temperatura é, por enquanto, agradável e o tempo esta um pouco humido.

teatro do bairro alto
2 SALAS 2 ESPECTÁCULOS
teatro do bairro alto
os comilões
APRESENTAM
A GUARDA DE BENIAMINO JOPPOLO
 com Antonino Solmer, Fernando Heitor, Lia Gama, Luís Lucas, Teresa Madruga e Zé Eduardo.
 Todas as noites às 21 e 30
 Sábados às 18 e 21 e 30
 Domingos só às 18
 Subsídio da SEC

37 500 PESSOAS JÁ VIRAM Ó CALINAS CALA A BOCA!
UMA REVISTA DE VIVER A RIR!...
UM ÊXITO JÁ EM 2.º MÊS
 VENHA VOCÊ VER TAMBÉM
 ERMELINDA DUARTE • FRANCISCO NICHOLSON
 HENRIQUE VIANA • MAGDA • MARIA TAVARES e ainda
 FÁTIMA VELOSO • FERNANDO OLIVEIRA
 MARIA N'ZAMBI • VASCONCELOS VIANA
ADOQUE teatro
 NO MARTIM MONIZ
 TODAS AS NOITES (20.30/22.45)
 MATINÉES AOS DOMINGOS
 Telefone 874476 **FOLGA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS**



Portistas no embarque para a Alemanha

Academia Almadense

Telefone 2752127



VIANA — HELENA — ALEXANDRA e M. COELHO em FAMÍLIA DA CORNÉLIA

Atira o Barrete ao Ar!

com VIANA — DULCE — DORA e pela 1.ª vez neste género ROGÉRIO PAULO

Sensacional ÊXITO da Cooperativa Teatro Popular de ALMADA

Às 21.30 Aos domingos também às 16 horas
 BILHETES NA ABEP

IRENE ISIDRO 7 MESES EM CENA NO TEATRO LAURA ALVES NA RUA DA PALMA
 TEL. 864756
 TODAS AS NOITES ÀS 21.30
 MATINÉES: DOMINGOS ÀS 16 h
 ÀS 2.ª FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO
 UMA COMÉDIA DE José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
 com IRENE ISIDRO
 BARROSO LOPES
 MANUELA MARIA
 LUIZ HORTA
 CARLOS MIGUEL
 TEREZA ZILC
 MARIA JOÃO
 PAULA LÍMAO
80.000 ESPECTADORES JÁ VIRAM ESTAS CALCINHAS!



Defender e atacar: Botelho e Keita

TAÇA UEFA

"Nós por cá todos bem"

O Sporting é uma equipa sem problemas, pelo menos até amanhã. E, mesmo o que implicitamente decorrerá da importância do encontro da 1.ª «mão» da «Taça UEFA», onde os «leoninos» este ano se embrenharam, não é dos insólitos. Bem pelo contrário, como pudemos verificar nos primeiros contactos com os amantes do couro destas paradisíacas paragens do Mediterrâneo, adeptos fervorosos do Bastia, a equipa da Córsega que há meses (e um tanto surpreendentemente) se agigantou no «Nacional» gaules, para alargar o seu âmbito à Europa do futebol.

Os «torcedores» do Bastia não escondem a incógnita que, para os seus cálculos, representa esta equipa portuguesa orientada por um brasileiro: e que, nas suas fileiras, conta com Salif Keita. São pessoas que se interessam pelo pontapé no couro de todas as latitudes, que lembram Eusébio e Coluna, e que explicam o facto de não albergarem emigrantes da nossa terra por se encontrarem, de certo modo, isolados. Têm um elevado conceito de independência, em toda a pobreza que marca o curso. Por isso, aliás, a luta que travam com o Governo de Barre para que lhes seja concedida uma maior autonomia. A «batalha» está na ordem do dia, e parece, animicamente, estimulada por um homem que está no espírito de todos: Napoleão Bonaparte.

Em termos de futebol, o Bastia é uma potência insular, tanto mais sentida quanto o Ajaccio (o grande rival nestes 8772 km quadrados de superfície onde há almas), se encontra no escalão secundário do «association» francês. Depois, vem o Marselha, já no continente, e mais forte, mais apetrechado, com outras disponibilidades financeiras. Apesar de todas essas condições não jogou, na temporada finda, melhor lugar que os bastianos (que ficaram na 3.ª posição), e nem sequer faz parte este ano, do lote das equipas fran-

cesas envolvidas nestas «kalendas» do futebol europeu. Metade da população (cerca de 25 mil pessoas) está inscrita no clube, cujos dirigentes não tergiversam em rejuvenescer, reforçar e remodelar. É nesta triplice de conceitos tornados accção contínua que o Bastia persiste em «ter uma grande equipa», segundo o mais importante órgão regional diariamente dado à estampa.

DEZASSEIS DE «PREVENÇÃO»

«Nós por cá todos bem», parafraseando Fernando Lopes e o novo cinema português, é expressão que aqui fica para lhes dar conta do sentido das responsabilidades (e do elevado estado de espírito) que cada «leonino» tem em relação ao jogo de amanhã, a partir das 20.30, no Estádio Floramie, com capacidade para 20 mil espectadores. A iluminação, que o Sporting hoje se propõe «inspeccionar», é fraca. À hora a que escrevemos ainda não está assente se o treino-adaptação dos «leoninos» no «Armand Cosari» se efectuará à noite (o ideal), se à tarde, permitindo aos 16 elementos, na última hipótese, um repouso mais prolongado.

Esta manhã, e na esteira do que é praxe nestas andanças, os jogadores sportingistas dispuseram de determinada «liberdade de acção» para tomar contacto mais directo com a cidade, já que «Chez Walter» (o hotel onde todos estamos hospedados), em Camozzo, é praticamente às portas de Bastia. As belezas turísticas da urbe vão-se enraizando, entretanto, no espírito dos que rigorosamente já ontem devassaram os seus escaninhos mais cosmopolitas.

Entretanto, Pierre Cahuzac (o técnico) e Jules Filipi (o director desportivo) começam a congeniar o xadrez para amanhã. Em definitivo, a equipa do Bastia ainda não está constituída, embora (como o Sporting) a sua formação incida sobre os 16 elementos convocados. É muito provável, contudo (e isto pelas informações que temos colhido), que Marselha, onde a equipa, a despeito de perder (2-0), deu boa conta de si. Mariot (procedente do Lyon) é, na ausência forçada de Repp, «veículo» do conjunto. Além destes, o Bastia tem igualmente em plano de relevo e com a mesma posse de responsabi-

Júlio Rodrigues em Bastia
enviado especial do "DL"

o ataque e, logo, o holandês e o ex-lionês. Há também Larios, um jovem que já aqui rubricou actuações de apreço, pleno de imaginação e vivacidade. De Larios, que veio para o Bastia, juntamente com Vézir, por troca com Zimako («internacional»), refira-se o facto de ser, pela sua notoriedade e maior esperança dos adeptos corsos, que esperam ver, finalmente, o talento do «estéphanois» a «fazer os seus estragos».

ÁRBITRO EM DE ESPANNA

A força do Bastia, cimentada num conjunto de valores que, um pouco como o F.C. do Porto, ainda não encontrou esta época a expressão colectiva que o peso individual dos seus 16 elementos lhe pode dar, não se limita aos homens acima focados, pois que há ainda Vézir (que já referimos), Felix (outro atacante) e Desvignes, o médio-defesa a que atrás aludimos. Este último é o «pila», quando necessário, de uma defesa que constitui o «calcanhar de Aquiles» da equipa, diametralmente oposta (passe a hipérbole), em termos produtivos (e aqui adiante-se: evitar os golos) à linha avançada. Petrovic (jugoslavo), o homem das redes, experiente, maduro, em apurada forma, constituirá por certo o mais sério obstáculo aos desígnios dos atacantes «leoninos». Ele costuma ser quando a defensiva bastiana oscila e se permeabiliza, o homem das emergências.

Sem embargo tudo este rol de nomes (repetimos: nem sempre 11 bons jogadores fazem uma grande equipa) do Sporting de Paulo Emilio, também reforçado e, outrossim (como o Bastia), na senda da homogeneidade, parece-nos apresentar-se aqui com fortes possibilidades de criar condições para resolver a questão (a seu favor) em Aivalade. Bastará para tanto não (e em nosso consenso) se preocupar (excessivamente) em resguardar as suas redes, montar a sua capacidade de resposta e, em contra-ataques, assediar o compartimento mais frágil dos corsos, a sua linha recuada. Para já, uma «alegria»: Repp não pode jogar, por mor de castigo utebol.

O espanhol Guruceta (árbitro «internacional») dirigirá a partida de amanhã, no Estádio Armond Cosari (Floramie), conduzido pelos seus compa-

Boavista em Miramar Lazio com problemas

A equipa do Boavista, que defronta o clube italiano Lazio (de Roma) amanhã, à noite, no Estádio das Antas, em jogo da 1.ª «mão» da eliminatória inicial da «Taça da UEFA», entrou ontem em estágio num dos hotéis de Miramar.

O treinador Fernando Caia do indicou os seguintes 16 jogadores com vista ao encontro com os italianos: Sousa, Serafim, Trindade, Mário João, Artur, Alberto, Barbosa, Vítor Pereira, Francisco Mário, Albertino, Molinhos, Salvador, Austeri, Vinício de Meneses, que resolveu a opção feita pela equipa portuguesa, registam-se as ausências de José Manuel, do defesa Carolino e do médio Nogueira (que se encontram lesionados), e ainda do guarda-redes Matos e defesa Amândio (ex-Sporting), por ainda não estarem inscritos.

O Lazio treinará hoje, no Estádio do Bessa, enquanto o Boavista fará um treino no Estádio das Antas, também ao fim da tarde de hoje.



Mário João: «stopper» e «captão»

Os italianos debatem-se com problemas internos que dão uma grande intranquilidade à equipa. Caso da opção feita pelo treinador brasileiro

Vinício de Meneses, que resolveu preterir o guarda-redes titular do Lazio em favor do suplente Garella. No campeonato italiano, o Lazio perdeu o primeiro encontro (por 1-2) frente ao Génova e alinhou com os seguintes elementos: Garella; Ammoniaci, Martini, Wilson e Manfredonia; Cordova, Badiani e Agostinelli; Giordano, Clerici e d'Amico. Deve ser esta a formação interveniente no debate das Antas, face a um público que deve deixar 2.700 contos nas bilheteiras.

A arbitragem pertencerá ao belga Jean-Claude Jorouquim.

Seleccção vai concentrar-se

A selecção de futebol, que defrontará as representações da Dinamarca e da Polónia (nos dias 9 e 29 de Outubro próximo), em jogos da fase de apuramento para o Mundial (Grupo I), entra em estágio no dia 30 do corrente. Está marcada para o dia 20 deste mês, em Lisboa, a concentração de 26 ou 30 dos jogadores das duas selecções: equipa principal e de «esperanças» (que vai jogar a fase de apuramento para o Campeonato da Europa, em Itália, no dia 12 de Outubro. Entretanto, no dia 22 serão anunciados os nomes dos convocados que entrarão em estágio no dia 30.

A Comissão Técnica da Seleccção Portuguesa é constituída pelo eng.º Abílio Rodrigues, José Maria Pedroto, Júlio Cernadas Pereira (Juca), Peres Bandeira, Rodrigues Dias e prof. Falcão.

ANTECIPAÇÕES

Foram antecipados para sábado cinco jogos da 1.ª divisão: Boavista-Espinho, Varzim-Portimonense e Riopole-Vitória de Setúbal (todas às 16 horas), Belenenses-Académico (17) e Feirense-Estoril (às 21 e 30).

TAÇA

Jogos da «Taça» de Portugal, correspondentes à 2.ª eliminatória da fase onde os vencedores da eliminatória anterior terão

oportunidade de serem repescados:

ZONA NORTE: U. Lamas-Oliveira, Mondinense-P. Brandão, Freamunde-Cabeceirense, M. Cavaleiros-Maria da Fonte, Farnalhão-Macarense, Lamego-Infesta. Vencedor do jogo Chaves-Tirsense: Adim Levensen-Arrifanense. Vencedor do jogo Limianos-representante de Vila Real-Paredes, Monção-Mizel. Segunda-vencedor do jogo Lourosa-Avinces e Penafiel-Piósinho.

ZONA CENTRO: Matrena-Alcobaca, vencedor dos jogos Peniche/Marinheira e Gouveia/Mangualde. Lousalen-se-Nazarenos, Alva-Gonçalesse, Alcanenense-Ança, Marrazes-Condestável, Anadia-Febres, Modelos-vencedor do jogo O. Bairro/Torresense. Sintrense-Covilhã, Viseu Benfica-Elétrico P. São Trondela do jogo Batalha/Cortaxo e Almeirim-Castelo Branco.

ZONA SUL: Elvenses-Paio Pires, Souselense-Desp. Beja, Campomaiorense-Lusitano de Évora, Alverca-Loures, Reguengos-Desp. Olivais, V. Gama-vencedor do jogo Oriental/Luso, Esperança de Laços-Vitória de Lisboa, Bucelenses-U. Santiago de Cacém, vencedor do jogo Seixal/CUF-Bor-bense, Qubarteirense-Serpa e Atlético-Aljustrense.

Encontros a 8 de Outubro.

MADEIRA

Continentais vencem concurso de pesca

FUNCHAL, 13. Realizou-se no último domingo, com a participação de 164 desportistas, o Concurso de Pesca de Mar, que decorreu na costa norte da ilha da Madeira.

Em primeiro lugar classifi-

cou-se José Costa (Porto) tendo «A Reguladora» (Vila Nova de Famalicão) obtido a melhor classificação por equipas.

Refira-se que 24 dos concorrentes eram continentais, e madeirenses os restantes 140.

O TRAÇO DE PARGANA



maritimo, um torcedor de...

TOTOBOLA Jogue connosco

Boavista-Espinho	A
Varzim-Portimonense	A
Guimarães-Sentica	X
Belenenses-Académico	X
Sporting-Brasão	X
Riopole-Setúbal	X
Feirense-Estoril	X
Marítimo-Porto	X
Vila Real-Segura	X
Marinhense-E. Portaleg.	X
Águeda-Reira Mar	X
Juventude-Barcelonense	X

PARA LÁ DA RAIA

SEQUEIRAS: SORTE DIFERENTE

João Sequeira perdeu com o búlgaro Georgiev, na 7.ª jornada do campeonato mundial de xadrez para juniores. Sequeira que jogou com as peças pretas, tem 4.0 pontos num máximo possível de sete.

Por seu lado, Fernando Sequeira venceu o seu jogo da 4.ª jornada do campeonato mundial de xadrez categoria de cadetes, com uma vitória

Últimas

O técnico Cahuzac indicou, como muito provável, a seguinte formação do Bastia: Petrovic; Sousa, Orlan-ducci, Guesdon e Burkhard; Lacuesta, Desvignes e Kriman; Félix, Papi e Mariot. Paulo Emilio deve escalar assim o «conze» de Aivalade: Botelho; Artur, Laranjeira, Manaca e J. Costa; Fragui-lo, Vítor Gomes e Baltasar. Manuel Fernandes, Jordão e

CENTRAIS NUCLEARES PPM vai lançar "Livro Negro"

O Partido Popular Monárquico (PPM), através de um comunicado da sua Comissão de Estudos de Política Energética afirmou a sua intenção de publicar dentro em breve um «livro negro» sobre a energia atómica.

Considerando que a construção de centrais nucleares não serve os interesses do povo português a Comissão de Estudos Energéticos do PPM condena ainda o facto da comissão que está neste momento a proceder à elaboração do «Livro Branco» sobre a Central Nuclear da comissão nomeada pelo Governo ver as coisas «exclusivamente sob uma óptica empresarial sem que os problemas ecológicos e de segurança das populações sejam igualmente equacionados».

E o comunicado do PPM termina: «Para que se ornamente o Governo com a Secretaria de Estado do Ambiente? Para que serve o Primeiro-Ministro preocupar-se com problemas ambientais ao falar ao país, pela televisão, se coexiste, num grupo de trabalho do Governo, quer os serviços de Estado quer empresas públicas, am-

bos continuando a viver ainda na semiclandestinidadade da tecnocracia estado-novista?»

ABATE DE SUÍNOS Firma de Benavente desmente o MAP

Ainda a propósito da nota oficiosa do MAP, respeitante ao abate clandestino de suínos, a firma A. de Matos e Calda, com sede em Lisboa e fábrica em Benavente, divulgou um comunicado no qual se contestam as afirmações do Ministério da Agricultura e Pescas.

Na medida em que sobre elas incidiam acusações que considera falsas a empresa A de Matos sublinha que «tal procedimento se torna impossível, pois possuindo matadouro industrial devidamente autorizado pelo alvará n.º 1664», todos

os abates ali feitos são obrigatoriamente fiscalizados e inspeccionados sanitariamente pelo veterinário oficial do concelho de Benavente.

No comunicado salienta-se que devido à gravidade da questão e no intuito de «não deixar empolar um caso que está a ter tão nefastas consequências para nós», a firma envolvida pelo MAP no abate ilegal de suínos, decidiu proceder judicialmente contra os responsáveis que com estas atitudes «só vem demonstrar a sua incompetência».

Jovem casal português preso na fronteira com pesetas falsas

CHAVES, 13 — Ontem cerca das 16.30 horas na fronteira de Vila Verde da Raia, a Guarda Fiscal, deteve um jovem casal português (22 a 25 anos), quando tentava passar para Espanha transportando 372.000 pesetas falsas, em notas de mil. O casal seguia num «Fiat 124 Sport», com a matrícula «PO-77-150», o que corresponde à Província de Pontevedra.

A G. F. deu imediatamente conhecimento à Polícia Judiciária, que mais tarde compareceu aqui, tendo levado para o Porto os detidos e o dinheiro falso.

Os nomes não foram ainda revelados, para não prejudicar o curso das averiguações.

Continua a importar-se gado dos Açores

«Até ao final do ano, o continente receberá dos Açores 14 mil animais, sendo 20 por cento até aos fins de Outubro e os restantes 80 por cento até 31 de Dezembro» — informou ontem a Junta Nacional de Produtos Pecuários.

Verifica-se assim que apesar da existência em Lisboa de grande quantidade de carne armazenada, bem como de animais vivos para abate, a suspensão da aquisição de gado bovino nos Açores, noticiada em alguns órgãos de Comunicação Social, não se processará.

O vice-presidente da JNPP justificou a medida no sentido em que a mesma iria piorar a situação no arquipélago onde os produtos se debatem actualmente com escassez de pastos e, ainda, do facto de certas ilhas só serem tocadas por barcos de dois em dois ou de três em três meses.

Referiu ainda aquela fonte o problema da falta de matadouros industriais no Açores, o que dificulta uma política concertada de escoamento para o mercado do continente.

Zona de Alcântara: alterações adiadas

«Por motivo de ordem técnica, foi adiada para data a anunciar a entrada em funcionamento das alterações relativas à zona de Alcântara, e cuja abertura estava marcada para o dia 9 do corrente mês de Setembro», informa a 6.ª Repartição da Câmara Municipal

de Lisboa.

Lembre-se que as referidas alterações respeitavam fundamentalmente aos seguintes arruamentos: Largo do Calvário, Rua Dias Coelho, Rua das Fontainhas, Rua Escola Asilo, Calçada da Tapada, Rua Rodrigues Faria e Rua de Alcântara.

Motorizada roubada a jornalista

Na noite de sexta para sábado, foi roubada no Largo Hintze Ribeiro em Lisboa ao nosso prezado camarada da equipa do Telejornal, Mario Cardoso, uma motorizada «Casal Boss»,

azul, com a matrícula 3 LSB-38-25.

Pede-se a quem a detectar que telefone para aquele nosso colega, através dos telefones 327520 ou 795084.

Crítica da Canal

Continuação da pag. 11

sente na violência, o desporto nunca poderia fugir à regra. Tiram daí o arinque, os idealistas.

No nosso país o problema também está a ser considerado. O director-geral dos Desportos, Rodolfo Begonha, participou num congresso a respeito disso. Sim, há medidas a tomar. Por exemplo, estudaram-se as medidas de segurança nos recintos desportivos da República Federal Alemã.

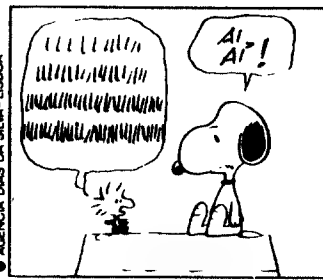
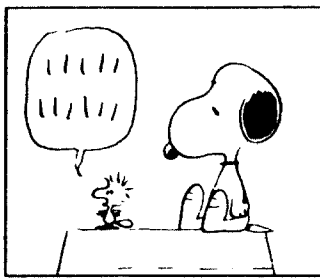
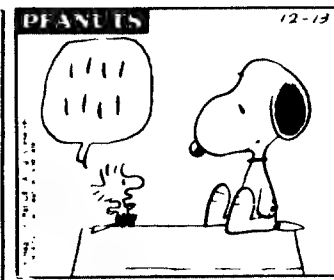
Claro, claro, claro. Os países, nossos amigos têm coisas muito importantes para nos ensinarem. Assim, de medidas em medidas de segurança nos re-

cintos desportivos, caminharemos com maior firmeza para o socialismo. Para o socialismo em segurança. Com as medidas federais.

MÁRIO CASTRIM

P.S. — Com as minhas desculpas, só amanhã poderei falar com os leitores sobre a Cornélia de ontem. Eu, desde que no domingo ouvi apregoar largamente uma corrida com toiros dos irmãos Vinhas, até fiquei com raiva às vacas. Ah, tourada, tourada, como fomos enganados, nós que tanto esperámos que tu já não vinhas... — M.C.

No ALGUEIRÃO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na TABACARIA MIMO



tempo

Situação do tempo
09.00 H.

O céu estava geralmente limpo o vento era fraco e havia neblina ou bruma em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	25°
P. DOURADAS... ..	22°
COIMBRA	26°
PORTALEGRE	29°
LISBOA	21°
SAGRES	22°
FARO	24°
P. DELGADA	22°
FUNCHAL	20°
V. CASTELO	23°
BRAGANÇA	23°
V. REAL	23°
ÉVORA	23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima.....36°

FIGUEIRA DE CASTELO
RODRIGO

Mínima.....13,6°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.51 3,9 m	8.22 0,8 m
15.07 4,1 m	20.45 0,7 m
Dia 14	
3.27 4,0 m	8.59 0,7 m
15.44 4,2 m	21.22 0,7 m
Dia 15	
4.04 4,1 m	9.38 0,7 m
16.21 4,2 m	22.00 0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco soprando moderado de leste na costa algarvia. Nebulinas matinais na orla costeira ocidental a norte do Cabo da Roca.



AMANHÃ

NAScer AS 7,17
OCASO AS 19,47



Dia 13 Dia 20 Dia 27 Dia 5

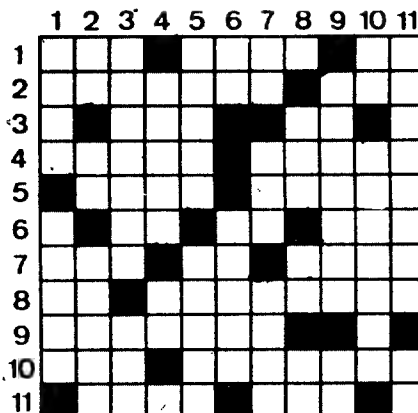
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 11.839

HORIZONTAIS:

- Colocou. Completo. Bromo (s.g.).
- Sairam frequentemente à rua. Dê pios.
- Artigo definido. Raer. Fútil.
- Espécie de labro. (peixe). Circuito.
- Deus supremo da religião fenícia. Género de moluscos.
- Letra grega. Preposição e artigo. Zombar.
- Vazio. Sufixo que designa estado. Alimento para engordar animais.
- Vi. Rápidas.
- Frutos do tomateiro.
- Pega. O mesmo que carris.
- Cantiga. Espaço de trinta dias.



VERTICAIS:

- Vantagens. Vira.
- Alternativa. Prefixo que designa afastamento. Zelosa.
- Fasquia. Oceano.
- Borrião. Apellido.
- Região alpestre dividida entre a Áustria e a Itália e que pertenceu inteiramente aos Estados austríacos. Diferente.
- Preposição e artigo (inv). Equipei.
- Decímetro. Animal doméstico. Guarneciam de asas.
- Turno. Crómio (s.g.). Hospedaria oficial, na China.
- Impedirei de andar. Reis.
- Bismuto (s.g.). Salpicara.
- Fizeras eco. Isolado.

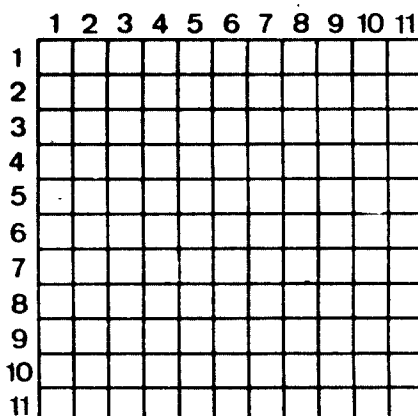
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7.900

HORIZONTAIS:

- Fruto da ateira. Uma das Esporadas. Preposição.
- Designação vulgar e antiga de certos frades. O mesmo que opalo.
- Em partes iguais. Exclusiva. Atmosfera.
- Três vogais iguais. Camareira.
- Aqui está. Ente. Fútil.
- Freguesia do concelho de Penafiel. Abismo.
- Brisa. Osso do braço. Alteza. Sereníssima.
- Aparelho de ginástica. Nome de planeta.
- Desabrochara.
- Vã. Amargo. Nome de Buda na China.
- Afie. Tostas.



VERTICAIS:

- Cidade do Irão. Nome antigo de Ceuta.
- Corda de reboque. Aprel. Era Cristã.
- Aparência. Pega. Rubidio (s.g.).
- Arteria. Acoitar.
- Plantas ocas nos entrenós. Fundador do Islamismo.
- Nome de letra. Basta.
- Esmurra. Saira frequentemente à rua.
- Progenitor. Cabeços.
- Apellido. Antiga capital da Birmânia. Autores.
- Pronome pessoal. Vale esplanhol nos penêns. Nota musical.
- Nome de mês. Pavimentos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.839

HORIZONTAIS:

- Lapas. FRITA.
- Aras. OUBEM.
- Salas. Isara.
- Aras. NÃO.
- Sal. Atais.
- Eu. Ota. Ira.
- CRÉ. Inda.
- Aru. Torrar.
- Temas. Ária.
- Amearam. Am.
- Oásico.

VERTICAIS:

- Lã. Recatar.
- As. São. Fará.
- Palas. Urrém.
- Asarão. NÃO.
- Salitara.
- Anosas.
- Fui. Dr. Mi.
- Res. Tiara.
- Imanar. Ar.
- Raia. Ria.
- Araós. AMA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7.899

HORIZONTAIS:

- Sofia. Mas.
- As. São. Fará.
- Fão. Aire.
- Implantaram.
- Raia. Eure.
- Ogiva. Sás.
- Am. Ci.
- Uas. Ará.
- Abanaríamos.
- Io. Er. Agá.
- Sr. Marras.

VERTICAIS:

- Safira. Dais.
- Sama. Sabor.
- Opio. Sã.
- Os. Laga. Nem.
- Fada. Impara.
- Io. Neva.
- Atua. Aiar.
- Fiar. Praga.
- Marres. Amas.
- Area. Airó.
- Sa. Mascasse.

PROVÉRBO: QUEM NÃO CRÊ NÃO AMA

1001
VIAGENS "IT"
(Tarifas reduzidas de avião)
PEÇA A RESPECTIVA BROCHURA
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Santa 2 • Telef. 270112
FARO Rua Costa Brava 65 • Telef. 250356

MADEIRA
Eim-de-semana 23 a 25 de Setembro. Por ocasião do jogo de futebol Nacional do Funchal - Desportivo da CUF. Preços excepcionais desde:
2.900\$00
incluindo viagem em avião TAP, hotel, transportes, visita ao Funchal e Câmara-de-Lobos e assistência de delegado Abreu.
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Santa 2 • Telef. 270112
FARO Rua Costa Brava 65 • Telef. 250356
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Farmácias de Serviço

LISBOA

ACOREANA — Largo Conde Barão, 2. Tel. 6613330.
ALB — Rua Santana à Lapa, 156. Telefone 663562.
BASTOS — Rua Moraes Soares, 91-D. Tel. 842725.
CONDESTÁVEL — Rua Corlho de Rocha, 119. Tel. 666206.
DILENA — Rua Aliança Operária, 49. Tel. 636620.
ESPERANÇA — R. Carlos Mardel, 101-B. Telefone 722888.
ESTADOS UNIDOS — Av. E. U. da América, 16-B. Tel. 725859.
FATMA — Av. 5 de Outubro, 147-A. Tel. 763107.
GOIS, LDA. SUCR — R. Anjos, 12-C-D. Tel. 840101.
IVONE, LDA — Rua Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760.
LAVINHA — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A. Tel. 42312.
LEAL DE MATOS — Rua Neves Costa, 33-35. Tel. 780181.
LUSITANA — Av. de Roma, 18-A. Telefone 725453.
MARLUZ — C. da Picheleira, 140-B-C. Telef. 720703-728395.
MATOS VIEGAS — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 784174.
MORAO — Rua da Assunção, 17-19. Tel. 321289.
NEOTERAPIA — Campo Grande, 138. Tel. 774682.
NOVA LUZ — Rua D. Domingos Jardo, 28-A. Tel. 843439.
NOVAIS — Av. Luis Bivar, 11-13. Telefone 44324.
PALMA — Av. Duque de Ávila, 25-31. Tel. 547088.
PARIS — Rua Reinaldo Ferreira, 5-A. Tel. 890131.
PATRIA — C. dos Mestres, 30-A. Tel. 680627.
PROBIDADE — Rua Alcântara, 15-A-B. Tel. 638589.
ROMANA — Rua Actor Augusto de Melo, 7-A. Tel. 363800.
SACRAMENTO — Rua Actriz Palmira Bastos, lote 42. Tel. 384904.
S. TOMÉ — Estrada do Desvio, lote 12-C. Tel. 790704.
SOUSA — Estrada de Benfica, 429-431. Telef. 780027-789985.
ZILBER — Rua S. Tomé, 54-56. Telefone 662835.
ZIRA — P. Casa Novas, lote 66 (B. Encarnação). Telef. 311216-310172.
FATMA — Av. 5 de Outubro, 147-A. Tel. 763107.
BRANQUINHO — Rua Sapadores, 87. Tel. 842725.
NONE, LDA — Rua Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760.
LUSITANA — Av. de Roma, 18-A. Telefone 725443.
MARLUZ — Calçada da Picheleira, 140-B/C. Tel. 720703-728395.
MATOS VIEGAS — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 784174.
NOVA LUZ — Rua D. Domingos Jardo, 28-A. Tel. 843439.

PATIS

Rua Reinaldo Ferreira, 5-A. Tel. 890131.
ROMANA — Rua Actor Augusto de Melo, 7-A. Tel. 363800.
SOUSA — Estr. de Benfica, 429-431. Telef. 780027-789985.

LINHA DE CASCAIS

ALGES — Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 2112070).
ALCABIDECHÉ — Carvalhal Até às 21 horas.
PORTO SALVO — Ferreira Bastos Até às 21 horas.
CARCAVELOS — Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas.
S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085). Até às 21 horas.
PAÇO DE DARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090). Até às 22 horas.
NOVA OEIRAS — Leal, Até às 21 horas.
PARADE — Alair, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (Telef. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
PARADE — Junqueira-Mendes Até às 21 horas.
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Telef. 263052). Até às 21 horas.
S. JOÃO DO ESTORIL — AMOREIRA — Amoreira (Telef. 262313-267314). Até às 22 horas.
CASCAIS — Nova, Est. de Alvide-Fountainhas (Telef. 281044). Até às 21 horas.
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
LINHA DE SINTRA — AMADORA — Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210). Permanente.
Melo, P. D. João I, 90-B (Telef. 932756). Até às 22 horas.
DAMAIA — D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906).
CACÉM — Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D.
ALGUEIRAO — Rodrigues Rato (Telef. 2912038).
MERCES — Claro Russo.

RIO DE MOURO

Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194).
SINTRA — Simões, Estefânia, (Telef. 2930832).
COLARES — Abreja (Telef. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Roda, 8 (Telef. 204250).
ALMADA — Galeano, R. Capitão Leitão 85-B (Telef. 2760565).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 178-B (Telef. 2040302).
BARREIRO — Higien, R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017).
COVA DA PIEDADE — Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telef. 2767356).
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029).
MONTIJO — Monteiro, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028).
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580).
COSTA DA CAPARICA — Carlos, Av. do Mar, 34-A. Quinta de St.º António.

PORTO

CLÉRIGOS — Rua dos Clérigos, 36. Tel. 315394; **CRUZ** — Rua de Costa Cabral, 1082. Tel. 480041; **MAIA** — Rua do Campo Alegre, 192. Tel. 64450; **BOTELHO** — Rua da Alegria, 863. Tel. 480060; **ES-TÁCIO** — Rua da Bandeira, 120. Tel. 22664; **GUARANI** — Rua Pedro Hispano, 367. Tel. 62250; **MENESES DE LIMA** — Praça Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227. Tel. 51764; **LIDADOR** — Rua do Lido, 171. Tel. 683739.
(De dia e toda a noite)
CAMPOS — Rua Luís Cabral, 943 — Foz. Tel. 680113; **MONTE DOS BURGOS** — Rua do Monte dos Burgos, 802. Tel. 82279; **ALIANÇA** — Rua da Conceição, 2. Tel. 24203; **ALVES MOREIRA** — Av. Rodrigues de Freitas, 167. Tel. 51889.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
SILCAR — Rua Ferreira Borges, 88-94. Tel. 22923; **SEBASTIAO** — Rua António Jardim. Tel. 72802.

Cinemas

Cinemas

Cinemas

ab CINE
 Centro Comercial de Alvalade
 Sala A
 Não acons. m/ 18 anos
 14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00
 3.ª Semana
PRESIDIÁRIO
 Sala B
 Interdt. a m/ 18 anos
 12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30, 23.30
 6.ª Semana
CARRIE

ALVALADE
 T. 897480 15.30, 18.30 e 21.30
 Para todos
HEDI

APOLLO 70
 Tel. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
 O INQUILINO
 de Roman Polanski
 Interdt. a m/ 18 anos
TRAGAM-ME A CABEÇA DE ALFREDO GARCIA

AVIS
 T. 47163 15, 18.15 e 21.30
 Não acons. a menores de 13 anos
 14.ª semana
SOFRIMENTO DE AMOR
 o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BERNA
 Tel. 776098 14, 16.30, 19, e 21.30
UMA VIAGEM AO REINO DA FANTASIA
FUGA PARA A MONTANHA MÁGICA
 um filme de John Hough para todos

CALEIDOSCÓPIO
 Tel. 795093 14, 16.30, 19, 21.30
FUGA PARA A MONTANHA MÁGICA
 um filme de John Hough para todos

1.º Programa
 18.00: Noticiário; 18.10: «Hoje respondemos por música», por António Vitorino d'Almeida. Orquestras; 19.00: «Poemas e poemas» Música variada; 20.00: «Jornal da Noite»; 20.30: Melodias; 21.00: 1.º episódio do folhetim «O obso», de Alexandre Herculano, numa adaptação de Manuela de Azevedo; 21.20: «Contraponto»; 24.00: «Último jornal»; 00.30: «Vozes na noite».

2.º Programa
 16.55: Música religiosa de Bach: missa em si menor; BWV 232; 19.00: «Música portuguesa»; 20.00: Música de câmara: divertimento n.º 2, em ré maior, K. 131, de Mozart. Suite «Holberg» op. 40, de Grieg; 21.05: Música de Handel: 3.º acto da oratória «Jephtha»; 21.45: Efeméride musical: morte Emanuel Chabrier, «Espanha» (rap-sódia) «Bourrée Fastasque», «Suite Pastorale», «Marche Alegre»; 22.30: Ópera: 2.º acto de «A Italiana em Argel», de Rossini; 00.05: Conjuntos de câmara: Concerto em ré maior (F. VI N.º 17), de Vivaldi. Concerto em ré maior (F. XII, n.º 51), de Vivaldi. Quarteto em sol maior, K. 387, de Mozart; 01.00: Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional (290m)
 18.00: «Contacto»; 18.20: Títulos de 1.ª página; 18.30: Actualidade; 18.45: Fórmula 1; 19.05: Teatro trágico, pelos Perdiantes de Lisboa; 19.25: Tempo Citóen; 20.10: Antologia; 20.30: Pesquisa; 21.00: A música e as vozes; 21.30: «Quando o telefone toca»; 22.00: Novas de Alegria; 23.00: «Nocturno»; 24.00: «Nocturno» (continuação); 00.15: «Dia a dia com o passado»; 02.00: Fecho.

CASTIL
 Tel. 530194 15.30, 18.30, 21.30
 Claudia Cardinale/ Nino Manfredi/
 Eurico Maria Salerno
NO ANO DO SENHOR
 de Luigi Magni
 Não acons. m/ 13 anos
 O filme começa 6 m. após o início das sessões

CONDES
 Tel. 322523 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
 Para todos
A GRANDE PARÓDIA
 De Louis de Funès

EDEN
 Tel. 320768 14, 16.30, 19, 21.30
 Clint Eastwood
 George Kennedy em
A ESCALADA
 N. acons. a M/13 anos

ESTÚDIO
 Tel. 535134 Estreia às 21.30h
 Não acons. m/ 13 anos
ISTO PODE ACONTECER-LHE
 de Robert Mulligan

ESTÚDIO 444
 Tel. 555134 15.00, 17.00, 19.00, 21.45
 Não acons. m/ 13 anos
GOLPE EM BERLIM

IMPÉRIO
 Tel. 555134 15.30, 18.30 e 21.30
 Filme seleccionado para inauguração da época
 N. acons. a M/13 anos
MACOMÉ, O MENSAJEIRO DE DEUS
 c/ Irene Pápas e Anthony Quinn
 um filme de Moustapha Akkad

LONDRES
 Tel. 801313 14.15, 16.30, 18.45, e 21.30
 Int. a m/ 18 anos
O GÊNIO DO MAL
 c/ Gregory Peck

MUNDIAL
 Tel. 538742 15.15, 18.30, e 21.30
 Interdt. a m/ 18 anos
EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA
 c/ Rossana Podesta Silvia Kosciña

3.º Programa-Local (187,5 m)
 18.00: «Compasso»; 18.15: Sal e pimenta (repetição); 18.45: O que não leu; 19.45: As palavras e a música; 20.10: Ontem, hoje e amanhã; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

NIMAS
 Tel. 574362 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
DAISY MILLER
 um filme de Peter Bogdanovich
 c/ Cybill Shepherd-Barry Brown

ODEON
 Tel. 326293 15.15, 18.15, e 21.15
 Não acons. m/ 13 anos
 em 2.ª semana
JULIE
 filme exibido antes da sessão

PATHE
 Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
 Int. men. 18 anos
 (colorido)
EVA NEGRA
 c/ Jack Palance, Laura Gemser
 A grande aventura do homem desde a sua origem

POLITEAMA
 Tel. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
 Bud Spencer e Terence Hill em
A COI NA DOS CARILHOS

RESTELO
 Tel. 610375 21.30
 Não acons. men/18 anos
A DOUTORA DEBAIXO DO LENÇOL

ROMA
 Tel. 887778 As 21.30h
 Não acons. men/13 anos
A FLECHA SAGRADA
 As 15.30 e 18.30 (men. 13 anos)
CRIME PERFEITO

ROXY
 Tel. 48560 14.00-16.30-19.00-21.30
 O filme italiano de maior êxito
 4.ª Semana
AMOR E JUSTIÇA
 n. acons. men. 18 anos

S. JORGE
 Tel. 579144 Hoje às 21.30 estreia
 Grande Prémio do Cinema francês
A HISTÓRIA DE ADELE H.
 Um filme de François Truffaut
 Não acons. m/ 13 anos

TIVOLI
 Tel. 570595 15.00, 18.00, 21.00
 A GRANDE AVENTURA DO HOMEM DESDE A SUA ORIGEM
 A BIBI IIA
 de John Huston
 Não acons. m/ 13 anos

NOVO SERVIÇO

Você e o seu carro
 Diariamente Lisboa-Porto-Lisboa
 Caminhos de Ferro Portugueses

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

QUARTETO (18 anos)
 «A Verdadeira História de Jack o Estripador»
MONUMENTAL
 21.15 (13 anos)
 «Aqui quem Manda Sou Eu»
GIL VICENTE (Cascais)
 22.00 (13 anos)
 «O Vento nas Ramas do Salsafraz»
VARIEDADES
 21.30 (13 anos)
 «Desculpa o Castano»
BARRACA
 21.15 (13 anos)
 «Barraca Contra Tiradentes»
LAURA ALVES
 21.30 (18 anos)
 «Calcinhas Amarelas»
TEATRO DO BAIRO ALTO
 (13 anos)
 «Casimiro e Carolina»
OS CÓMICOS
 21.30 (13 anos)
 «A Guarda»
ADONUE
 20.30, 22.45 (18 anos)
 «O Calinas Cala a Boca»
MARIA MATOS
 21.45 (13 anos)
 «O Pato»

LISBOA/Cinemas

CINEOLIBO
 21.30 (18 anos)
 «Bibi»
PARIS
 21.30 (13 anos)
 «Bobby»
OLÍMPIA
 Sessões Permanentes (18 anos)
 «As Jovens Sedutoras»
CINEARTE
 21.30 (13 anos)
 «Os Super-Homens contra as Amazonas»
PROMOTORA
 21.15 (18 anos)
 «1900» (1.ª Parte)
MONUMENTAL
 21.30 (14 anos)
 «Amor sem Barreiras»
CAPITOLIO
 21.00, 23.00 (18 anos)
 «China Girl»
JARDIM
 21.15 (13 anos)
 «O Intruso»

VOX 21.15 (13 anos)

«Perigo Planetário»

LUMIAR 21.30 (13 anos)

«O Caso do Estrafalado»

COLISEU 21.30 (10 anos)

«Sugar Colt»

EUROPA 21.00 (6 anos)

«Música no Coração»

CINE AUDITORIO 21.30 (17 anos)

«A Bela Moleira»

QUARTETO Sala-1 21.15 (18 anos)

«O Caso Matei»

Sala-2 21.15 (18 anos)

«A Máscara»

Sala-3 21 e 23 (13 anos)

«Tudo à Venda»

Sala 4 21.00 e 23.00 (18 anos)

«Verão 42»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS

Chaplin
 21.15 (18 anos)
 «O Caso do Perverso Sexual»

OEIRAS

Oeiras-Cine
 21.15 (18 anos)
 «Decameron n.º 2»

PARADE

Royal-Cine
 21.15 (18 anos)
 «A Escada de Caracol»

ESTORIL

Casino
 17.00 e 21.15 (6 anos)
 «Os Dois Missionários»

CASCAIS

S. José
 21.15 (18 anos)
 «Tentáculos»

LINHA DE SINTRA

BEM MARTINS

Cine Chaby
 21.15 (18 anos)
 «Prazeres de Vampira»

AMADORA

Cine Estúdio
 21.30 (13 anos)
 «A Corrida de Loucos»

SINTRA

Carlos Manuel
 21.30 (18 anos)
 «Rivais Temerários»

OUTRA BANDA

ALMADA

Incrível
 21.15 (18 anos)
 «O Homem que matou Billy de Kid»

TRAFARIA

Pavilhão Jardim
 21.15 (18 anos)
 «Núpcias Vermelhas»

PORTO/Teatros

SÁ-BANDA

21.45 (13 anos)
 «O Caso do Estrafalado»

PORTO/Cinemas

SALABÊ

21.10 (6 anos)
 «Serenata à Chuva»

JÚLIO DINIS

21.15 (18 anos)
 «Os Vencidos»

OLÍMPIA

21.30 (18 anos)
 «Emanuelle Negra n.º 2»

ÁGUA DE OURO

21.30 (18 anos)
 «Big Boss o Impacável»

PASSOS MANUEL

21.30 (18 anos)
 «Cabaret»

ESTÚDIO FOCO

21.15 (18 anos)
 «A semente do Diabo»

ESTÚDIO

21.30 (6 anos)
 «Pra Guerra não, meu General»

ESTÚDIO 400

21.30 (18 anos)
 «O Amor Faz-me Fome»

TRINDADE

21.30 (6 anos)
 «A Última Loucura»

CHARLOT

21.30 (13 anos)
 «As aventuras de Taktia Kan»

COLISEU

21.15 (13 anos)
 «Mama»

S. JOÃO

21.30 (4 anos)
 «O Gendarme em Férias»

VALE FORMOSO

21.15 (18 anos)
 «Catherine»

CHAPLIN

21.30 (4 anos)
 «Os Malucos no Supermercado»

RATILHA

21.30 (13 anos)
 «O Espião sem Amãhã»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos)
 «Eva»

S. TEOTÔNIO



RENAISSANCE GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 64531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SOBRADO, 44
TELEF. 371154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL

O "DL" está de parabéns

A Norma, uma empresa que realiza periodicamente sondagens sobre a audiência dos órgãos de comunicação social, acaba de revelar que quatro jornais, dois do Porto e dois de Lisboa, fizeram, de Novembro de 1976 a Junho de 1977, recuperações verdadeiramente espectaculares no respeitantes aos seus leitores habituais.

Esses jornais são o «Jornal de Notícias», o «Comércio do Porto», o «Diário Popular» e o «Diário de Lisboa».

Ultrapassada a crise que afectou toda a imprensa entre 1974 e 1976, em parte devido à subida do preço dos jornais e, em parte devido ao número invulgar de publicações vindas a lume durante esse espaço de tempo, estes quatro jornais estão novamente em vias de recuperar as posições que ocupavam em 1974. O «Diário de Lisboa», ocupa o

quinto lugar dentre os jornais com maior audiência do país e terceiro dentre os jornais publicados em Lisboa. No que se refere aos vespertinos, mantém a sua posição tradicional, já que é o segundo jornal do país em matéria de audiência.

Vale a pena referir, ainda, que o «Diário de Lisboa» tendo atingido em Novembro de 1976 o ponto culminante da crise que, repetimos, afectou toda a imprensa, conseguiu recuperar, no curto espaço de sete meses, a maioria dos leitores que, por este ou por aquele motivo, se tinham afastado do seu jornal habitual.

Os números agora divulgados constituem motivo de júbilo para quantos trabalham neste jornal inteiromente consagrado à sua missão de informar, mas constituem, também, motivo de júbilo para os seus leitores e anunciantes.

Todos estão de parabéns.

CÓLERA NO MUNDO

A vacina de 70 já não protege

A Organização Mundial de Saúde, através do seu Boletim Epidemiológico, revela terem-se registado recentemente casos de cólera em nove países e regiões. Assim, para além de a OMS ter sido notificada da ocorrência de 82 casos em Tarawa, na ilha Gilbert, no Pacífico, foram assina-

lados à Organização mais os seguintes casos: Cisjordânia, 2; Arábia Saudita, 17; Jordânia, 144; Líbano, 4; Síria, 235 (oito dos quais mortais); Grã-Bretanha, 37; Itália, 7 e RFA, 1.

Os dirigentes da OMS «ainda não estão preocupados» com o recrudescimento da cólera mas são de opinião que a vacina utilizada nos primeiros anos da década de 70, «já não desempenha qualquer espécie de protecção» nos novos casos agora registados.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
EM AGOSTO: 44 200
(Hoje 24 páginas)

COMUNICADO CONJUNTO ASSINALA

Reforço da solidariedade PCP-MPLA

Uma delegação do MPLA, de visita a Portugal a convite do Comité Central do PCP, foi ontem recebida pelo Presidente da República, em audiência de cumprimentos. Posteriormente, num centro de trabalho do Partido Comunista, realizou-se uma reunião entre a delegação angolana e membros do Comité Central do PCP, tendo sido aprovado, um comunicado conjunto final.

Henrique Santos (Onambué), membro do Secretariado do CC do MPLA, Roberto de Almeida, membro da Comissão de Relações Exteriores do CC e o major Kamu de Almeida, membro do Departamento de Relações Exteriores do MPLA, foram recebidos por Alvaro Cunhal, secretário-geral, Carlos Costa, da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, e Rogério de Carvalho, membro do CC do PCP.

Segundo um comunicado conjunto final, as conversações decorreram «num am-

biente de calorosa amizade e camaradagem que são tradicionais e características nas relações entre os dois partidos».

«As delegações do MPLA e PCP» — ainda o documento — deram informações pormenorizadas da situação existente respectivamente em Angola e Portugal, trocaram impressões sobre os problemas de interesse comum e expressaram reciprocamente a solidariedade de combate e a determinação de reforçar os laços de amizade e cooperação entre os dois partidos».

No mesmo comunicado conjunto, afirma-se que as duas delegações expressaram a ideia de que as relações entre os dois partidos «constituem uma contribuição para o desenvolvimento das relações de amizade entre os dois povos e os dois países».

Entretanto, com o objectivo específico de representar o seu partido na Festa do «Ava-

tel», deslocou-se a Lisboa outra delegação do MPLA, a que eleva para duas as representações angolanas presentes em Portugal nestes últimos dias, a convite do PCP. Por outro lado, a vinda das representações de Angola poderá significar, segundo alguns observadores, o estreitamento dos laços que unem o MPLA e PCP e o interesse preferencial que se concede mutuamente.

Conforme informações prestadas hoje a um matutino oficial por informador autorizado, o facto de esta delegação que teve negociações com o PCP não se ter avistado com representantes do Governo, nem do PS, «não exclui que possa vir a Portugal uma delegação convidada pelo PS para ter negociações idênticas».

Recorda-se que Manuel Alegre, à sua chegada da recente visita que efectuou a Angola e Moçambique, anunciou a próxima visita a Portugal de uma delegação oficial angola-

ATENTADOS CONTRA REFORMA AGRÁRIA

Relógios "Timex" accionaram bombas

Apesar de ter praticamente «na rua» todos os elementos da secção encarregada do caso dos atentados bombistas na zona da Reforma Agrária, numa procura incessante de novos dados, a Polícia Judiciária encontrava-se esta manhã, segundo um seu informador, «ainda longe de poder revelar a identidade dos autores das explosões sem dúvida das mais eficazes e engenhosas perpetradas em Portugal».

Segundo a mesma fonte, os vários engenhos, podem ser considerados como perfeitos, e tudo leva a crer que tenham sido manejados por técnicos especializados. A bomba que não chegou a explodir no Instituto de Reforma Agrária de Co-

ruche era composta de 3,200 quilogramas de trotil e qelomite. Tinha dois circuitos independentes para accionar o detonador, mas ambos falharam. O disparador era composto por dois relógios «Timex», fabricados em Portugal, marcados para as 4 e 20. A energia eléctrica do sistema era obtida através de pilhas de 1,5 volts, mar «Satélite», também de fabrico português. Todas as bombas, além do seu alto potencial destruidor, tinham em comum uma característica: ao deflagrar, provocavam incêndio.

Aquele elemento da PJ voltou a demitir a notícia divulgada na edição de sábado passado, em manchete, pelo «Jor-

nal de Notícias» do Porto, de que só as Forças Armadas possuíam em Portugal o explosivo utilizado nos atentados. Conforme explicou, o trotil é usado em pedreiras, em obras de hidráulica e na construção civil.

Ainda na opinião da PJ, os atentados foram praticados por um grupo de pessoas organizadas, visto que as bombas explodiram ou deveriam deflagrar quase à mesma hora e em diferentes locais, o que pressupõe o envolvimento de vários indivíduos.

Recorda-se que as investigações que neste momento mobilizam grande parte dos efectivos da PJ estão a ser superiormente coordenadas pelos ministros da Justiça e da Administração Interna.

Submarinos nucleares

Continuação da pág. 1

verno proprietário do navio nuclear, garantindo que nada vai acontecer, sem que as autoridades navais e portuárias, por muitas garantias de segurança que sejam dadas, tenham a preocupação de assegurar o controlo do ambiente (ar e água) no domínio da radioactividade e criar condições de segurança para as populações, no caso de acidente, incluindo a sua evacuação para outras áreas não afectadas.

Ou seja, actualmente, entre nós, não existe nenhum esquema montado para um correcto controlo, e plano de emergência no caso de acidente para navios nucleares (civis ou militares). É usual que, além das garantias dos donos dos barcos, o país visitado, elabora, entre outras medidas, um plano de emergência a ser accionado por fases, consoante a gravidade da emergência, que pode ir desde o reboque do navio para um ancoradouro longínquo, até à evacuação das populações da área. Oa não consta que o Estado Maior de Armada tenha ainda solicitado a elaboração desse plano de emergência.

O EMA apenas tem solicitado o controlo da poluição ra-

dioactiva do ambiente à volta do navio — antes, durante e depois da atracação — à Junta de Energia Nuclear e aos outros serviços da administração pública. Ora tais prevenções, sem um plano de emergência, são manifestamente insuficientes.

Encontra-se, pois, ainda em vigor o Regulamento da Entrada de Navios de Guerra Estrangeiros em Território Nacional, aprovado pelo decreto-lei 267/72, o qual determina no nº. 2 do artigo 4, que o pedido de autorização de entrada, tratando-se de navios de guerra nucleares, será acompanhado de uma declaração do Governo a quem pertence o navio, contendo garantias de segurança e a responsabilidade por eventuais indemnizações por danos ou riscos.

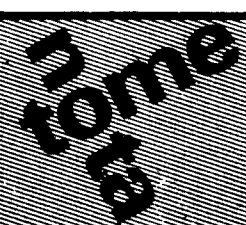
Conta do Estado

Continuação da pág. 1

da República, Conselho da Revolução, Presidência do Conselho de Ministros, representação nacional e despesas comuns), 11.176.189.639\$60 às Forças Armadas (sendo o Exército o que maior dotação obteve) e 72.307.091.070\$90

aos diferentes Ministérios, sendo o MEIC, MAI, MES, Finanças e MAS os contemplados com verbas mais altas.

Finalmente, no capítulo das Operações de Tesouraria, regista-se uma diferença de 8.046.103.165\$80 entre as entradas (75.110.897.358\$10) e as saídas (67.064.791.192\$30).



ANALISTAS BEM INFORMADOS

Ciando «analistas políticos» e sob o título «desconhecidos uns dos outros os executivos do plano», o matutino portuense, «JN», a propósito dos últimos atentados bombistas, afirma num imprompto: «existe já uma certeza: os autores morais estão ligados a um partido político com projecção na vida nacional».

A seguir desenvolve pormenorizada teoria acerca do modo como os atentados foram organizados e avança no mesmo tom definitivo, sobre o que se seguirá no futuro. Exemplo: os analistas em apreço são categóricos em afirmar que a escalada seguinte consiste em raptose atentados».

Será que a PJ já ouviu ou notificou para declarações os tais «analistas»? Talvez assim os investigadores não experimentassem as maiores dificuldades para fazerem a produção de prova» — como sustenta ainda o referido matutino.

NATURAL SUPRESA

Sob o título em epígrafe, a comissão concelhia de Vila Novade Ceveira do CDS enviou-nos um comunicado em que consta com natural supresa» que tomou posse como vereador da câmara local, o sr. Joaquim Américo Gameiro, residente na freguesia de Covas, que «em 25 de Abril de 1974, e des há muitos anos, era chefe de secção da delegação Portuguesa, funcionando a sua casa de residência como arrecadação ou quartelame-no de armas e outro material».

«Para esta ilegalidade inadmissível o CDS chama a atenção de quem de direito» — conclui o comunicado.

«Natural supresa» sim, mas nossa.

Presos dois parentes do Corrêcio

BRAGA, 13 — Mais um elemento da quadrilha do «Corrêcio» foi preso pela PSP desta cidade numa operação levada a efeito na madrugada de ontem e destinada à localização e detenção de assaltantes e marginais que vão sendo vistos na cidade e na região. Foi assim detido Abel da Costa Oliveira, de 17 anos, irmão do Eduardo «Corrêcio». Este ainda não foi localizado nem detido, tendo contra si um mandado de captura por fuga do tribunal onde estava a ser julgado.

Na mesma altura foi igualmente detido um emigrante que usa um carro de matrícula francesa e que é cunhado do «Corrêcio».

As prisões foram efectuadas no lugar do Pinheiro da Gregória, freguesia de S. Lázaro. A PJ do Porto foi depois a Braga buscar os dois presos, já apresentados ao Juízo de Instrução Criminal.

CIRCUITOS PELA EUROPA

maravilhosas viagens à partida de Paris, Londres e Zurique (Preços de Lisboa a Lisboa)

INGLATERRA E ESCÓCIA
8 dias Esc. 11 600.00

PARIS, HOLANDA E BELGICA
7 dias Esc. 14 600.00

ZURIQUE E AS MONTANHAS DA SUÍÇA
7 dias Esc. 13 350.00

peça-nos programa

EUROPE
«a experiência ao serviço do turismo»
Av. da Liberdade 233 - Telef. 536121 - Lisboa 2

Seguro como um cofre forte!

O único aparelho que impede o roubo do seu carro mesmo que se efectuem ligações directas

- A venda nas boas casas da especialidade
- Automóvel Club de Portugal e delegações (para sócios)

Av. da República, 45, 8.º Dt.º
Pontex - Telefone 771086/7 - LISBOA

À VENDA

J. J. GONÇALVES, SUCRS.
Av. Defensor de Chaves, 81

BAPAL
Av. Brasil 147 — Av. Óscar M. Torres 35 A
AUTO LUSITANIA
Lojas 1, 2 e 3
LISBOA

SOC. LUBRIFICANTES INGLESES
Av. Praia da Vitória, 73

ETIÓPIA: Guerra ou luta de classes?

R.F.A.: Jean Genet escreve sobre o terrorismo
O III Reich sem estrela amarela

RODÉSIA: Smith encostado à parede

CANAL DO PANAMÁ: O duvidoso apoio latino-americano



CEE À ESPANHA

"SIM, MAS ..."



Há pouco mais de um mês, quando o ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha, Marcelino Oreja, esteve em Bruxelas a tratar do ingresso do seu país no Mercado Comum Europeu, a resposta mais clara aos seus propósitos, e mesmo aos de Portugal e Grécia, foi dada pelo seu homólogo belga, Henri Simonet, durante uma conferência de imprensa: «Nenhum país da Comunidade admitirá a ampliação — o «elargissement» — se esta provocar uma situação revolucionária potencial, alguma agitação social ou sindical».

Estas palavras de Henri Simonet fazem sentido, para desespero dos «pretendentes». Ao dizê-las, certamente tem em mente o quadro actual da CEE, mergu-

lhada numa crise demasiadamente profunda para ter soluções cabíveis nos tempos mais próximos, e que a entrada de novos membros em nada viria a ajudar mas antes, pelo contrário, agravar ainda mais. Além disso, a palavra «concorrência», um fantasma que não deixa o capitalismo dormir sossegado, tem muito a ver com as reticências que são colocadas aos novos pedidos de adesão. Ora, a Espanha entraria no Mercado Comum, apresentando como «prato forte» a sua produção agrícola, o que não convém, nada por exemplo, aos agricultores do Mezzogiorno italiano, que há muito já deram a sua opinião sobre o assunto, lembrando que a Espanha é uma grande produtora de frutos, de legumes e vinhos, extremamente concorrenciais para os mercados francês e italiano.

No terreno industrial, onde a Espanha está em décimo lugar no mundo, não pode ser desprezada a competitividade de alguns dos seus sectores, nomeadamente na indústria automóvel, na siderurgia e no calçado, que contam com uma mão-de-obra muito

mais barata do que em qualquer país dos «Nove».

Quanto aos problemas monetários, os dirigentes da CEE, em Bruxelas, sabem muito bem que a Espanha atravessa um regime de inflação acelerada, calculada em 20 por cento em 1976, que influenciará os já inflacionados membros actuais.

É por todas essas razões que Simonet diz o que diz e que Suárez, na visita que efectuou a várias capitais da CEE no início deste mês, ouviu o que os outros candidatos já tinham recebido como resposta às suas sondagens: «Sim... mas...»

QUANDO E COMO

Em primeiro lugar, a adesão da Espanha à CEE é um dos pontos que consta dos programas de todos os partidos «fortes» surgidos após o fim do franquismo. Depois, estava decidido que, após as eleições gerais, seria solicitada a abertura das negociações. Além disso, se a CEE continuar a existir, não há dúvidas de que a Espanha, mais cedo

ou mais tarde, será um dos seus membros.

O «x» do problema é saber quanto ainda deverá esperar e quais as condições que lhe serão impostas.

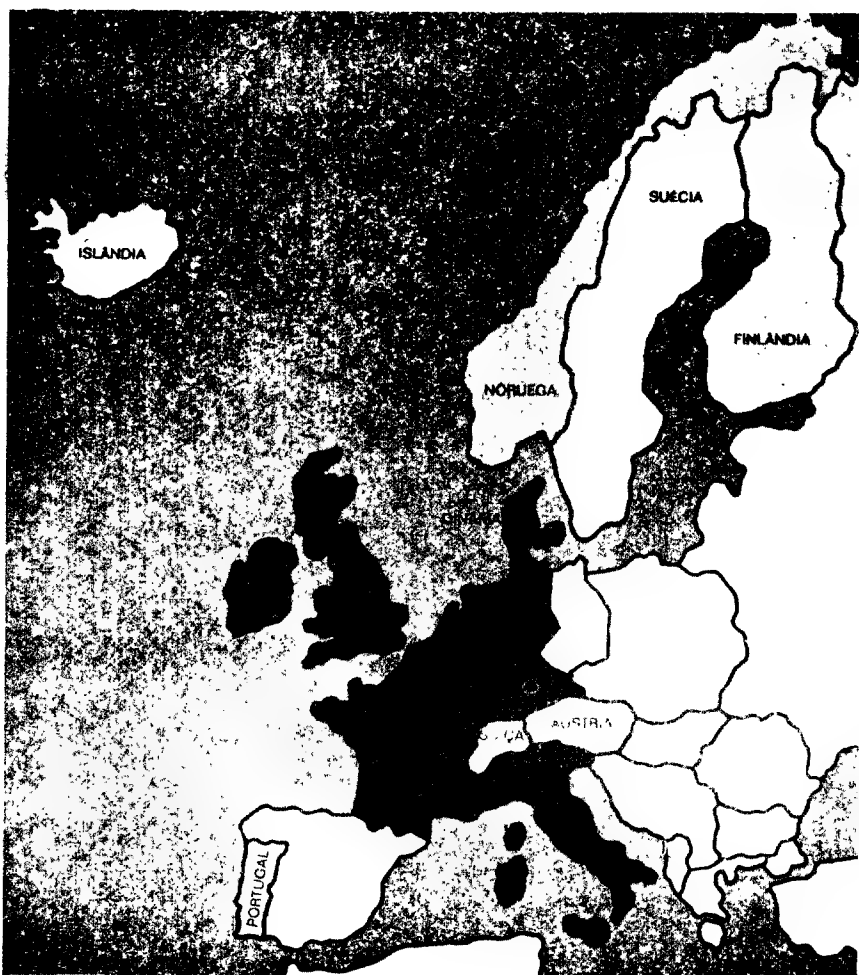
Em Bruxelas, ao mesmo tempo que se adivinha qual será o desfecho das negociações, sabe-se igualmente que elas serão bastante longas e difíceis, chegando a ser comentado que serão as mais complexas da história da Comunidade Económica Europeia.

A razão para essas cautelosas previsões? São simples. A entrada dos países do Norte da Europa no Mercado Comum deu-se antes da crise mundial. A candidatura da Espanha é apresentada num momento particularmente difícil para o capitalismo mundial, do qual a CEE é um dos mais significativos representantes. Além desse importante pormenor, a Espanha tem, actualmente, 5 por cento da sua população activa no desemprego, ao mesmo tempo em que é um dos grandes países «exportadores» de mão-de-obra barata para a Europa Ocidental e dos Nove. Os últimos dados revelam que agora 587.000 emigran-

tes espanhóis estão em França e mais 272.000 na República Federal da Alemanha, o que causa uma sobrecarga no mercado de trabalho desses países, os quais por sua vez estão a braços com gravíssimos problemas de desemprego numa época que, ainda por cima, é de recessão.

Por tudo isso é que, por detrás dos sorrisos e dos apertos de mão para a fotografia, estão as reservas, especialmente entre os franceses e os italianos, preocupados com a concorrência que os seus agricultores terão que enfrentar. Como diz Ernesto Mendonza, da Reuter, «a Espanha está a bater à porta do Mercado Comum Europeu com um grande

6



QUEM É QUEM NA COMUNIDADE

BÉLGICA

Custo de Vida: Melhorou um pouco, com uma taxa de subida, da ordem dos 7,2 por cento entre Julho de 1976 e Julho de 1977, depois de ter chegado a 12,5 por cento em Julho de 1975.

Desemprego: Uma das taxas mais elevadas da Europa, com 239 000 pessoas sem emprego, ou seja, 6,4 por cento da sua população activa.

Relançamento: Seis por cento do orçamento de 1978 será consagrado ao combate ao desemprego, paralelamente ao relançamento colectivo dos investimentos. Em contrapartida, a pressão fiscal será reforçada.

DINAMARCA

Custo de Vida: O aumento continua «forte», com a taxa

de 10,7 por cento ao ano.

Desemprego: Continua em escala ascendente. Actualmente, 147 500 dinamarqueses, 5,5 por cento da população activa, estão no desemprego. Em 1974 a taxa era de 1,5 por cento.

Relançamento: O governo prepara um plano de saneamento com prazo de três anos. Os impostos directos serão agravados a fim de financiar novos empregos e de reduzir a dívida estrangeira.

SUÉCIA

Custo de Vida: A taxa de aumento do custo de vida fixou-se em 13,1 por cento entre os meses de Julho de 1976 e 1977.

Desemprego: Um total de 69 000 suecos, que correspondem a 1,6 por cento da população activa, não têm emprego.

Relançamento: Ao mesmo tempo em que saiu da «serpente monetária» e em que desvalorizou a coroa em 10 por cento, o governo adoptou medidas que chama de «saneamento»: congelamento dos preços até 31 de Outubro; redução da taxa patronal sobre os salários e preparação de medidas para estabilizar o desemprego.

HOLANDA

Custo de Vida: Actualmente, o custo de vida aumenta ao ritmo de 7,5 por cento ao ano.

Desemprego: São 201 400 os holandeses que estão desempregados.

Relançamento: O governo encontra-se envolvido num plano de «saneamento» que prevê o congelamento dos sa-

6

ETIÓPIA: GUERRA OU LUTA DE CLASSES?

■ Jean-Claude Guillebaud
□ «LE MONDE»

A Etiópia parece estar fadada para um destino peculiar: o do mistério. Desde os enigmas rombolescos do Império até às confusões revolucionárias destes últimos três anos, uma mesma opacidade continua a isolar a antiga Abissínia do resto do mundo. O observador de fora é desencorajado pelo gosto de segredo, espírito desenvolvido de intriga e complexidades inerentes a uma velha sociedade multifacetada. Daí a inclinação para as simplificações e os esquemas. Hoje, a Etiópia está — mesmo contra a sua vontade — no centro de um gigantesco mosaico político-militar que, da Eritreia a Ogaden, do Mar Vermelho ao Índico, é alvo de planos estratégicos e de «manobras» internacionais.

Dia após dia, desde há vários meses, acompanham-se de perto as peripécias do habilidoso jogo diplomático entre Mogadíxo e Moscovo. Confrontam-se os comunicados militares e anotam-se os fornecimentos militares deste ou daquele campo. Observam-se, no mapa, os progressos dos exércitos rivais, a ponto de esquecer, em resumo, uma evidência: no «corno oriental» dominado pelo enorme «castelo» abissínico de 30 milhões de habitantes, tudo está condicionado, em última análise, pela evolução da situação interna etíope. As peripécias da revolução etíope, os resultados das lutas pelo poder em Addis-Abeba, são mais importantes a médio prazo para o futuro da região do que a configuração provisória no campo da batalha. O destino de Ogaden, de Djibouti ou da Eritreia joga-se mais em Addis-Abeba do que no terreno militar.

Neste aspecto, a crise desencadeada em 26 de Agosto na capital etíope — sobre a qual poucas informações foram até agora filtradas — marca uma viragem capital na história do país. Informações recolhidas em Paris, junto de personalidades de primeiro plano que estiveram recentemente em Addis-Abeba, permitem compreender um pouco melhor uma série de acontecimentos que pesarão proximamente no futuro do regime militar ameaçado já a posição dos soviéticos na Etiópia e indiciam, talvez, um regresso espectacular da Etiópia ao campo ocidental.

A fuga repentina de vários ministros e membros do Pomoa (bureau político) foi apresentada oficialmente como fruto do descontentamento de alguns civis depois das reformas estruturais e, mais oficialmente, como resultado do reavivar das lutas tribais entre Amharas e Oromos (Gallas). Na realidade, esta crise é sobretudo o resultado — organizado e planificado — de uma longa luta ideológica entre os militares do Derg e os seus «aliados» do ontem: o partido Meison (1), principal inspirador da revolução. A entrada na clandestinidade de meia centena de dirigentes deste partido que — segundo a sua própria terminologia — passaram do «apoio crítico» para a «oposição revolucionária», fora decidida numa «conferência nacional» realizada secretamente em Addis-Abeba, no mês de Abril. Nessa altura foi criada uma comissão encarregada de preparar, sem delongas, o regresso à clandestinidade de um partido que

não aceita, nomeadamente, o alinhamento pró-soviético do regime e que, sem no entanto se considerar pró-chinês, denuncia hoje a infiltração do «social-imperialismo» na Etiópia.

A ruptura com os militares e a decisão de «continuar a luta» enfraquecerão, mais tarde ou mais cedo, a posição do tenente coronel Mengistu Haile Mariam, ameaçado, além disso, por um golpe pró-americano da direita. O autor desse hipotético golpe poderia ser o chefe do Estado-Maior, general Gisaw, apoiado por alguns membros do Derg e certos oficiais do exército. Assim terminou a frágil colaboração entre intelectuais marxistas formados no Ocidente e militares colocados subitamente no poder, depois da liquidação do Império, quando não tinham nem formação ideológica nem experiência política. Entre Setembro de 1974 e Fevereiro de 1977, a sucessiva radicalização da revolução (nacionalizações, reforma agrária, etc.) foi obra destes intelectuais que ao contrário dos seus antigos camaradas situados desde o início na oposição, sob a sigla PRPE (2) — escolheram «jogar» e utilizar os militares, «única força organizada», sem todavia os apoiar cegamente.

Ao introduzir a literatura marxista no país, divulgando publicações clandestinas, animando mais tarde a escola ideológica de Addis-Abeba, e assenhoreando-se gradualmente dos Kébeles (comissões de bairro), e das associações de camponeses, os membros do MEISON beneficiaram do apoio dos militares «radicais» para se implantarem e organizarem. Em contrapartida, influenciaram as lutas de tendências no interior do DERG e ajudaram o tenente-coronel Maengistu a tomar o poder, ao eliminar pouco a pouco os rivais mais «moderados». Na luta ideológica que os opunha ao PRPE, foram ajudados, e rapidamente suplantados, pelo exército que, no último Outono, desencadeou a repressão contra os «anarquistas» e originou uma série interminável de assassinatos políticos.

LUTA DE CLASSES OU UNIÃO SAGRADA?

Desde Setembro de 1976 que o actual chefe do Estado, inquieto pelo fortalecimento próximo de si e através do país numa força política «cívica» fora do seu controlo, decidiu criar, entre os militares e funcionários, o seu próprio partido clandestino: o Sedete (literalmente o «incêndio revolucionário» em asmárico). A Etiópia é assim o único país onde se pode ver um chefe de Estado em exercício presidir secretamente o comité central de um partido clandestino.

Destinado a contrabalançar a influência do Meison, o partido Sedete só se opôs abertamente a este em Fevereiro de 1977. Com efeito, a existência no próprio seio do poder militar de uma fracção «moderada», ou seja, «direitista», fazia destes dois partidos, teoricamente marxistas, aliados circunstanciais contra o inimigo comum. Porém, após o «golpe» de Fevereiro de 1977, que permitiu ao tenente-coronel Mengistu eliminar pelas armas a ala «moderada»

do Derg, apoiada pelo capitão Alemayou Michael, o Sedete e o Meison encontraram-se fatalmente comprometidos numa competição furiosa (competição complicada pelas divisões que surgiam no seio do Sedete, com uma parte dos jovens oficiais opondo-se à «burocracia» e aliando-se com o Meison).

Para além das velhas divergências tácticas e ideológicas (relativamente à Eritreia, organização das milícias, da «burocra-



cia», etc.) dois factores contribuíram para precipitar a ruptura entre militares e civis: a implantação dos soviéticos na Etiópia e o agravamento da situação militar na Eritreia e em Ogaden.

Os dirigentes do Meison insistem, quanto aos soviéticos, nas suas palavras de ordem «independência nacional» e na necessidade de «contar com as próprias forças» slogans que merecem a desconfiança da URSS e consideram que Moscovo defende na Etiópia os seus interesses estratégicos de grande potência, preferindo um poder estável e autoritário a uma agitação revolucionária prolongada. «Os soviéticos procuram por todos os meios, disse um dos dirigentes do Meison, travar a nossa revolução. Incumbiram Mengistu de nos eliminar e a confiar numa burocracia». Os soviéticos teriam também encorajado o chefe de Estado a afastar os responsáveis do Meison da formação das milícias e a nomear responsáveis das novas unidades militares «técnicos» em vez de jovens oficiais revolucionários, etc.

O agravamento da situação militar, no início deste Verão, depois da dupla ofensiva dos guerrilheiros eritreus e somalis, os desastres sofridos pelo exército etíope em Ogaden e à volta de Asmara, reforçaram igualmente a desconfiança dos militares para com os «aliados» civis. Os militantes do Meison foram acusados de terem enfraquecido o país ao estimularem uma luta de classes frenética e ao encetarem uma agitação revolucionária permanente.

Ao inverso, os imperativos da defesa nacional e a preocupação de impedir a desagregação da Etiópia levaram o tenente-coronel Mengistu e os militares do Sedete a colocarem «entre parêntesis» a revolução permanente e afastaram-se dos que a pretendiam continuar. As centenas de amnistias e libertações de presos políticos consentidas na Primavera de 1977 testemunham esta preocupação — tardia — dos militares em fazerem prevalecer a «mobilização nacional» e a

«união sagrada» sobre a luta de classes».

Os dirigentes do Meison ficaram naturalmente indignados com esta «reabilitação de reacionários». Consideram que o «perigo interno» continua a ser mais sério que o «perigo externo» e acrescentam: «O melhor meio para triunfar sobre as agressões externas consiste em confiar no povo e fortalecer, antes do mais, a revolução». Optimismo, ou um pouco de romantismo,

sem dúvida... Mas os civis, hoje clandestinos, não hesitam em denunciar igualmente, a propósito das espectaculares derrotas militares etíopes, o «maquiavelismo» dos soviéticos. «Moscovo, dizem, queria colocar a Etiópia numa posição defensiva em Ogaden, para obrigá-la a um compromisso territorial com Mogadíxo. No mês de Junho (3), disseram a Mengistu que se preparava uma agressão muito grave no norte e incitaram-no a enviar para lá as milícias e mesmo uma parte das tropas estacionadas em Ogaden. Pronunciámo-nos contra. Dissemos a Mengistu: é uma armadilha. De facto, quando o Sul foi desguarnecido, os somalis atacaram. Mais tarde, o próprio Mengistu reconheceu diante de nós: deram-nos informações falsas».

Verdadeira ou não, a acusação apoia-se no entanto na tentativa — essa real — dos soviéticos em impor, entre Addis-Abeba e Mogadíxo, um compromisso territorial, que tornaria possível a grande ambição de Moscovo: permanecer simultaneamente nos dois países. Depois do fracasso de Fidel Castro em Março último em Aden, a URSS aproveitou-se, no princípio de Agosto, da modificação da relação de forças em Ogaden para efectuar nova tentativa. Uma delegação etíope, chefiada pelo major Barhanou, responsável pela política estrangeira do Derg, reencontrou-se em Moscovo com emissários somalis. Mas, apesar das pressões soviéticas, as conversações fracassaram devido à intransigência nacionalista das duas partes.

AMANHÃ WASHINGTON?

Mas se hoje multiplicam as acusações à União Soviética, os membros do Meison já não poupam também o tenente-coronel Mengistu, antigo aliado, apresentado outrora como um «verdadeiro progressista». O desejo de travar a revolução, dizem eles, está ligado à vontade obsessiva de conservar o poder, mesmo à custa de uma aliança com o diabo.

De facto, o Meison não aceitou que Mengistu tomasse decisões apenas em função do critério da eficácia militar, desprezando os imperativos revolucionários. No Harrarghé, por exemplo, aquele recusou-se a lançar as milícias locais contra os somalis (foram chamadas as do Tigré) e a armar os camponeses oromos favoráveis.

Em contrapartida, os naftenguas (proprietários amharas), ontem denunciados como «reacionários», receberam armas. Mais grave ainda. Um dos responsáveis do Meison em Harrarghé, Abdullahi Yousuf — um oromo — foi assassinado em 3 de Agosto, em Addis-Abeba, por «desconhecidos». Os responsáveis do Meison estão convencidos que os militares, inquietos com o «perigo oromo», estão na origem do crime.

Ao denunciar o novo pragmatismo «contra-revolucionário» do chefe de Estado, o Meison põe igualmente em dúvida a sua fidelidade para com o campo socialista... Há algumas semanas, o tenente-coronel Mengistu teria recebido duramente muito tempo o encarregado de negócios americano, em Addis-Abeba, para sondar as intenções de Washington face a um eventual regresso da Etiópia ao curral.

A condenação — ritual — do imperialismo americano foi banida recentemente da propaganda oficial. Tantos sinais testemunham a extraordinária instabilidade do regime etíope, e contribuiriam para explicar a súbita reserva dos países ocidentais (nomeadamente a França e os Estados Unidos) relativamente à Somália, que em Julho se propunham ajudar.

Obrigado a escolher, hoje, entre a guerra e a revolução, a Etiópia poderia ir mais longe do que se pensa nesta irresistível e talvez indispensável — «viragem à direita». No imprevisível «corno da África», em Setembro de 1977, uma «alteração de alianças» pode sempre esconder outra coisa.

(1) Mela Ethiopia Socialist Nekenake, movimento socialista para-etíope, fundado em 1968 pelos estudantes etíopes no estrangeiro e na universidade de Addis-Abeba.

(2) Partido Revolucionário do Povo Etíope reclamando-se do marxismo-leninismo e acusando os militares de terem instaurado um «regime fascista».

(3) Em 5 de Junho, com efeito, a agência Tass divulgou um despacho que provocou surpresa na altura, já que acusava repentinamente o Sudão de preparar uma «agressão armada contra a Etiópia».

ESCLARECIMENTO

O artigo «História do Golpe» publicado no «Exclusivo» da semana passada, foi um trabalho do nosso camarada de Redacção, Josué da Silva, baseado na obra «O Livro Negro do Chile», publicado pela Editora Liber.

NOMEADO POR PRETÓRIA ADMINISTRADOR DA NAMÍBIA JÁ ENTROU EM FUNÇÕES

■ Christiane Chombeau

A solução do caso namibiano poderia ser mais rápido do que o da Rodésia. Ainda se está longe de um acordo final, mas, segundo certos meios diplomáticos houve progressos nestas quatro últimas semanas.

A África do Sul aceitara no passado mês de Junho suspender a adopção e a aplicação do projecto de Constituição apresentado pela conferência

países ditos da primeira linha (Tanzânia, Zâmbia, Botswana, Angola e Moçambique), a organização revê as suas posições e aceita a presença do administrador junto de peritos da Organização das Nações Unidas. Falta definir o papel do primeiro e dos segundos.

A SWAPO já não rejeitaria uma cooperação entre o representante de Pretório e a ONU, mas continua a exigir a supremacia da última. Ela pede igualmente o controle e a su-

se as suas tropas no território. No entanto, parece que os cinco são favoráveis a um compromisso segundo o qual a África do Sul manteria tropas na Namíbia, mas em zonas muito limitadas.

O secretariado geral da ONU estudaria actualmente o envio para a antiga colónia alemã, de sete a dez mil pessoas, administradores e soldados. No entanto, nenhuma decisão pode ser tomada enquanto o Conselho de Segurança ou a Assembleia Geral não tenha dado luz verde.

UM CLIMA DE TENSÃO

O administrador geral nomeado pela África do Sul entrou recentemente em funções. O seu papel vai ser organizar as eleições gerais para a Assembleia Constituinte. Poderá legislar, fazer emendas ou abolir as leis em vigor.

Mas os progressos realizados não satisfazem toda a gente. Há dias, Dirk Mudge, presidente da conferência constitucional queixou-se em público da lentidão do processo: «Isto não pode durar assim, indefinidamente. Queremos saber no fim do mês de Setembro em que situação nos encontramos com o Oeste e o resto do mundo...», exclamou ele.

A Turnhalle encontra-se, com efeito, numa situação pouco confortável. O fruto dos seus dois anos de trabalho dorme numa gaveta, e em cada comício os seus membros vão encontrando um auditório cada vez mais céptico, como se provou com a recente tournée dos representantes da conferência constitucional, em Owamboland. «Estamos dispostos a acreditar em vós mas primeiro queremos ver o que, na verdade, fazem», foi o leit-motiv.

O próprio clima do país é cada vez mais tenso. Há frequentes lutas entre simpatizantes de diferentes grupos políticos, entre a Turnhalle e a SWAPO ou a SWANU, movimento nacionalista mais moderado.



RODÉSIA

SMITH ENCOSTADO À PAREDE

(Le Monde)

Apesar do êxito eleitoral obtido a 31 de Agosto pelo partido de Ian Smith, a sobrevivência do regime minoritário branco de Salisbúria, mantém-se precária. A Frente Rodésiana obteve a totalidade dos cinquenta lugares reservados aos Europeus, num Parlamento que conta setenta lugares. Mas que valor se pode dar aos resultados de uma consulta em que participaram menos de dez mil Negros?

Obstinado, o primeiro-ministro rodésiano quer, há vários meses, sofrer violentos ataques da parte dos ultras, que o acusavam de «liquidar» a independência unilateralmente proclamada a 11 de Novembro de 1965, nem por isso deixa de se considerar plebiscitado. Persuadido de que tem de fazer frente, com determinação, ao crescimento do nacionalismo negro, reafirmou, no próprio dia da vitória, as suas posições intransigentes. Vale-se do mandato que lhe foi dado pela minoria branca, para só discutir com os líderes negros moderados, e somente sobre os que dirigem nos. É certo que os que dirigem a rebelião armada, Robert Mugabe e Joshua Nkomo também disseram que rejeitavam o novo plano anglo-americano de estatuto negociado...

Consciente do seu isolamento e das ameaças que sobre ele pesam, Smith não deixa de mostrar uma certa prudência.

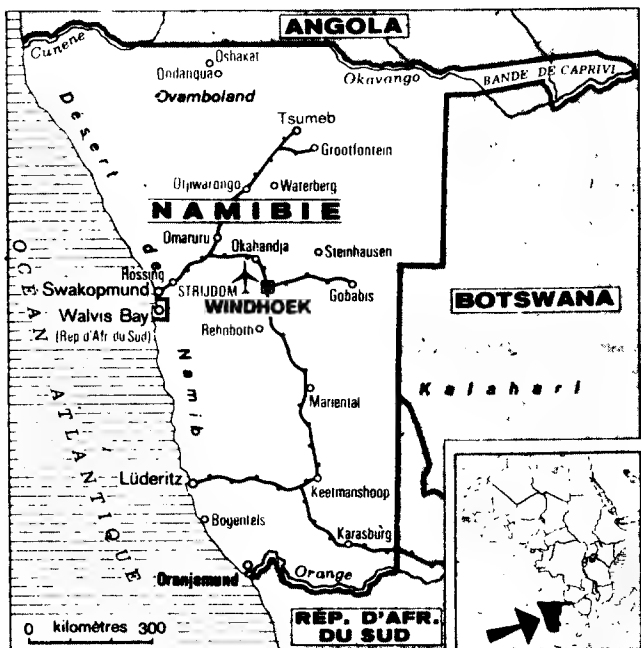
Ao denunciar veementemente os «terroristas Mugabe e Nkomo», com os quais se recusa a ter toda e qualquer discussão, e ao trocar dos esforços feitos pelos diplomatas anglo-saxónicos, o primeiro-ministro rodésiano procura sobretudo ganhar tempo. Ao evitar pôr imediatamente de

parte o plano que Owen, secretário do Foreign Office, e Young, embaixador dos Estados Unidos, vieram apresentar-lhe a Salisbúria, cortou as voltas anunciando «contra-propostas» que são, na realidade, simples evasivas.

A margem de manobra de que ele dispõe não deixa, no entanto, de diminuir e o escrutínio do dia 31 de Agosto já não pode modificar a relação de forças a favor dos separatistas brancos de Salisbúria. Os cinco «Estados de primeira linha» (Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia) directamente interessados na solução do caso rodésiano, estão, mais do que nunca, resolvidos a acabar rapidamente com Smith e com os amigos deste. A Nigéria, cujo chefe de Estado, general Obasanjo, está a efectivar uma tournée pela África austral, juntou-se, segundo parece, aos «Estados de primeira linha».

Os Ocidentais, desejosos de não descontentar os dirigentes africanos solidários com os nacionalistas negros rodésianos, afastaram-se, há já muito tempo, do governo de Salisbúria.

Embora Voster tenha claramente manifestado a sua solidariedade com Smith, quando das últimas conversas que os dois homens de Estado tiveram na África do Sul, o fortalecimento do eixo Pretória - Salisbúria não pode bastar ao primeiro-ministro rodésiano, para que o domínio branco se perpetue na Rodésia. As perspectivas de independência do Zimbabwe concretizam-se, e o voto do dia 31 de Agosto será, sem dúvida, o último escrutínio que permite a menos de cem mil eleitores brancos impôr a sua lei a quase seis milhões de Negros.



de Turnhalle, reunida por Pretória há já dois anos. Também tinha decidido, depois de uma discussão com os cinco países ocidentais membros do Conselho de Segurança da ONU (França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, República Federal da Alemanha) nomear uma administração geral que tomasse conta dos negócios correntes da Namíbia durante o período de transição até às eleições.

Até uma data recente, a SWAPO, movimento nacionalista que faz a guerrilha no norte do país, opunha-se a esse administrador designado por Pretória. Hoje, no entanto, provavelmente a conselho dos

pervisão da organização mundial durante as eleições para a Assembleia Constituinte.

O Parlamento deverá redigir uma Constituição para o novo país e organizar novas eleições.

No entanto, o movimento nacionalista continua a exigir a retirada das tropas sul-africanas antes das eleições, e a libertação dos presos políticos detidos pela África do Sul. Até agora, Pretória tem ligação a sorte dos prisioneiros e dos dissidentes da SWAPO, presos na Tanzânia e na Zâmbia. Também recusa retirar-se da Namíbia e, ainda recentemente, membros da Turnhalle lhe pediram de novo que mantives-

O "APARTHEID" E A SAÚDE MENTAL

(Le Monde)

A Amnesty International publica o resumo de um relatório da Organização Mundial de Saúde, feito a pedido da comissão especial das Nações Unidas contra o «apartheid». Nele se lê, entre outras coisas: «Em território da República da África do Sul encontram-se internados contra vontade entre oito mil e nove mil africanos. Para tal existe um contrato feito entre o Estado e sociedades com meros fins lucrativos, propriedade de brancos, que internam os indivíduos por uma soma determinada.

Estes internados são definidos numa publicação governamental como «escória de inadaptados e transviados». Não existe na África do Sul um único psiquiatra negro e todas as decisões de importância vital, para milhares de pessoas são tomadas por médicos que trabalham em part-time e que nem sequer falam a língua dos doentes. Enquanto a maioria dos doentes mentais brancos é tratada em estabelecimentos públicos, a maioria dos africanos é oficialmente declarada alienada e enviada para estas «clínicas» privadas cujo objectivo é o lucro. Qua-

se um terço do orçamento para a saúde mental, é gasto na África do Sul com esta operação...)

Recentes medidas legislativas com o objectivo de «corrigir» infractores às leis dos passaportes mostraram de modo alarmante que as violações à lei do «apartheid» e as doenças mentais recebem tratamento muito semelhante. A lei de 1976 sobre a melhoria da saúde mental proíbe praticamente toda e qualquer informação ou discussão livre sobre as condições de vida e a política que actua nos serviços de saúde mental».

SOBRE A "FRACÇÃO ARMADA VERMELHA"

JEAN GENET

«LE MONDE»

A agitação extraordinária com que a Alemanha se tem confrontado nos últimos anos, e que teve a sua mais recente manifestação no rapto do industrial Hans Scheleyer, parece agora mais ou menos controlada, apesar de alguns sobressaltos sangrentos. A maior parte dos dirigentes da «Rote Arme Fraction» (Fracção do Exército Vermelho) foram identificados, presos e condenados, em muitos casos, ao máximo previsto pelo código penal. Mesmo assim o governo de Schmidt reforçou, em 31 de Agosto, os meios policiais de que dispõe para lutar contra o terrorismo. A opinião pública oeste-alemã parece ter-se mostrado vincadamente hostil ao recurso à violência, e, por maioria de razão, ao assassinato político, preconizado e praticado por estes militantes da extrema-esquerda. No artigo que a seguir publicamos, da autoria do conhecido escritor e teatrólogo Jean Genet, este sustenta que essa violência constitui um fenómeno mais complexo e mais amplo do que o deixam entender algumas análises simplistas dos factos.

Violência e vida são quase sinónimos. O grão de trigo que germina e fende a terra fria, o bico do pintainho que quebra a casca do ovo, a fecundação da mulher, o nascimento duma criança, podem ser considerados actos de violência. E, contudo, ninguém põe em causa a criança, a mulher, o pintainho, o rebento e o grão de trigo. O julgamento movido contra a RAF (Rote Armee Fraction), o processo da sua violência, é real, mas a Alemanha Federal, e com ela toda a Europa e América, querem iludir-se. Mais ou menos obscuramente toda a gente sabe que as palavras julgamento e violência escondem uma terceira: a brutalidade. A brutalidade do sistema. E o processo movido contra a violência é a própria brutalidade. E quanto maior for a brutalidade, quanto mais o julgamento for infamante, mais a violência se torna imperiosa e necessária. Quanto mais a brutalidade é cortante, mais a violência que é vida será exigida até ao heroísmo. Pensemos na frase de Andreas Baader: «A violência é um potencial económico».

Quando uma violência é definida, ou descrita, como superior, é preciso dizer que se trata de brutalidade: o gesto ou gesticulação teatral que põem fim à liberdade, sem outra razão além da vontade de negar ou interromper uma realização livre.

O gesto brutal é aquele que destrói um acto livre.

Ao fazermos esta distinção entre violência e brutalidade não tentamos substituir uma palavra por outra deixando à frase a sua função acusadora em relação aos homens que empregam a violência. Trata-se apenas de rectificar um julgamento habitual e de não permitir ao poder dispor, como muito bem entender, e para seu conforto, do vocabulário. Foi o que fizera, e fazem, com a palavra brutalidade, que substituíam aqui em França por «incidentes de percurso».

Como são incalculáveis os exemplos de violência necessária são-no também os actos de brutalidade já que estes querem opor-se sempre à violência, ou melhor a uma dinâmica ininterrupta que é a própria vida. A brutalidade adquire então as formas mais inesperadas, não imediatamente visíveis como brutalidade. a arquitectura dos HLM, a burocracia, as substituições das palavras — características ou conhe-

cidas — pelo número, a prioridade dada na circulação à velocidade em relação à lentidão dos peões, a autoridade da máquina sobre o homem que a serve, a codificação das leis que cada vez mais prevalece sobre os costumes, o agravamento numérico das penas, a utilização do segredo que impede uma informação de interesse geral, a inutilidade das bofetadas nos comissariados, o tratamento por tu dado pelos policiais às pessoas de pele escura, a reverência obsequiosa diante da gorjeta e a ironia ou, os gestos grosseiros, quando não se dá gorjeta, a marcha em passo de ganso, o bombardeamento de Haiphong, a RollsRoyce de 40 milhões... É evidente que nenhuma enumeração poderia esgotar os factos que são como os múltiplos avatares através dos quais a brutalidade se impõe. E a violência espontânea da vida, continuada pela violência dos revolucionários, não será demais para derrotar a brutalidade organizada.

Devemos a Andreas Baader, a Ulrike Meinhof, a Holger Meins, à RAF em geral, o facto de nos terem feito compreender, não apenas pelas suas palavras mas ainda pelas suas acções, fora das prisões como dentro delas, que apenas a violência pode acabar com a brutalidade dos homens. Mas nunca, em tudo o que conhecemos sobre a sua acção, os membros da RAF permitiram que a sua violência se transformasse em brutalidade pura, porque sabem que seriam imediatamente metamorfoseados no inimigo que combatem.

Sem se preocuparem com as anedotas sobre o Kremlin, os vaticínios do general de Gaulle a propósito dum certo jantar de Estaline e outros detalhes divulgados pelos Kremlinólogos, e que têm tanto significado como as peripécias sentimentais da rainha de Inglaterra, a RAF tem procurado demonstrar que de Lenine até aos nossos dias, a política soviética nunca se afastou do apoio aos povos do terceiro mundo. Explique-se um tal facto como se quisesse, mas a verdade é que é inegável. Uma tal política pode encontrar-se, e muitas vezes é esse o caso, perturbada pela complexidade sempre viva das relações feudais e tribais, a que vêm juntar-se os interesses e as manobras contraditórias das antigas potências coloniais e da

América. Mas é inegável que desde 1917, e apesar do que afirmam os comentadores ocidentais, apesar daquilo que seria a sua política interior, a União Soviética, quer através de acordos de governo a governo, quer através dos seus votos na ONU e nos organismos internacionais, tomou sempre o partido do país mais fraco e com menos recursos.

É certo que muitas pessoas não ignoram um tal facto. Mas na Europa e por Europa é necessário entender aqui o mundo europeu da América — e sobretudo na Alemanha Ocidental, neste universo claramente anti-soviético, a RAF é a única força a afirmá-lo claramente. Em resumo, podemos dizer que a RAF restabelece uma evidência política oculta na Europa.

Será por isso que a Fracção Armada é tão pouco — apesar do impacto dos seus argumentos políticos, a mortecidos é certo por uma acção violenta e que chamam «terrorismo» — (parênteses: a palavra «terrorismo» é daquelas que deveria ser aplicada antes do mais e com toda a razão às brutalidades da sociedade burguesa) — é tão pouco dizíamos, aceite por certos grupos esquerdistas?

Há talvez outras razões ainda: a Fracção Armada parece ser o contrário daquilo que foi Maio de 68 e os tempos que se lhe seguiram. Sobre tudo estes últimos. Desde o início que a revolta estudantil — mas não as greves nas empresas — se traduziu por escaramuças, em que os adversários, os policiais e os manifestantes, procuravam com mais ou menos elegância, evitar o irreparável. Os jogos noturnos das ruas tinham mais a ver com a dança do que com o combate. As manifestações são ruidosas, abertas à própria polícia e aos provocadores de direita. No que diz respeito ao prolongamento desse mês de Maio, o menos que podemos dizer é que aparece como uma espécie de véu angélico, espiritualista e humanista. A RAF organizou-se simultaneamente com a dureza duma rolha bem apertada, com uma grande compartimentação de estruturas e com uma acção violenta que não pára nas prisões nem fora delas e conduz todos os seus membros aos limites da morte, à proximidade de uma morte sofrida que se põe violentamente às arbitrariedades judiciárias e carcerárias e até à própria morte. O heroísmo não está ao alcance de todos os militantes. Pode pois supor-se que os esquerdistas desenhados «picados» por Ulrike... o «radicalismo verbal»... fiquem atemorizados perante uma determinação tão consequente.

O que a URSS fez — o que terá feito de negativo sem ser escamoteado — é secundarizado pelo que fez de positivo. Todos os membros da RAF aceitam, reivindi-

cam, exigem ser, e integralmente, até à tortura e mesmo à morte, uma das ilhas desse arquipélago do Goulag ocidental.

Toda a «Declaração de Ulrike a propósito da libertação de Andreas em Moabit» diz muito bem e de um modo explícito, que foi a própria brutalidade da sociedade alemã que tornou necessária a violência da RAF. Compreendemos um tal facto ao lermos a declaração e particularmente a passagem que começa assim: «A guerrilha não apenas aqui, porque as coisas não se passaram de um modo diferente no Brasil... Somos um grupo de camaradas que decidiram agir, abandonando o estado letárgico, o radicalismo verbal, as discussões sobre a estratégia que cada vez tinham menos objectivos precisos, devíamos lutar...»



cam, exigem ser, e integralmente, até à tortura e mesmo à morte, uma das ilhas desse arquipélago do Goulag ocidental.

Eis uma citação de Ulrike: «Os flics procuram, através da sua acção psicológica de guerra, inverter os factos que a acção da guerrilha tornou evidentes, quer dizer que não é o povo que depende do Estado, mas o Estado que depende do povo, não é o povo que necessita de sociedades, das multinacionais e das suas empresas; mas os capitalistas que dependem do povo, que a polícia não tem como papel o de proteger o povo dos criminosos, mas o de proteger do povo a ordem da exploração imperialista; que o povo não tem necessidade da justiça mas a justiça do povo; que não temos necessidade da presença das tropas e das instalações americanas aqui, mas



Militantes do Baader-Meinhof procurados por suposto envolvimento na morte de Ponto, director do Dresdner Bank.

que é pelo contrário o imperialismo USA que necessita de nós.

Através da personalização e da psicologia projectam sobre nós aquilo que só eles são: os clichés da antropologia do capitalismo, a realidade das suas máscaras, os seus juizes e procuradores e os seus esbirros fascistas: o polícia que se compraz na sua alienação, que só sabe viver torturando e oprimindo, explorando os outros, para quem a base da vida é a carreira, a subida, o acotovelar, a vida à custa dos outros, a exploração, a fome, a miséria, a expoliação de alguns bilhões de seres humanos no terceiro-mundo e aqui».

Sublinho esta frase porque revela que a miséria do terceiro mundo — miséria física, moral e intelectual — está neles constantemente presente, que a RAF vive essa miséria no espírito e no corpo.

Quando denunciam as brutalidades dos Estados Unidos e da Alemanha Federal, que é o seu principal agente, é com esta Alemanha subjugada que se preocupam. Mas no mesmo instante, no mesmo movimento, preocupam-se também com toda a miséria

que o r... o escre... não pro... de e a... em toc... monstr... sensibi... na Euro... rebotal... Se a... «O pro... caminh... tra-reve... da, pel... que coi... reição... sua tra... ro part... de RAF, a... «re-hu... nho» c... de isol... e de vic...

Enco... gosa, v... tar o o... pensar... se de... de mo... mais... metod... utiliza... de 26 c... declar... te-se i... de que... midt re... se trat... são, ei... meios... da me... té... tação... contra... culada... sa po... qual a... da so... ma». É de... sição... tência... do co... vo... mente... sável... que p...

ADE

que o mundo encerra. E quando o escrevem os membros da RAF não provam apenas a generosidade e a ternura que se esconde em todo o revolucionário. Demonstram também uma enorme sensibilidade perante aquilo que na Europa continuamos a chamar rebotalho.

Se a análise de Marx é justa: «O processo revolucionário abre caminho pela criação duma contra-revolução poderosa e unificada, pela criação dum adversário que conduzirá o partido da insurreição a evoluir na luta para a sua transformação num verdadeiro partido revolucionário...», então devemos reconhecer que a RAF, ao preço de sacrifícios sobre-humanos, decidiu «abrir caminho» com tudo o que isso implica de isolamento, de incompreensão e de violência interior.



to na morte do banqueiro

Encontram-se na situação perigosa, vigilantes para poderem evitar o orgulho, sabendo que o seu pensamento deve desembaraçar-se de todas as escórias imbecis, de modo a tornar-se cada vez mais penetrante. E atentos aos métodos de luta que o sistema utiliza contra eles. No julgamento de 26 de Agosto de 1975, Andreas de clara se chama: «O Estado bate-se aqui com todos os meios de que dispõe — foi o que Schmidt repetiu frequentemente, que se trata de todos os meios, que são, em última análise, todos os meios organizados da repressão, da mentira, da manipulação, da ténção —, pela auto-representação da onipotência imperial contra a tendência histórica articulada conscientemente na nossa política, na insurreição, na qual aquela se torna antagonista da sociedade e portanto ilegítima».

É de resto evidente que a oposição da Alemanha Federal à existência de todo e qualquer partido comunista que possa desenvolver as suas actividades abertamente é, em grande parte responsável pela existência da RAF o que prova, dum modo gritante,

que a social-democracia é democrata no seu discurso e inquisitorial quando quer. E inquisitorial — com torturas «limpas», «refinadas», graças às técnicas modernas —, inquisitorial sem remorsos nem perturbações.

A Alemanha que aboliu a pena da morte conduz à morte através das greves da fome e de sede, ao isolamento pela «destruição» do mais pequeno ruído, excepto o barulho do coração encarcerado que, no seu vazio é levado a descobrir no seu corpo o barulho do sangue que bate, dos pulmões, numa palavra o seu barulho orgânico, ficando a saber que o seu pensamento é produzido pelo corpo.

Afirmar que é criminoso a situação em que se encontram os membros da RAF que se encontram presos, não é dizer nada. O discernimento moral desapareceu da consciência dos magistrados e da população que foram conduzidos pelos meios de informação, e portanto de pressão, a um estado passional de descanço absoluto. É de temer que a Alemanha se sinta purificada quando «todos estiverem mortos, e mortos devido à sua vontade de morrer» e portanto mortos «porque se sentem culpados», pois é este o significado tranquilizante para a Alemanha das greves de fome e de sede, até à morte.

Lembremo-nos que os jornalistas alemães denunciam a nutrição através da sonda e decretam que o dever do médico é o de colocar a alimentação ao alcance dos detidos: estes são livres para viver ou morrer.

Do mesmo modo, os magistrados procuram ilibar-se de responsabilidades decretando que são os advogados, incapazes de convencerem os seus clientes os culpados do delito — ou crime? — de não assistência a pessoas em perigo.

Mas que significa acusar o Governo alemão, a administração alemã e a população da Alemanha?

Se os USA não estivessem fisicamente presentes na Alemanha, se a sua ambição não tivesse atingido um tamanho, tão desmedido, se a Europa não tivesse, explicitamente ou não, atribuído à Alemanha Ocidental uma função policial em relação ao Este, este espinho cravado na carne, demasiado gorda, da Alemanha, que é a RAF, seria talvez menos agudo e a Alemanha menos desumana.

Penso que se trata de um fenómeno de desprezo. A Alemanha procura — e em parte consegue — dar da RAF uma imagem terrificante, monstruosa. Por outro lado, e no mesmo movimento, o resto da Europa e a América encorajam a intransigência da Alemanha na sua actividade torcionária contra a RAF procurando, e em parte conseguindo, dar da Alemanha «eterna» uma imagem terrível, monstruosa. ●



HITLER, UMA CARREIRA

O III REICH SEM ESTRELA AMARELA

■ MANUEL LUCBERT

□ Le Monde

Uma série de atentados e de manifestações neonazis sucederam-se, durante este fim-de-semana, em França e noutros países europeus. Em Soltou, no Baixo-Saxe, uma vintena de pessoas, vestidas de negro, exprimiram o seu apoio, ao antigo coronel dos SS, Herbert Kappler, evadido há cerca de uma semana dum hospital militar de Roma. O presidente da Câmara em que o criminoso encontrou, segundo se pensa refúgio, declarou que muitos dos seus concidadãos «admiravam a coragem da senhora Kappler que permitiu a fuga do seu marido. De acordo com o jornal «Bild Zeituno», a evasão de Kappler teve a colaboração de antigos SS.

Em Viena, na Áustria, foram profanados a sinagoga e o cemitério judeus.

Em França deu-se, em 20 de Agosto, um atentado contra o consulado da Itália em Paris. De acordo com uma chamada telefónica recebida em Bona o atentado teria sido obra duma Frente Nacional, que declarou combater «pelo restabelecimento da lei e da ordem na grande Alemanha». (Ler a pág. 6).

Estas actividades e declarações provocaram inquietação em certos homens políticos, designadamente em Willy Brandt antigo chanceler e no professor Eugen Kogon. Ambos exprimiram a sua inquietação pela crescente audácia dos grupos extremistas de direita. Ao mesmo tempo um filme intitulado «Hitler, uma carreira» desencadeou uma viva controvérsia na Alemanha Federal.

Os alemães nunca têm razão. Quando se desinteressam pelo seu passado recente acusam-nos de indiferença culpada em relação aos crimes do III Reich. Quando se empurram à porta de um cinema onde passa um filme sobre Hitler, são considerados suspeitos, acusados, mesmo antes de uma análise mais profunda, de ceder uma vez mais aos seus demónios familiares.

Hitler, uma carreira: o retrato do Führer — de braço estendido, face dilacerada, patética — domina de novo, do frontão de um

cinema, uma das principais praças de Berlim. Na parte Oeste evidentemente. Em Berlim Este... a história é outra. E isso não é um dos paradoxos menores da «obra» levada a cabo pelo «maior alemão da história». Na altura da sua chegada ao poder a Alemanha era fraca, mas una. Quando a sua queda se deu estava de novo despedaçada e a sua divisão actual tornou-se um elemento fundamental da ordem europeia. Hitler queria reunir, segundo dizem, todos os filhos da raça ariana, todos os membros dispersos da nação alemã. Apenas conseguiu separá-los e lançá-los uns contra os outros de modo aparentemente durável.

Hitler, uma carreira. Que carreira? O filme, de Joachim Fest e Christian Herrendoerf, é em si uma provocação. Os seus autores não fariam melhor em chamar-lhe, como o disse um jovem espectador à saída duma sessão organizada pelo jornal Die Zeit. Hitler, uma tragédia?

Concessão aos tempos que correm? Joachim Fest, historiador considerado como sério, co-editor da Frankfurter Allgemeine Zeitung, o maior jornal do «establishment» da outra margem do Reno, não nos tinha preparado com o seu Hitler publicadinho há quatro anos (1), nem com a sua obra anterior, Os Senhores do III Reich, para tais concessões e facilidades.

Mas no nazismo, neo — ou paleo — parece estar na moda: a revista «Stern», que tem uma das maiores tiragens da Imprensa Oeste alemã e que nos últimos anos se tinha mostrado favorável à coligação entre os sociais-democratas e os liberais começou esta semana a publicação dos cadernos de Goebbels. A semana passada o semanário Der Spiegel fez de Hitler a sua capa e revelou os conhecimentos verdadeiramente desconcertantes da juventude alemã sobre o período nazi, revelados por um inquérito realizado entre três mil estudantes.

Esta vaga traz consigo o melhor e o pior. Treme-se de horror ao saber que, no período de reinício das aulas acaba de ser lançada uma ópera rock cujo título é o de Der Führer. Nela o «espírito do mal» apodera-se do corpo e da alma de Hitler.

Espera-se com impaciência e curiosidade a difusão do monu-

mental Hitler (seis horas de projecção) realizado por Jürgen Syberberg, o atormentado autor de Luís II, requiem por um rei virgem, de Karl May e duma longa entrevista filmada com Winnifred Wagner.

Os outros países também contribuem para este renascer de interesse pelo III Reich e os seus heróis sombrios. E isso é um facto igualmente perturbante. Que pensar, com efeito, da tentativa do escritor inglês em voga, David Irving, em desculpar Hitler da morte de seis milhões de judeus? (3).

Não é esse o objectivo de Joachim Fest. E, contudo, temos de nos interrogar sobre se o seu documentário de duas horas e meia, sobre aquele a quem Golo Mann chamou «o mais repugnante e o mais miserável celerado da história europeia», não é, igualmente, uma deformação particularmente nociva, porque insidiosa, da verdade. «Hitler tal como não foi», comentou o Der Spiegel a propósito deste filme que desencadeou controvérsias na outra margem do Reno, dividiu as redacções e reanimou, trinta anos depois do fim da guerra, um debate que revela um vigor impressionante.

Ingenuidade? Inexperiência dum historiador formado no estudo de um documento escrito, mas infeliz na manipulação da imagem? Erro cometido pelo autor devido a uma excessiva intimidade com o sujeito do seu filme? Na melhor das hipóteses Joachim Fest é vítima da hitleromania. Na pior é culpado de mistificação.

Fest não acredita nas explicações simplistas e irracionais que fizeram de Hitler um monstro psicológico. Não concede crédito às demonstrações mecanicistas, de tipo marxista, que o apresentam como o produto de forças económicas desejosas de salvar in-extremis, da bancarrota, o capitalismo alemão, em crise desde o início dos anos trinta.

A concepção que Fest tem do personagem, e que expôs na volumosa biografia (mais de mil páginas) publicada em 1973 é, segundo a sua própria expressão, a de um Hitler «objectivizado». Esta objectivação, que não é sinónimo de objectividade. Não o

QUEM É QUEM NA COMUNIDADE

lários durante dois anos, com excepção para os pequenos rendimentos, com o objectivo de baixar o número de desempregados para 150 000.

R.F.A.

Custo de Vida: Neste ponto, a República Federal da Alemanha tem, na Europa, o melhor «score» a seguir à Suíça. Os alemães ocidentais têm o custo de vida agravado, anualmente, apenas em 4,3 por cento.

Desemprego: Entretanto, o problema aí é mais delicado. O número de desempregados da RFA aumentou em 40 000 nos meses de Junho e Julho últimos, fazendo que o total chegue a 972.000 pessoas, ou seja, 3,7 por cento da população activa.

Relançamento: O chanceler Helmut Schmidt anunciou um plano de relançamento para o próximo dia 14, com ponto de partida já dado a 26 de Agosto, com a liberação de 6,5 milhões de marcos em liquidez bancária.

ITALIA

Custo de Vida: É na Itália que está o recorde da inflação

na Europa, com um aumento no custo de vida da ordem de 18,8 por cento ao ano, mas com previsões de descidas nos próximos tempos.

Desemprego: Também aí os italianos vão mal. Contam com 1 500 000 desempregados, conforme os dados relativos ao presente Verão, depois de em Julho de 1975, terem 800 000.

Relançamento: O governo da Itália, há duas semanas, tomou medidas de relançamento na produção e nos investimentos. A taxa de desconto foi reduzida e os encargos fiscais sobre o capital foram moderados.

FRANÇA

Custo de Vida: Dizem que no segundo semestre deste ano, o custo de vida em França vai baixar. Mas de Julho do ano passado a Julho deste ano o aumento foi de 10,6 por cento.

Desemprego: Ao contrário, o número de desempregados em França vai aumentar até Dezembro. Até agora os números indicam que 1 180 000 franceses não têm emprego, quer dizer: 5,4 por cento da população activa está parada.

Relançamento: Raymond Barre, o primeiro ministro, decidiu um «mini-relançamento» de 5 milhões de francos, absolutamente insuficientes para produzirem quaisquer efeitos positivos.

GRÁ-BRETANHA

Custo de Vida: Depois de há dois anos, a inflação ter chegado aos 26 por cento, entre os meses de Julho de 1976 e 1977 este ritmo baixou para 17,6 por cento, o que continua a ser considerado muito alto.

Desemprego: São 1 450 000 os súbditos de Sua Majestade que não têm emprego, o que quer dizer 6,1 por cento da população activa inglesa.

Relançamento: O governo preparou um «relançamento vagaroso» da economia, com algumas reduções de impostos e um acréscimo na despesa pública.

IRLANDA

Custo de Vida: De 24,5 por cento em 1975, a inflação na Irlanda baixou para 13,9 por cento, de acordo com os últimos dados.

Desemprego: É a preocupação maior na Irlanda, pois 9,6 por cento da sua população activa não têm emprego. Ou seja: 109 000 irlandeses estão parados. Esta é a maior taxa de desemprego da CEE, embora não o deixe transparente a primeira vista, nos números absolutos.

Relançamento: O novo governo irlandês passou a praticar um programa de criação de empregos e de redução de impostos que custará aproximadamente um quarto dos rendimentos fiscais previstos para este ano.

CEE À ESPANHA SIM, MAS...



cabaz de fruta e hortaliza que poderá impedir a sua entrada». Aliás, recentemente, um jornal espanhol publicava um desenho bastante elucidativo: uma enorme fileira de maçãs, couves, peras e laranjas, formando uma barreira entre a Espanha e o resto da Europa.

Quanto ao problema tempo, Hugo Neira, enviado especial a Bruxelas dos «Cuadernos para el Diálogo», faz um cálculo frio e objectivo: «Para já, nada acontecerá até Setembro, pois a última reunião do Conselho, neste Verão, realizou-se a 20 de Julho e a primeira, do próximo Outono, será a 19 ou 20 de Setembro. Em segundo lugar, quando o comissário responsável pelo estudo sobre a abertura ou não de negociações com a Espanha emitir a sua informação, terão deslizado outros nove ou dez meses. Até ao Verão do próximo ano, as negociações ainda não terão começado. Daí em diante, deve-se contar com três, quatro ou mais anos de conversações imprevisíveis, na medida em que intervirão múltiplos factores económicos, sociais, comerciais tão aleatórios como o próprio clima.» Este jornalista lembra que isso ainda não é tudo. Continua Neira: «Uma coisa é firmar o tratado de integração na CEE e outra é ajustar situações comerciais. Deve-se contar com outros quatro ou cinco anos. E os jornalistas fazem as suas somas. Total: dez anos.

A propósito de demoras e jornalistas, um correspondente teve perspicácia bastante para ver como, realmente, se processam esses casos, e daí extrair o seguinte comentário: «A CEE é um clube de ricos. Disseram aos gregos, espanhóis e portugueses: «Votem democráticos, como nós». Quando os novos sócios batem novamente à porta, com as toucas democráticas à cabeça, respondem-lhes: «Oíçam, agora temos problemas. Podem esperar um pouco?»

PRÓS E CONTRAS

Valéry Giscard d'Estaing, o presidente francês, acolheu com «agrado» a petição espanhola mas deixou bem claro a Suárez que o seu Governo não permitiria que os agricultores franceses sofressem. Um dirigente da Confederação dos Agricultores Franceses, observou: «Temos já bastante dificuldade com os italianos. Vinho mais barato de Espanha provocaria efusão de sangue em toda a França mediterrânica».

Jacques Chirac já tomou várias atitudes públicas contra a entrada da Espanha na CEE e o Parti-

do Comunista Francês, por razões diversas, também é contrário ao alargamento: «Não queremos mais problemas para os camponeses do nosso país».

Por outro lado em Itália, o primeiro-ministro Giulio Andreotti disse a Suárez que apoia a integração da Espanha na CEE durante a próxima reunião do Conselho. Recorde-se que os italianos vêm a exigir, há algum tempo, uma revisão completa da política agrícola comum da CEE e pensam que a entrada da Espanha não tornaria a situação pior. Pretendem que muitos dos benefícios da política agrícola, incluindo apoio automático de preços com que contam os fabricantes de laticínios do Norte da Europa, sejam alargados aos produtores de víveres do Mediterrâneo.

Entretanto, os custos de produção mais baratos na desenvolvimento indústria espanhola seriam muitíssimo mais competitivos dentro da Comunidade, ao mesmo tempo em que significariam uma fonte de futura fricção pois, cerca de 45 por cento das exportações espanholas seguem já para o Mercado Comum, sem que o país de Suárez seja considerado «membro», embora a Espanha compre mais à CEE do que lhe vende.

Em todo o caso, o melhor argumento a favor da integração da Espanha é de natureza político. Os governos do Novo Sentido que deve apoiar aquilo a que curiosamente chamam de «evolução da democracia no flanco Sul da Europa». Mas a democracia exige também que as condições para a admissão da Espanha devam ser aprovadas pelo parlamento deste país, onde os socialistas e os comunistas estão fortemente representados. E é evidente que nenhum deles aceitará condições que prejudiquem os agricultores e os trabalhadores espanhóis, sob pena de caírem no descrédito.

A Espanha, e não só, procura atrelar-se a um comboio que tem passado por fortes depreciações da lira e da libra, que possui balanças comerciais deficitárias, que abandonou a ideia impossível de uma «moeda comunitária», que assiste ao aparecimento de milhares e milhares de jovens e de mulheres a procura de trabalho, que sofre pressões que o empurram para o proteccionismo e, finalmente, que está a ponto de gritar: «Salve-se quem puder!»

Um alto funcionário da CEE, em Bruxelas, há dias, dizia sombriamente: «A Comunidade ia bem com seis. Com nove, tem dificuldades. Com doze...»

O III REICH SEM ESTRELA AMARELA

leva a esquecer o demagogo, nem o criminoso. Mas a condenação moral passa para segundo plano, é secundária em relação à concepção de que a biografia de Hitler foi o produto dum época, ou, como ele próprio afirma «uma mistura quase exemplar de todas as angústias, dos sentimentos contestatários e das esperanças do seu tempo».

Existe, diz, uma «identidade secreta» entre Hitler e a sua época e não foram as qualidades demoníacas de Führer, mas as suas qualidades exemplares e mesmo «normais» que tornaram possível a sua carreira.

Desta tese contestável, mas apaixonante e apoiada numa ampla documentação, não se vê nada ou quase nada, num filme do mesmo autor e sobre o mesmo assunto. A época apaga-se perante o «génio demagogo», o meio perante o actor. A afirmação torna-se, pura e simplesmente afirmação: Era um homem da rua, foi uma carreira alemã, representou a sua época, diz-nos secamente o comentário que acompanha as cenas da multidão em adoração perante o seu ídolo.

Estará também Fest fascinado? Diante do terrível poder simplificador e mistificador das imagens dos arquivos nazis, a distância que tomou em relação ao seu herói reduziu-se perigosamente. Fest não oculta um tal facto, quis sobretudo mostrar a natureza «teatral» de Hitler, o seu talento de encenador, a sua inclinação para as cerimónias gigantescas, a sua sublimação estética da morte, o prazer, da natureza erótica, do seu contacto com as

massas (mas, nesta ordem de ideias, porque não sublinhar a relação existente em Hitler entre erotismo e desejo de morte, no sentido em que o entende Georges Bataille?).

Finalmente, e conforme às suas representações mais vulgarizadas, a era hitleriana é apresentada como um espectáculo permanente, uma espécie de gesto teutónico dum passado longínquo. *Mein Kampf*, o filme de suco de origem alemã, Erwin Leiser, que apareceu há cerca de quinze anos nas salas de cinema, começava com vistas dos campos de concentração nazis. Hitler, uma carreira começa com um desfile de cavaleiros germânicos de cruz gamada. Uma marcha, com fados, do partido nazi aparece imediatamente a seguir a essa reconstituição folclórica da Idade Média, sugerindo assim uma continuidade histórica entre os arautos de ante-onde e de ontem. A «noite de cristal», de desencadeamento selvagem de depreciações anti-semitas? Não aparece. Os choros dos habitantes de Praga à entrada na cidade das tropas alemãs? São ignorados. A sinistra realidade dos campos de concentração? Despachados com algumas imagens (em quinhentas fotos, o catálogo do filme, que é o seu fiel reflexo, contém apenas cinco sobre os campos de concentração). *Mein Kampf*, o «livro dos alemães», por excelência, como o afirmava Goebbels? Não é sequer abordado. É Hitler sem hitlerismo. É o terceiro Reich sem estrelas amarelas.

Tomando uma tal posição Fest assumiu uma pesada responsabilidade não só perante os ale-

mães, mas também perante nós. Porque Hitler diz-nos também respeito. A sua obra contribui para a reintegração do hitlerismo na história alemã (a notável exposição sobre duzentos anos de história da Alemanha em exposição desde há quatro anos no edifício do antigo Reichstag, demonstra o interesse que na RFA se tem pelo passado). Tarefa sem dúvida necessária, mas em todo o caso delicada. Como assumir o passado sem iludir?

Feste está convencido que o nacional-socialismo impediu definitivamente a Alemanha de voltar a ser o Estado autoritário de outrora. Pensa que com Hitler terminou para os nossos vizinhos o século dezanove e que no Estado da Alemanha Ocidental de hoje, onde o pensamento está mais politizado do que nunca, o extremismo está condenado a ser um fenómeno marginal. Tem razão, sem dúvida. Mas a sucessão, em intervalos regulares, dos ascensos de neo-nazismo — John Le Carré tinha já descrito um tal fenómeno dum modo impressionante em *Uma pequena cidade na Alemanha* — não permite que a vigilância desarme. Sobretudo quando se constata a que quebras pode estar sujeito um espírito tão formado como Fest, o historiador. Porque, é necessário dizer que o Fest cineasta é, esperamos que apesar dele, a mais recente vítima da propaganda nazi. Uma vítima em todo o caso espantosamente condescendente.

- (1) Gallimard, 2 volumes
- (2) Grasset, 1966
- (3) Hitler's war, Hodder and Stoughton

CANAL DO PANAMÁ

O DUVIDOSO APOIO LATINO-AMERICANO

■ Newton Carlos
□ I.P.S.

A manobra foi clara: concentrando dirigentes latino-americanos em Washington para assinar o novo tratado do canal do Panamá, Carter demonstra aos seus opositores que a América Latina apoia as reivindicações do Panamá. E não se trata apenas do Canal.

Carter pretendeu demonstrar aos parlamentares dispostos a bloquear o acordo, que está em jogo o futuro das relações entre os Estados Unidos e a América Latina.

Um dos seus negociadores, Sol Linowitz, repete-o incessantemente, como se agitasse o trunfo definitivo.

Estabelecer um novo acordo com o Panamá significa abandonar uma política, dando ao acordo o carácter de símbolo de fim do «big stick» (o grande garrote).

O cortejo de Presidentes teve também como objectivo impressionar a opinião pública contrária à «entrega do Canal» ao Panamá, aqueles norte-americanos que ainda pensam que compraram a zona do Canal por 10 milhões de dólares, sendo seus donos com direitos perpétuos de soberania. Nos Estados Unidos, poucas são as pessoas que conseguem compreender que os 10 milhões de dólares, entregues há já 70 anos, pagaram direitos só para actuar «como se fossem soberanos».

Porquê convidar os dirigentes latino-americanos a Washington como um trunfo decisivo contra decisões internas? A direita norte-americana, no Congresso e fora dele, contra-ataca, negando que a América Latina apoie «em massa» o Panamá, e considera superficiais as declarações latino-americanas de solidariedade com a causa panamiana.

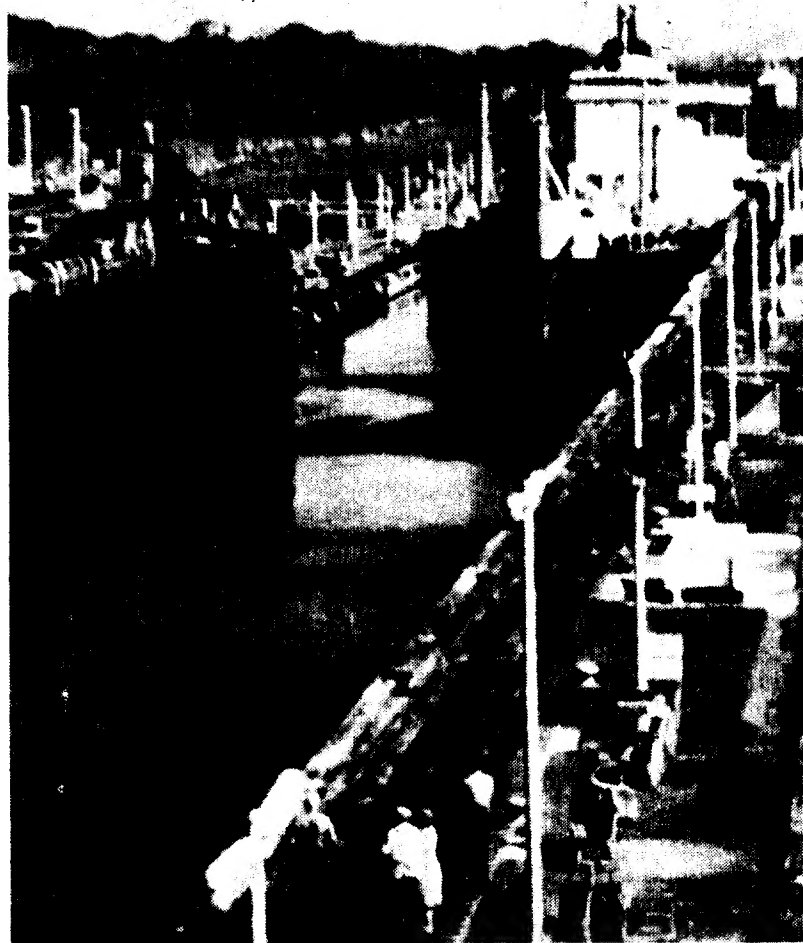
A repercussão interna destes argumentos é grande, pois são conhecidas as conexões da direita norte-americana com vários regimes do continente.

«Tenho informações seguras de que o sentimento dominante, camuflado sob as manifestações oficiais, é favorável a que os Estados Unidos mantenham a soberania no canal», declarou o senador Harry Byrd, conservador do Sul, e um dos animadores do movimento contra a «entrega do canal».

Um ex-encarregado dos Assuntos Latino-Americanos no Pentágono, declarou: «Em conversas privadas, a maioria dos dirigentes da América Latina afirma não ter nenhum interesse neste assunto, e está muito satisfeita com o controlo do canal pelos Estados Unidos.»

Inclusivamente jornais como o «Washington Post» afirmam que a política do general Omar Torrijos, chefe do Governo panamiano, não é muito cómoda para a América Latina. E falam mesmo de pressões para que o Panamá aceite a intervenção dos Estados Unidos, garantindo assim a neutralidade do canal.

O próprio Torrijos se teria queixado dos «regimes de direita do hemisfério sul», acusando-os de estar a fazer o jogo da equipa contrária. Torrijos desmentiu, ne-



gando a veracidade destas afirmações, mas alguns antecedentes indicam que houve limitações ao apoio da América Latina, ainda que fosse apenas formal, expresso em declarações mais do que na prática.

Em 1976, Torrijos e os seus partidários mais decididos, os presidentes da Venezuela, da Costa Rica e da Colômbia, decidiram transformar a celebração dos 150 anos do Congresso do Panamá, convocado por Bolívar para «a grande pátria americana», numa manifestação de apoio maciça e de alto nível aos panamianos.

Dezanove presidentes aceitaram o convite, mas nas vésperas da reunião vários começaram a desculpar-se, cancelando a visita.

Os pretextos apresentados eram a presença de Fidel Castro e a intervenção em Angola. Ficou bem claro que o apoio ao Panamá não era tão entusiástico. Falta saber se o cortejo em Washing-

ton impressionou realmente os norte-americanos.

O Brasil é discreto e formal em relação ao canal. Numa carta enviada em Abril de 1975 ao presidente da Colômbia, o presidente Geisel escreveu que «a posição do Brasil, quanto a este assunto, está definida de maneira muito clara e corresponde à sua invariável política de solidariedade continental relativamente à soberania de cada país e aos princípios de não intervenção e de autodeterminação dos povos».

Mas para vencer as resistências internas, Carter e os seus negociadores necessitaram de algo mais do que simples formalidades: necessitaram de uma manifestação que desarmasse a direita norte-americana, a qual continua insistindo que o apoio latino-americano é um mito, que é superficial, e que vários regimes da América Latina preferem que os Estados Unidos continuem a ser «soberanos» na zona do canal. ●

SE NADA MUDAR...

CEM MILHÕES DE DESEMPREGADOS EM 1999 NA AMÉRICA LATINA

Mais de cem milhões de latino-americanos estarão sem emprego no fim deste século, se continuarem em jogo os factores da produção fomentados pela acumulação de riqueza nas mãos de uma minoria.

A advertência foi feita recentemente pelo secretário do Trabalho do México, Pedro Ojeda Paullada, na inauguração do seminário norte-americano sobre a participação dos trabalhadores na formação profissional.

Sublinhando a gravidade do

problema para os países do subcontinente, aquele funcionário referiu-se aos estudos da Comissão Económica para a América Latina (CEPAL) nos quais esta propõe a alteração radical no equilíbrio dos factores de produção.

Ojeda Paullada reconheceu que a situação é crítica no México pois o subemprego atinge mais de 40 por cento da população economicamente activa e há mais de um milhão de pessoas sem trabalho. ●

SEMANA INTERNACIONAL

O TRATADO



A semana internacional teve esta semana que hoje termina, mais um tratado assinado que, pela sua importância, merece ser considerado como uma vitória da América Latina sobre o domínio norte-americano. Numa cerimónia que se realizou em Washington, na sede da Organização dos Estados Americanos, o presidente do Panamá, Omar Torrijos, e James Carter, assinaram um novo tratado do Canal do Panamá. Os seus termos, de acordo com os quais o Panamá terá a soberania sobre o canal no ano 2000, deverá ainda ser ratificado pelo Senado norte-americano, com votação a favor igual ou superior a dois terços, o que não é considerado fácil, uma vez que os «ultras» ianques tudo farão para conservar o domínio daquela importante via de comunicação entre o Atlântico e o Pacífico. A assinatura do novo tratado compareceram quase todos os chefes de Estado latino-americanos, incluindo nomes muito conhecidos como Pinochet, Videla, Banzer e Mendez (respectivamente, ditadores do Chile, Argentina, Bolívia e Uruguai) entre outros, facto que deixou Carter numa posição pelo menos delicada, pois não é fácil de explicar receber ditadores sujos de sangue num dia e falar em «Direitos Humanos» no outro.

O Orçamento



Na França, registou-se uma radical transformação na política orçamental que vinha a caracterizar a V República, quando o Conselho de Ministros propôs para 1978 um «budget» de 298 mil milhões de francos, superior em 12,5 por cento ao de 1977. Isso, para já, implica um aumento dos impostos, da gasolina, dos automóveis e do tabaco, atingindo também os bancos. Sobre o assunto, Giscard d'Estaing disse que o Governo evita todos os expedientes eleitorais ao elaborar o programa, «concentrando-se apenas nas necessidades nacionais», classificando o projecto de «sério» e «honesto». Em outras palavras, o novo orçamento francês representa um défice de 8,9 milhões de francos, o que contraria o que vinha a acontecendo nos últimos 15 anos.

A Farsa



Como já vem sendo hábito, o presidente do Uganda, Idi Amin, «desapareceu» outra vez. Desta vez, um «estado de coma»: a seguir uma pequena intervenção cirúrgica na quarta-feira, dia 7, fez com que novamente circulassem boatos desencontrados a seu respeito. Por «coincidência», enquanto Idi Amin estava «em coma» em local incerto, 15 ugandeses seus opositores eram fuzilados publicamente, sem que fossem sequer atendidos os apelos das mais altas entidades muçulmanas para que o presidente ugandês, se não poupasse os condenados, pelo menos adiasse as execuções até depois do Ramadão. Depois do seu último «desaparecimento» quando as coisas não estavam tão bem para o seu lado, Amin voltou a dizer que estava em «lua-de-mel». Qual será a explicação desta vez?

O Escândalo



Após dois meses de escândalos crescentes, na Imprensa e no Congresso, com denúncias e acusações sobre a sua honra e a sua conduta, o director do Orçamento da administração Carter, Bert Lance, entrou em «contagem decrescente» e até o fim desta semana deverá apresentar o seu pedido de demissão. Somente agora isolado pela Casa Branca, Bert Lance será afastado para que as suas falcatruas bancárias e financeiras não sejam uma reedição do caso Watergate. Curiosamente, Bert Lance foi o ministro em torno do qual James Carter mais alarde fez, dizendo que o conhecia muito bem. É ele mesmo que, neste momento, é o maior obstáculo às tentativas do presidente norte-americano para dar do seu governo uma imagem de «eficácia e honestidade».

A «Maniá»

No passado domingo, realizou-se a maior manifestação popular da história espanhola, quando um milhão e meio de pessoas vieram para a rua, em Barcelona, exigindo a autonomia da Catalunha, quando esta região, a economicamente mais importante do vizinho país, está à beira de recuperar as suas tão ansiadas liberdades. A autonomia catalã representa uma das operações políticas mais importantes que o Governo Suárez deverá levar a cabo. Para tal, já estão muitíssimo adiantadas as negociações com um dos mais acérrimos inimigos de Franco, Josep Parradellas, presidente da Generalitat — Governo Autónomo da Catalunha no Exílio.

PELO MUNDO

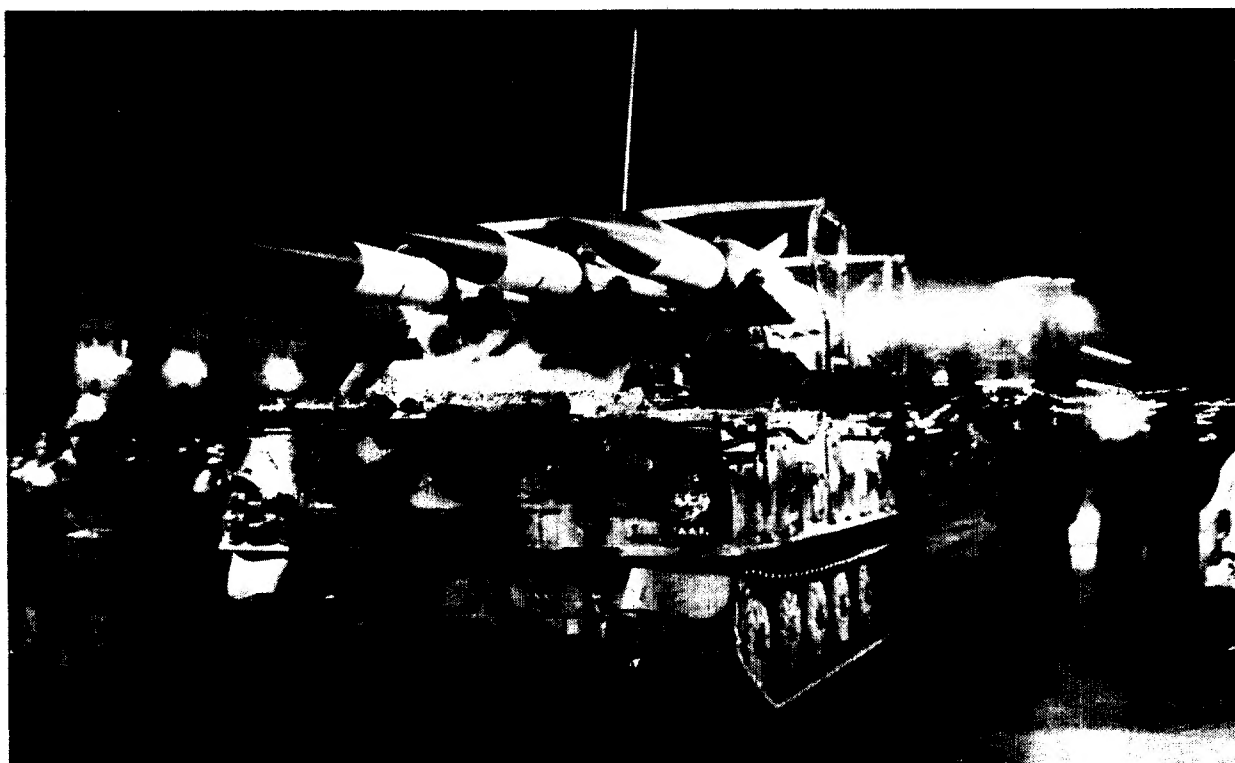
CONSTA...

... que chegou a hora da normalização das relações entre a China e os EUA. O mesmo é dizer que muito provavelmente não tardará que Washington corte as relações diplomáticas com Taipé. Isto poderá ocorrer na segunda metade do mandato de Carter. Razões? 1 — está demonstrado que Pequim não cede às suas exigências para estabelecer relações normais com os EUA; corte com Taipé, retirada das tropas dos EUA e revogação do tratado de defesa mútua; 2 — a China parece ter entrado numa fase de estabilidade e ordem internas; 3 — Carter estará ainda relativamente longe das eleições os norte-americanos estão a reagir bem ao prosseguimento do caminho de «abertura» aos países socialistas. Vantagens para os EUA? Segurar melhor a China nas suas posições anti-soviéticas, abrir o vasto mercado potencial que esse país representa. Que fazer para salvar a face? Achar uma fórmula mágica, que permita manter laços apertados (embora não formais) com a Formosa e que satisfaça Pequim. Uma declaração unilateral dos EUA sobre a continuação do seu interesse «pela paz e segurança na área» seria o primeiro balão de ensaio para «testar» as reacções chinesas.

... que a aparentemente malograda missão de Cyrus Vance ao Médio Oriente não terá sido tão frustrada como isso. Fala-se de propostas america-

nas que terão encontrado eco favorável em certas capitais árabes: 1) retirada quase total das tropas israelitas do Sinai; 2) retirada substancial dos Montes Golan; 3) acordo de dez anos sobre a Margem Ocidental do Jordão, nos termos do qual este território ficaria sob controlo militar israelita e administração civil jordana. Nos corredores de Palácio de Vidro da ONU, durante a próxima sessão da Assembleia Geral da Organização, muita coisa poderá ser tratada entre uns certos árabes e os israelitas (sempre os mesmos).

...o reverendo Ndabaningi Sithole, ainda há pouco a encarnação do diabo para os rodésianos brancos, é agora a última esperança dos colonialistas do Zimbábue perante o perigo que representa para eles a Frente Patriótica. Isto porque o bispo Murozwa, embora continue muito popular e possa contar com o apoio da zona de Bulawayo é um dirigente em queda vertiginosa. Provam-no os últimos acontecimentos no seu movimento. Sithole, muito apoiado entre os «colarinhos brancos» negros, é um dirigente cheio de ambições. O seu caminho com os brancos cruza-se, porque o tempo urge para um e outros. Para os brancos, porque têm de fazer o máximo de concessões voluntárias, sob risco de capitulação total. Para Sithole, porque este é o tempo breve que os negros moderados têm ainda na Rodésia (se é que o têm).



Líbia tem Israel na mira

No assado dia 1, nas comemorações do Dia Nacional da Líbia, em Trípoli, surgiram no desfile militar pela primeira vez tanques-porta-mísseis. Registe-se que esses mísseis têm ca acidade ara atingir Israel. A maioria das armas apresentadas no desfile era de fabrico soviético, mas o armamento francês marcava igualmente boa presença. (Foto Sipapress).

BÉLGICA

FICHEIRO PROVOCA GREVE

Uns quatro mil trabalhadores das oficinas de construção eléctrica de Charleroi (ACEC) desencadearam uma greve geral a 5 de Setembro, para protestar contra o estabelecimento de fichas de registo pessoal dos quinhentos operários da divisão nuclear da empresa. Tais fichas haviam sido descobertas há uns quinze dias por sindicalistas, na pasta de dois camaradas, também sindicalizados, mas contramestres na divisão nuclear. As fichas não tinham somente indicações sobre a qualidade do trabalho mas também sobre o comportamento político dos trabalhadores. Duas delas foram publicadas pela imprensa: «X... Falta-lhe maturidade mas não há outro como ele para envenenar as situações». «Y é um bom condutor de homens, mas só para desencadear a revolta».

Interpelada pelos sindicatos, a direcção da ACEC aceitou arranjar o ficheiro, limitando-o a apreciações profissionais. Recusou, em todo o caso, despedir os dois contramestres implicados no caso, o que provocou a greve. A direcção endureceu a sua posição e fez saber aos sindicatos que se reserva o direito de pôr de novo em causa as vantagens sociais concedidas ao pessoal pela última convenção colectiva, visto a cláusula de «paz social» não ter sido respeitada.



HUSSEIN E O OCIDENTE

A visita de dois dias que o rei Hussein da Jordânia fez à França está directamente relacionada com os receios que o soberano hachemita recentemente expriu quanto à situação no Médio Oriente. A intransigência do regime ultra de Israel poderá suscitar uma nova vaga de nacionalismo «nasserista», capaz de fazer perder as alianças árabes para o lado soviético. Eis um resultado que os regimes moderados como o da Jordânia receiam sobremaneira. Daí a intensificação procurada nas relações com as grandes capitais do Ocidente. Esta foto da Keystone mostra-nos o soberano hachemita, e a filha, Alia, num banquete no Eliseu, oferecido pelo presidente da República francesa, Valéry Giscard d'Estaing e sua mulher, presentes também na foto.



"VOYAGER" EM SATURNO

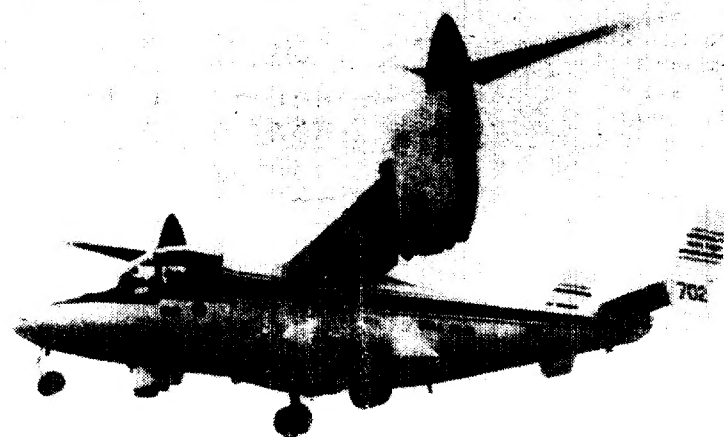
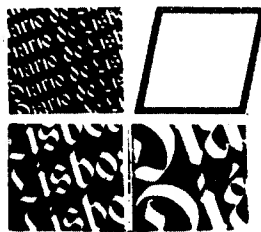
A primeira das duas novas sondas espaciais americanas «Voyager» foi lançada este mês pela NASA, no Centro Espacial Kennedy. Surgiram dificuldades técnicas após o lançamento, devido às quais foi adiada a viagem de «Voyager II». Ambas as sondas se destinam a missões explo-

ratórias para Júpiter, Saturno e Urânio. A nave «Voyager» deverá atingir Júpiter em Março de 1979,

e Saturno, em Novembro de 1980. Na foto: um desenho que nos mostra a «Voyager» a fotografar os anéis de Saturno. (Foto Keystone).

EXCLUSIVO

N.º 32 / 77



AVIÃO-HELICÓPTERO

Graças a dois reactores de hélices em pivot, este aparelho pode transformar-se instantaneamente de avião em helicóptero e inversamente. A terra ou descola verticalmente como um helicóptero e voa como um avião depois dum,

quarto de rotação dos seus reactores especiais. É o primeiro aparelho do género construído conjuntamente pela Força Aérea dos EUA e pela NASA nas oficinas da Bell Helicopter Textron de Fort Worth, no Texas. (Foto Keystone).